

REVELAÇÕES DA QUARENTENA

UMA BRINCADEIRA LITERÁRIA COLETIVA
COM TEXTOS DA PANDEMIA



Organizadores
Wellington Cordeiro e Jorge Rocha

Organizadores
Wellington Cordeiro e Jorge Rocha

REVELAÇÕES DA QUARENTENA

UMA BRINCADEIRA LITERÁRIA COLETIVA
COM TEXTOS DA PANDEMIA

Campos dos Goytacazes, RJ
2020

R449 Revelações da quarentena: uma brincadeira literária coletiva com textos da pandemia [recurso eletrônico] / organizadores: Wellington Cordeiro, Jorge Rocha. – Campos dos Goytacazes, RJ: os Organizadores, 2020. 121 p. : il. color.

Livro eletrônico.

Modo de acesso: World Wide Web.

[https://<revelacoesdaquarentena.wordpress.com>](https://revelacoesdaquarentena.wordpress.com)

ISBN:978-65-00-08798-7 (e-book)

1. Contos brasileiros – Campos dos Goytacazes (RJ).
2. Ficção brasileira. 3. Quarentena. I. Cordeiro, Wellington. II. Rocha, Jorge.

CDD B869.3



Revelações da Quarentena é uma produção independente com uma coletânea de textos livres, do gênero de ficção, criados por diversos autores. Os textos foram produzidos entre os meses de abril e agosto de 2020 e marcam o período de isolamento social pela Pandemia de COVID 19.

Organização e Projeto gráfico

Jorge Rocha e Wellington Cordeiro

Apresentação

Wellington Cordeiro

Prefácio

Avelino Ferreira

Autores

Adriana Medeiros, Adriano Moura, Alexandro Florentino, Alfredo Soares, Álvaro Marcos, Carlos Augusto Souto de Alencar, Cássio Peixoto, Cristiano Pluhar, Elda Moura, Felipe Sales, Gustavo Soffiati, João Paulo Arruda, Jorge Rocha, Lionel Mota, Marcelle Louback, Márcio de Aquino, Maurício Xexeo, Marlúcio Arruda, Rodrigo Florêncio, Ronaldo Junior, Vitor Menezes, Wellington Cordeiro, Wesley Barbosa Machado e Zé Henrique Meireles.

Escritor convidado

Aristides Arthur Soffiati

Posfácio

Eugênio Soares

Fotos dos homenageados

Acervo pessoal

Catálogo

Maria Cristina Miranda Lima

Conteúdo Digital

<https://www.facebook.com/revelacoes.da.quarentena>

<https://revelacoesdaquarentena.wordpress.com>



Fotos: Wellington Cordeiro





Apresentação	06
Prefácio	08
Adriana Medeiros - A ARRUDA NOSSA DE CADA DIA	10
Adriana Medeiros - VINTE VINTE	13
Adriano Moura - FLORÊNCIO, O VISIONÁRIO	16
Adriano Moura - MAIS ESTRANHO QUE A FICÇÃO	18
Alexandro Florentino - NO ALTO DO FAROL	21
Alexandro Florentino - RE + CORD	22
Alfredo Soares - CABRUNCADA LAMPARÃO	25
Alfredo Soares - O SEMIDEUS DA PLANÍCIE	27
Álvaro Marcos Teles - MEU NOME NÃO É ERASMO	30
Álvaro Marcos Teles - SINÔNIMO DE AMOR É AMAR	31
Carlos Augusto Souto de Alencar - DE HAMLET PARA SEU AMIGO HORÁCIO	33
Carlos Augusto Souto de Alencar - NOSCE TE IPSUM	35
Cássio Peixoto - A ORIGEM DO GUERREIRO PÓS-APOCALIPSE COVID	37
Cássio Peixoto - O CARA ALI DA ESQUINA QUE TEM UM BAIXO DE VERDADE	39
Cristiano Pluhar - ENTRE 26 DE MARÇO DE 2020 E 13 DE MAIO DE 2020	41
Cristiano Pluhar - NÃO QUERO BOTAFOGUENSE TORCENDO PRO MEU COLORADO	42
Elda Moura - É O SENHOR, SEU ADRIANO	44
Felipe Sales - URUBU REI	45
Gustavo Soffiati - O ESTRANHO SEM NOME	47
Gustavo Soffiati - PARA OUVIR @S MENIN@S	50
João Paulo Arruda - A CURA	53
Jorge Rocha - AS TRÊS TENTAÇÕES DE ZÉNRIQUE	55
Jorge Rocha - O VELHO E O BUNKER	57
Lionel Mota - O VISITANTE	59
Lionel Motta - O LIVRO	61
Marcelle Louback - CERTAS INSÔNIAS	65
Marcelle Louback - SOBRE GATOS E DESESPERO	67
Márcio de Aquino - SAMBA NA QUARENTENA	69
Márcio de Aquino - BASTIDORES DA MÁGICA HARMONIA	71
Marlúcio Arruda - OS MENINOS DAS FOLHAS DO CÉU	74
Marlúcio Arruda - CAMPISTA JP	76
Maurício Xexéo - VIVE, ELE VIVE	79
Maurício Xexéo - O CONTO DO RUSSO LOUCO	80
Rodrigo Florêncio - JHOWTROMUNDO	83
Ronaldo Junior - SENHOR DO TEMPO	86
Ronaldo Junior - SENHOR DO TEMPO II	89
Vitor Menezes - DOR E DELÍCIA DE SER O QUE É	92
Vitor Menezes - O COBRADOR DA MADRUGADA	96
Wellington Cordeiro - JORGE ROCHA DA ANUNCIACÃO	100
Wellington Cordeiro - PAI JHOW CONTRA TODO MAL	102
Wesley Barbosa Machado - ÁLVARO NO BURACO DE MINHOCA	104
Wesley Barbosa Machado - AGORA O FÍGADO É MAIS VERMELHO	106
Zé Henrique Meireles - OS DIAS INSPIRAM CAUTELA	108
Zé Henrique Meireles - O DISSIDENTE	110
Zé Henrique Meireles - ABIGAIL	113
Zé Henrique Meireles - QUERERSE DE LEJOS (AMOR EM TEMPOS DE QUARENTENA)	114
Aristides Arthur Soffiati Netto - INUSITADOS ZUMBIS - Extra	115
Verbetes	117
Pós-fácio	119



O ÓCIO CRIATIVO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL

O Revelações da Quarentena é um misto de iluminação, epifania, lampejo, inspiração, sopro, insight, centelha, intuição, visão, elã, percepção, divulgação, descoberta, declaração, denúncia, confissão, confiança, delação, manifestação, demonstração, exibição, exposição, sinal, testemunho, prova ou mostra. Há quem acredite que alguns textos religiosos tenham sido revelados por deuses ou de modo sobrenatural.

Mas o nosso projeto não tem nada de divino. O momento catastrófico da Pandemia de COVID-19 forçou um isolamento social que nos afetou profundamente. Nosso modo de vida libertário foi colocado em xeque-mate. Por isso, criamos uma forma de expressar nossa saudade, nossa estima àqueles amigos que passamos a enxergar somente no mundo virtual. Isso tudo recheado de muito humor.

O que era uma brincadeira literária de alguns desocupados, ocupados em trabalhos no sistema “*home office*”, foi ganhando corpo, assim como a maioria de nós, assaltando a geladeira a cada hora do dia. Como diria o cantor e compositor Peninha, “tudo era apenas uma brincadeira e foi crescendo, crescendo, nos absorvendo. E de repente nos vimos assim, completamente seu”.

E não mais que de repente surgiu uma vontade louca de dar um suporte físico a este projeto, concebido inicialmente para ser navegado virtualmente nas ondas da internet, nas plataformas do FACEBOOK e de BLOG. Diante desse desejo, acabamos nos contentando, à princípio, que se adaptasse ao formato de E-book - nome dado ao livro eletrônico - que surgiu para proporcionar uma série de facilidades para o hábito da leitura. Seguramente é um dos mais importantes avanços no mercado editorial desde a invenção da imprensa por Gutenberg, no século 15.

Temos no nosso plantel, futuros candidatos ao prêmio Jabuti, como Adriano Moura e Vitor Menezes. Como também, uma poetisa premiadíssima, a Adriana Medeiros. Mas, essencialmente, temos um grupo de apaixonados pela literatura que unidos buscarão a conquista do “Lobisomem da Baixada da Égua”, futura premiação baseada no bicho peludo descrito por nosso conterrâneo José Cândido de Carvalho. Entre os autores deste épico projeto, viridentes cavalheiros e intrépidas amazonas que mergulharam no universo da fantasia e enxergaram o lado “Senhor dos Anéis” dos nossos personagens, em aventuras que mostram características às vezes de *hobbit* e às vezes de *Gollum*.

Para nos deixar metidos à besta, o e-book ganhou a participação luxuosa



do escritor e professor Aristides Arthur Soffiati, que nos brindou com um conto que transforma a cidade de Campos numa zumbilândia. História que certamente vai agradar em cheio aos fãs do gênero imortalizado por George A. Romero.

Esta obra nasce em plena guerra fria, quando o anúncio da tão esperada vacina contra a COVID-19 é disputado por diversas nações. Muitas questões importantes ficam planando no ar nesse momento de tantas incertezas. A futurista Amy Webb, professora da Escola de Negócios da Universidade de Nova York, disse ao site Newsday que "temos uma escolha a fazer: queremos confrontar crenças e fazer mudanças significativas para o futuro ou simplesmente preservar o status quo?". Mas, penso numa simples questão: será que as pessoas continuarão a lavar as mãos no pós-pandemia?

Muito se fala do novo normal que possivelmente surgirá no mundo, depois que essa praga passar e que o mundo não será mais como era antes. Porém, quando lembro que já tínhamos e continuaremos a ter por algum tempo, o Trump nos Estados Unidos e o Bolsonaro no Brasil, bate uma desilusão danada. Parece que continuaremos sob a pata do elefante da ignorância. Lembro, afinal, do amigo Romualdo Braga, professor de história, que nessas horas sempre pergunta: "Cadê os meteoros?"



TEXTOS POLITICAMENTE INCORRETOS, DIONISÍACOS

Nesses tempos de pandemia de um novo vírus da família corona, COVID-19, porque foi descoberto em 2019, na milenar China, os que podem e são responsáveis, além de temerem a morte, ficam isolados. Alguns, confinados. Muitos, mesmo preservando suas vidas, choram as vidas perdidas por parentes e amigos e torcem para que outros, infectados, se recuperem. Um pandemônio, ao gosto, claro, do deus Pan, que, horroroso, adora causar medo e pavor nos chamados normais.

Ante esse quadro dantesco (o que se aproximou mais foram as covas em Manaus), alguns artistas/escritores/cultuadores da palavra, decidem que, além dos "ao vivo", devem publicar textículos sem Prometeu e Epimeteu – prólogo e epílogo – porque não pode se perder tempo com explicações do que há por vir, nem conclusão do que já foi. E assim nasceu esta obra. Uma ópera fragmentada, mas com um bom corpo. E que traz a nós, corpos reais vivendo aventuras pandêmicas, dignas das lendas de diversos povos desde tempos imemoriais até hoje.

Textões e textículos que mais parecem vadiagem entre amigos, depois de um porre no antigo Ao Gato Preto. Muito masculinizada essa ópera. Mais parece cópia de canto gregoriano, disfarçado com três mulheres. São poucas para todos. Muitos jornalistas. Coisa de "espírito de corpo". Contudo, ao ler os textos, percebi que surgiram para divertir nessa quarentena. Escritos que tem formatos irregulares, parecidos com a flauta de Pan, cujo som é gutural e, numa disputa com a harpa de Apolo, o horroroso se ferrou e voltou a se esconder na floresta, onde domina cada vez menos, porque o que resta delas está desaparecendo. Descomprometimento com regras é a regra.

O que interessa, além dos causos, crônicas, contos, é a ideia. Excelente do ponto de vista de quem exige algo fora dos padrões que não caia no escracho puro e simples. Encontramos até singeleza e ternura, ironias e sarcasmos, verdades e inverdades que poderiam ser ou vir a ser. Para além de tudo, uma maneira de estar com os amigos, mesmo numa "realidade virtual", mostrando uns aos outros que, longe ou perto, se amam, são lembrados, embora, muitas vezes, há tempos afastados.

Finalmente, constatei, ao ler os textos, que esses papa-goiabas mandaram às favas o Deus Apolo e ligaram-se ao seu irmão, o Deus Dionísio. Deixaram as belas artes dos deuses do politicamente corretos (gregos e cristãos)

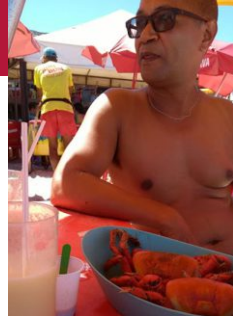


e adotaram o gótico (dos godos, visigodos e astrogodos) considerado arte bárbara desde a Renascença. Que se divirtam os ledores e amantes politicamente incorretos dos nietzscheanos, mesmo que alguns ainda acreditem na humanidade e nos deuses.

de: **Adriana Medeiros**

para: **Adriano Moura**

A ARRUDA NOSSA DE CADA DIA



Era madrugada no interior dos Campos dos Goytacazes. Ano de 1972. Nasceu franzino o preto menino, quase Macunaíma, aos berros de peito. Cresceu. Foi estudar na cidade. Teve um bruxo como professor, Gatuvéi, que na verdade o levou para fazer uma viagem interplanetária e o apresentou a Machado de Assis, Fernando Pessoa, Clarice Lispector, Dias Gomes, Baudelaire, Rimbaud... Uma fila de mortos que ele- o menino- mais tarde, ressuscitaria nas suas salas de aula e palcos da vida.

Fica óbvio que o sujeito aprendeu a gostar das letras, dos sons, das imagens. Esses elementos debruçavam em sua alma desde sempre. Reverberavam ainda mais quando era carnaval no Recife. Lá, o Marco era Zero. Não tinha hora para acabar aquela folia. O tempo parava. Carregava um hálito de quando era criança e nos olhos fluíam goles de tequila, acho que por conta do sal e do limão.

Não imaginara, em momento algum, que depois dessa festa da carne teria que se manter recluso. Uma pandemia fora instaurada no Planeta Terra. Um pandemônio desgovernava o país. E logo ele que encarou caronas ao luar , segurou a vida compondo versos e prosas, se tornara cárcere de si mesmo.

A realidade é que o mundo parou. Transformou-se, de um dia para o outro, naquilo que era, de fato, real. Tudo que tinha vivido até então era fantasia. O concreto é que as pessoas não se tocavam. As pessoas nunca se tocaram verdadeiramente, se esbarravam apenas. Agora tinham que respirar o pó dos tempos pós modernos. A solidão era a única coisa tangível.

O "quase" Macunaíma riu. Enquanto pensava: "Que maravilha!! Momento único. Usarei desse tempo para escrever minha tese de doutorado, tecer mais uns textos de teatro, fazer versos e crônicas. Isso é perfeito!"

Na primeira semana produziu enlouquecidamente! Pediu comida pelo aplicativo, dançou sozinho, fez live, ligou para um afeto, se masturbou, gozou. Na segunda, pediu comida pelo aplicativo, produziu menos, não dançou e encheu a cara de whisky com guaraná, fez alongamento, gravou um pequeno vídeo lendo Chimamanda Ngozi Adichie: "Imagine como seríamos mais felizes, o quão livres



seríamos para sermos nós mesmos, se não tivéssemos o peso das expectativas de gênero.”

Na terceira, bem... Começou a fazer sexo virtual com qualquer um que topasse, fosse menino ou menina, bebeu vinho, vodka, cerveja, chorou, cozinhou umas batatas, descongelou meia dúzia de caranguejos que trouxe de Porto Seguro, escondido em uma mochila, mergulhou-os na água que vertia de seus olhos. Comeu. Pensou em Deus. Mas era ateu. Dormiu a ressaca desse dia. Não gozou.

Ficava cada vez mais difícil suportar aquilo. Uma situação assim tira qualquer um do sério...

Lembrou-se, de repente, de uma caixa que ganhara de João Paulo. Correu ao quarto, apanhou aquele prêmio. Abriu. Dentro da caixa estava um galho de arruda (arruda?), uma chave e um envelope. Dentro do envelope um bilhete escrito: Boa viagem!

Como mágica, o apartamento inteiro se iluminou e começou a mudar de cor. Um portal surgiu no lugar da porta da sala, o corredor era uma pista imensa que ele atravessou até chegar a um lugar que lembrava uma danceteria, uma festa louca, com muita gente esquisita. Meninas com cílios postiços coloridos distribuindo ecstasy, meninos sarados faziam pole dance. O apartamento agora era um espaço desconhecido, uma espécie de astronave lunar.

Havia uma fumaça que não permitia que ele enxergasse direito, mas de longe, conseguiu identificar uma voz que gritava: “Eu não quero saber com quanta poesia se constrói uma vida, não quero!! Eu quero saber se meu Fluminense vai jogar hoje!! Eu preciso de dois litros!!”

Não era possível!! Seria mesmo verdade? Finalmente poderia se juntar aos amigos?

Saiu correndo para encontrar a dona da voz, mas era impossível conseguir chegar ao balcão do Astrobar.

Era um alvoroço, uma verdadeira loucura. Gente falando alto, música sertaneja tocando, um monte de alunos e ex-alunos discutindo sobre a conspiração do nada. Um inferno!! Pra que tanta gente, cosmos? Perguntava seu coração, mas seus olhos não perguntavam nada.

Um pouco mais adiante, num palco construído com garrafas pet, estava a idealista da Balaio, loja colaborativa, ela falava poesias, dizia mantras e dançava música tibetana. Na verdade, ela estava tentando salvar um jornalista que



explicava sobre liberdade de imprensa e sua importância no contexto político como garantia de voz aos indivíduos ou coletividades, mas a horda de canibaizinhos queria devorá-lo vivo. Foi então que surgiu o Super-Florzinha imitando Caetano Veloso “Na minha ilha ê, ê,ê... Que maravilha!!” e levou o amigo dali para se esconder em uma cabine com o hilário Jhow Jhow que fazia críticas pertinentes ao atual governo.

Os fotógrafos da noite não perdiam um instante daquela balbúrdia. Ela- a fotógrafa- pensava em fazer montagens colocando, como pano de fundo, imagens da Lagoa de Cima. O fotógrafo: esse já não conseguia fazer nada. Perdera a sua máquina fotográfica enquanto sambava ao som das músicas de Eli Miranda e fazia coreografias alucinantes enquanto um diretor performático pensava em traduzir todo o acontecimento em teatro.

Vendo tudo isso acontecer, com o galho de arruda nas mãos, entendeu que aquilo deveria ter uma função. Procurou ávido por uma amiga, atriz, quase uma Simone de Beauvoir, que entenderia o que fazer com aquela erva, mas não a encontrou.

Estava desestabilizado. Desatou a rezar, a fazer promessas, a pedir perdão, a se debater e desmaiou. Sentiu seu corpo sendo carregado por seres lunares para o alto de uma pirâmide. Entendeu que estava em São Tomé das Letras e que fora salvo pelo Ventania.

Acordou suado, com gosto de ressaca espalhado pelo corpo, garganta apertada, pele arrepiada, náusea.

Tomou um banho, sentou-se à escrivaninha, tentou entender o que era real, mas não compreendia. Guardava uma certeza incerta. Durante a viagem viu um homem vestido de luz com um pote nas mãos. Quanto mais se aproximava desse homem, mais distante ele ficava. Poupava os artistas do vexame de morrerem, mas não havia critério para os demais...

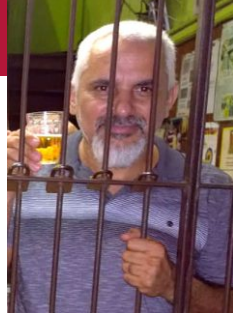
Isso tudo é loucura! Nada disso existe! - gritava ele- “Não acredito em Deus porque nunca o vi. Se ele quisesse que eu acreditasse nele. Sem dúvida que viria falar comigo e entraria pela minha porta dentro dizendo-me, aqui estou!”

Olhou para frente e viu seu reflexo no espelho enquanto em seu celular tocava a música: “Quem é ateu e viu milagres como eu/Sabe que os deuses sem Deus/Não cessam de brotar, nem cansam de esperar...”

PS: Regina sem arte não é artista.

de: Adriana Medeiros
para: Wellington Cordeiro

VINTEVINTE



Era março, -vinte/vinte- ano de 2020. Cabalísticos esses dígitos? Não sabia interpretar. Estava deitado em sua cama quando ouviu no jornal da TV a notícia de que um vírus mortal pairava no Planeta Terra. Permaneceu inerte, olhou sua mulher que sonhava a seu lado e, em vão, tentou afastar pensamentos dramáticos.

Levantou-se meio tonto, caminhou pelo corredor em direção à cozinha, abriu a geladeira buscando uma cerveja, pois precisava de goles para digerir aquela situação. Descobriu que não restara absolutamente nada de alcoólico para aliviar a tensão daquele instante.

Retornou ao quarto, vestiu uma bermuda, a camisa do Flamengo, calçou uns chinelos, desceu as escadas e saiu. O céu variava entre tons de amarelo e vermelho. Tudo muito silencioso e estranho. Sentia seu coração bater de um jeito descompassado. Estava com medo. Essa era a verdade. Foi tomado por um estado de profunda inquietação.

Seguiu descendo a rua em que morava. Nenhum boteco aberto. Decidiu voltar pra casa, pegar o carro e procurar algum lugar para comprar umas "geladas". Foi.

No entanto, por alguns instantes, teve a impressão de que o tempo estava parado. Olhou ao lado e viu, dentro de um carro, pessoas com o olhar nublado. O mundo estava nublado.

Transitou pela Avenida 28 de março e, ao cruzar a Beira Valão, avistou uma nuvem muito pesada. Choveu, choveu de maneira abissal. Ele desceu do carro, bebeu água de chuva, lavou os cabelos brancos e chorou. Não chorava há tempos. Bebeu mais água de chuva, comeu pedras do caminho... Não se reconhecia.

Voltou para o carro. Tentou manter a calma. Lembrou da mãe, dos irmãos, do filho... Lembrou que muitas lembranças se misturavam às canções que ele acumulara por anos na sua coleção de vinil.

Lembrou da tentativa de fundar, junto com alguns amigos, a Ong Cultural Nação Goitacá. Estava perturbado com tudo aquilo. A memória começou a fazer uma espécie de tortura que doía na pele, nos dentes, nos pelos. O Ogum, tatuado



em seu braço, encarava os olhos do filho, como senhor da guerra que ele era. Ali ele soube que aquela seria uma batalha duradora.

Ligou o som do carro. Pra sua surpresa estava tocando "Papel Pautado". Freou o automóvel e percebeu que não havia nenhum cd, nem pendrive... Nada. De onde vinha aquela música, meu Deus? Eli Miranda reverberava na sua cabeça... "Além do mar, além do céu, além de tudo... Se eu pudesse transformava tudo em rosas... No papel pautado da felicidade com a pena da realidade escrevia pra ela poema de amor..."

Achou que estava enlouquecendo. Não podia ser. Como aquilo estaria tão vivo, tão real? Pesou o pé no acelerador e foi procurar Serginho - proprietário de "Ao Gato Preto" - mas o boteco estava fechado. Aliás, tudo estava fechado.

Descansou a cabeça no volante tentando encontrar respostas ou cervejas... Nesse intervalo lembrou-se do "Bar do Cabeça"!! Sim!! Ele era a resistência em tempos de loucura, e o "boteco" deveria estar aberto.

Bingo!! Ali, tão perto do beiral do Paraíba, com uma porta erguida e sem cadeiras na calçada, estava o boteco a espera de seus fiéis.

Desceu do carro, apertou a mão do amigo e pediu uma Heineken.

Com a bebida na mão, o proprietário pergunta pra ele onde estava a sua mulher e ele responde cantarolando... "Quando sai de casa deixei com a nega uma nota de cem".

Definitivamente, ele não estava bem.

Pediu algo para beliscar, mas enquanto o amigo foi pegar um prato de torresmo, uma mulher, com saia vermelha e corpete preto, se aproxima dele pedindo um cigarro. Ele responde que não fuma. Ela o encara de cima abaixo dizendo... "Pega com o moço, pega."

Ele obedece. Pega o tabaco, entrega a ela, que sai com o cigarro nos lábios e girando nas pontas dos pés.

Ele corre para o interior do bar e questiona o amigo sobre a mulher. O amigo responde que não viu nada. Completamente despassarado sai correndo atrás dela e ao atravessar a Avenida XV de Novembro, alcança a moça, toca em seu ombro perguntando quem era ela... A moça volta o pescoço para ele soltando uma longa fumaça pelo nariz e pelas unhas, dá uma gargalhada e some. Exu veio avisar que os tempos serão desafiadores.

Retornando ao bar, pede que o amigo embrulhe a porção de torresmo, apanha uma dúzia de cervejas, se despede e sai.

No caminho foi removendo as inconsistências da alma, pensou em aparar alguns erros, quarar alguns enganos, ajustar o tempo, cerzir o esgarçado



da memória.

Totalmente desatinado, ele bebia. Agora não era água de chuva, eram lágrimas misturadas à cerveja.

Finalmente chegou à casa, guardou o carro na garagem, colocou as cervejas na geladeira, ligou a vitrola e colocou pra tocar o LP de Roberto Ribeiro. No céu as nuvens teimavam em fazer das cores algo enigmático, ou seria ele o enigma? "Num turbilhão de luz, surge a imagem daquela que o meu samba traduz..."

Bebeu, cantou, dançou e apagou, ali mesmo, na sala de estar, sem saber que tipo de fotografia aquele ano ainda lhe reservaria.

de: Adriano Moura
para: Adriana Medeiros

MAIS ESTRANHO QUE A FICÇÃO



Patrícia Bueno

Eram 23h do quinto sábado da quarentena, quando o porteiro interfonou, avisando que havia uma mulher querendo falar comigo: Madame Clessi. Não conheço nenhuma Clessi, tampouco madame, mas ela insistia. Resolvi atender. Reconheci a voz de imediato. Era Adriana Medeiros, amiga de muitos anos, atriz com quem ensaiava uma nova peça antes do início da pandemia. Que história é essa de Clessi? Aconteceu alguma coisa? Perguntei antes de liberar sua subida. "Ele vai me matar socor..."

Desci correndo. Pra minha surpresa, ela não estava mais na portaria. Interrompera a conversa aos prantos e saíra correndo do prédio, informou o porteiro que disse estranhar as roupas que a mulher vestia, parecendo uma cafetina de novela de época. Cafetina, Clessi, impossível não lembrar da peça do Nelson Rodrigues. Tentei ligar pra Adriana. Sem sinal. Brincadeira de mau gosto num momento desses. Voltei para o apartamento. Mal entrei, novamente o toque do interfone. "A dona...Neusa Sueli quer falar com o senhor, e parece bem nervosa. Tá com olho roxo e as roupas...é melhor o senhor falar com ela". "Ele me espancou de novo". Disse, soluçando, a voz de Adriana. Quem te espancou? O mesmo que tentou te matar? Por que está usando o nome da personagem de Plínio Marcos agora? Sobe pra gente conversar. "Socor..."

Desci e, mais uma vez, Adriana não estava lá. "Essa saiu correndo também antes de o senhor chegar". Essa? Como assim? "Essa, porque a outra fez igualzinho". Mas são a mesma pessoa! "Não são, seu Adriano, essa era mais gostos... quer dizer... mais nova que a outra". Riu meio sem graça. Tentei ligar de novo, sem sucesso. Decidi pegar o carro e ir à casa de Adriana, saber o que estava acontecendo. Ela me atendeu de pijama, no portão, pois eu estava sem máscara, tem mãe idosa e não queria expô-la ao risco da doença. Ela me disse que há cinco dias não saía de casa e que, certamente, alguém estaria imitando a voz dela no interfone pra me passar algum trote. Mas qual psicopata pensaria num trote maluco desses, com nomes de personagens de peças de teatro, durante uma quarentena, e por que imitar a sua voz? Mas a deixei em paz. Ela me olhava dos pés à cabeça, como se eu estivesse nu; vi que parecia um maluco, que a mulher com quem falei pelo interfone não era ela.



Quando retornei, disposto a esquecer aquilo tudo, abrir uma cerveja e assistir a live da Elis Regina, me deparei com uma viatura em frente ao condomínio. "Adriano Moura, o senhor está preso pelo assassinato da cafetina Madame Clessi e pelo espancamento da prostituta Neusa Sueli".

Na delegacia, pedi que verificassem as câmeras de vigilância do prédio e conversassem com o porteiro, pois ficaria claro que, assim como Adriana, há dias eu não saía do meu apartamento, e que aquelas mulheres estiveram lá me pedindo ajuda, portanto não teria como ter sido eu o assassino ou agressor. O porteiro disse que me vira sair vestido de mulher duas vezes naquele dia. Como sabia que eu também era ator, não achou nada demais, afinal esse povo de teatro tem umas manias meio esquisitas mesmo. Isso é mentira. Pergunta a ele sobre as mulheres com voz de Adriana. "Era o senhor seu Adriano, que pedia pra eu interfonar pro seu apartamento. Aqui, o morador manda, eu obedeco, aprendi a não fazer perguntas. Depois o senhor saía correndo, voltava com suas roupas normais e subia. Eu resolvi entrar na brincadeira".

Mas se era eu mesmo, que crimes são esses dos quais estavam me acusando? Passei a noite na cadeia até que na manhã de domingo o mistério parecia chegar ao fim. Adriana estava na delegacia conversando com o delegado. Era ela a chave de entendimento para o que a razão insistia em não explicar. Abracei-a, agradecendo antecipadamente pelo que nem sabia que ela poderia fazer por mim. "Foi ele delegado, tenho certeza. Tinha dezessete anos quando esfaqueou Madame Clessi". É mentira. Você sabe que é mentira. Eu te procurei exatamente pra entender o que se passava. "Obrigado pela colaboração, senhora", disse o delegado sob a máscara de proteção amarela ilustrada com a frase "Não sei, só sei que foi assim". Seu depoimento será essencial para incriminarmos esse senhor que insiste em negar as evidências de seus crimes.

Na saída, Adriana se aproximou de mim e sussurrou no meu ouvido: "Você disse que eu não era boa o suficiente para o personagem principal da sua peça. Espero que tenha se convencido do quanto posso ser persuasiva".

Ela está mentindo delegado, Adriana é uma atriz. Não sei por que está fazendo isso comigo nem como convenceu o porteiro a participar, mas é uma mentirosa. Adriana é uma mentirosa. "Contenha-se, senhor. E o nome dela não é Adriana, é Alaíde, está morta há cinco dias, atropelada pelo seu carro. Soldados, navalha na carne dele, mas antes o façam tirar esse vestido de noiva".

de: Adriano Moura
para: Rodrigo Florêncio

FLORÊNCIO, O VISIONÁRIO



A pandemia do novo coronavírus impôs a todos nós um distanciamento social que nos afastou de grande parte de nossos planos tecidos no pular das ondas no réveillon de 2019. Ninguém se imaginava dando banho em batatas e chuchus com detergente na pia da cozinha, e o confinamento, ao menos no meu caso, aumentou o tempo na companhia de cervejas e vinhos enquanto reduzia o contato com o elenco de uma nova peça teatral, um dos frutos frustrados do ano novo. Era sexta-feira, e depois de beber sozinho algumas muitas latinhas de cerveja, me preparava pra dormir quando o telefone tocou. Era Rodrigo, entre bêbado e nervoso, dizendo que o mal pelo qual tinha sido atingido há mais de vinte anos voltara, com certa variação de características, mas novamente o deixara com problemas para se fazer entender em casa e no trabalho.

Há 23 anos, tínhamos acabado de sair de um ensaio no auditório da Faculdade de Filosofia de Campos: Rodrigo Florêncio, Liana Velasco, Mário Júnior e eu. Participaríamos de um festival de teatro estudantil no qual apresentaríamos a peça *Os Cegos*, que vínhamos ensaiando há três meses. Como de costume, fomos ao bar do Silvio, reduto da cerveja pós aula e ensaio. Eu e Mário, porém, lembramos que estávamos sem grana, quando Florêncio disse que pediria a Silvio pra gente pagar com vale transporte. Ele dava um jeito pra tudo. Seguimos então, “os quatro cavaleiros do após-calipso”, certos de que seria mais uma daquelas longas noites de conversas, risadas, ideias e cerveja, mesmo sabendo que teríamos de andar a pé o resto do mês por termos bebido numa única noite as nossas passagens diárias. Combinamos naquela mesa que passaríamos o verão seguinte juntos, o que esquecemos um dia depois, como todo papo de bêbado.

A peça foi um sucesso, ganhamos muitos prêmios, inclusive o de melhor ator para Rodrigo, que já tinha sido padre e mendigo visionário em espetáculos anteriores. Era um dos grandes atores da época, apesar de ele mesmo se achar um canastrão. Mas a canastrice é, às vezes, uma contingência do palco ou da vida. No entanto não era o caso de Rodrigo no teatro, na vida menos ainda. O ano acabou com o último respiro de dezembro. Seguimos, certos de que os encontros diários só voltariam a acontecer meses depois. Pra minha surpresa,



Rodrigo apareceu com Mário e Liana na minha casa, convidando para passarmos o verão juntos, somando ao grupo Eugenio e Vera.

Na segunda semana de janeiro, Florêncio percebeu que Mário Júnior se referia a todos indiscriminadamente no feminino. "Tá doida", "Maluca", "Nervosa". Pensava que era só brincadeira de ensaio, e não um exercício diário. Rodrigo ria daquilo tudo, das pintas que Mário dava e que com o tempo viraram bordões da casa. Em poucos dias, ele também, de brincadeira, adotou a prática imitando debochadamente os trejeitos do amigo. Passou a só empregar adjetivos e substantivos no feminino em nossas tardes de churrasco depois da praia, em cujo mar raramente entrávamos, preferindo abrir os trabalhos no primeiro bar ou quiosque que nos permitisse um princípio de embriaguez com vista pro oceano. Quando um rapaz passou na rua vendendo picolé, Rodrigo correu ao portão e pediu "umA" de goiaba e chamou o vendedor de "espertA" por ter lhe dado o troco errado, o que causou estranhamento ao ambulante. Achou que o comprador fosse gringo: "umA de goiaba"!?

Na segunda-feira, peguei uma carona com Florêncio para Campos. No caminho, me contava sobre um jornal que ele, João Paula Arruda e Vitor Menezes estavam querendo editar. Algo entre a informação e a irreverência, independente, que falasse de assuntos importantes para cidade, mas não apenas a cidade que olha todos os dias o corpo enrugado do Paraíba que lhe corta a área central, mas também de uma outra, às vezes esquecida, a das periferias, do interior, dos bairros. Mais do que qualquer outra coisa, Rodrigo me falava de sonhos. Elogiei mais de uma vez a atuação dele no espetáculo que fizemos juntos, elogio que ele retribuiu me chamando de "generosA". "Generoso, Rodrigo. Tá parecendo Mário Júnior!" Estranho ele ter confessado que não notara que estava se expressando daquela maneira. Mas estava, e eu vinha observando isso desde o domingo. "A SenhorA tá doidA". Viu? Não te disse?

Na terça-feira, me ligou dizendo que o chefe de redação do jornal onde trabalhava tinha brigado com ele, ameaçando demiti-lo, pois escrevera uma matéria na qual se referia ao prefeito da cidade como um homem "enganadA", "confusA", "mesquinhA". A reprimenda não fora pelos adjetivos em si, mas pelo trabalho que o revisor teve em trocar todos os A por O nas palavras que desqualificavam o comportamento do prefeito. Meu amigo perdera misteriosamente o controle sobre a desinência de gênero, não conseguia mais pronunciar o O das palavras masculinas.

Procurou fonoaudiologA, psicólogA, psiquiatra pra saber a origem do problema. Nenhum especialista descobriu a razão pela qual a desinência que



indica o masculino desaparecera da linguagem do jornalista e ator que emocionara tanta gente em peças como "O santo inquerito", "A peste", "Os cegos", editava o jornal Nosso Bairro. Não havia indicação de nenhum dano neurológico, e a explicação de que teria sido a convivência na casa de verão era insuficiente para um fenômeno tão insólito e repentino.

Mas assim como apareceu, o fenômeno sumiu com o fim da temporada de verão.

Hoje, em plena quarentena, escuto a voz convulsa e confusa de Rodrigo ao telefone, afirmando que começara tudo de novo, contrariando a teoria da influência. Não nos víamos já há algum tempo, Mário falecera, não alugávamos mais casas de veraneio. Ele insistia que eu não estava entendendo. Havia uma variação no distúrbio linguístico que novamente o impossibilitava de pronunciar as desinências de gênero. O mais grave dessa vez era, me explicava, que além do O não conseguia mais pronunciar o A.

Pedi para que eu o encontrasse numa sala virtual a fim de me explicar melhor o que estava acontecendo. Tinha chamado também o restante do grupo, e foi com perplexidade que ouvimos as duas primeiras palavras do vocativo saído de sua boca: "QueridXs amigXs..."

de: **Alexandro C. Florentino**

Para: **Felipe Sales**

NO ALTO DO FAROL



Sem saber se estava acordado ou dormindo, assistiu ao Joe subir as escadas e caminhar lentamente até ele. Em seus ouvidos, o homem sussurrou:

- Me empreste suas orelhas e eu cantarei uma canção pra você...

Ele observou as fragatas que, impulsionadas pela térmica dos mares do Farol de São Tomé, estavam dias sem sequer bater as asas.

- Imponentes e intrigantes! Afirmou com um resmungo de canto de boca.

Felipe, ainda sem saber se estava acordado ou em um sonho sem sentido aparente, olhou para os lados, mas não encontrou Joe em parte alguma. O que o deixou frustrado, odiava falar sozinho.

Além disso, bem baixinho, lá no fundo dos ouvidos quase como um zumbido, escutava a voz do desaparecido.

- Do you need anybody, my friend?

Até que, de sobressalto, voltou à real ao escutar Natália o chamar com certa fúria na face.

- Porra, Salete! Não acha que tá exagerando nesses troços que tu toma? Anda, desce do telhado.

Ao pôr a cabeça pra baixo e observar o tamanho da bronca, pode ver o olhar de pena da Nina, sua cadela de estimação, que, olhando bem no fundo dos olhos do rapaz, rosnou:

- Essas mulheres, sempre sensatas!

de: **Alexandro C. Florentino**

para: **Márcio de Aquino**

RE + CORD OU ONDE O VENTO FAZA CURVA E SE CHAMA SAUDADE



De repente, Márcio se viu em um apartamento repleto de pessoas eufóricas. Todas bebiam cervejas e algo que parecia caipirinha. O que ele não compreendia era como podia estar no meio da sala, em pé, cercado por várias pessoas e ao mesmo tempo olhando para si mesmo sentado em um sofá antigo (porém bem conservado) estofado com uma espécie de couro marrom enquanto segurava um frasco verde de desodorante vazio.

A situação era tão intrigante que nem mesmo notara o fato de ninguém o perceber ali, parado feito uma estátua no centro da sala de um apartamento repleto de rostos conhecidos, muito bem conhecidos por sinal.

O homem de temperamento calmo e observador, lentamente, começou a reconhecer aquele evento. Era a comemoração em função de um determinado sarau realizado na faculdade de filosofia da cidade. Não foi um sarau convencional, poderia-se dizer que estava mais para um show punk relâmpago tendo a leitura de contos curtos no cerne da ação. Pelo menos era assim que ele gostava de classificar.

Contudo, quando seu eu sentado no sofá antigo, porém bem preservado, anunciou o início da imitação de gato com aquele frasco verde de desodorante vazio, as pessoas começaram a ficar mais distantes. As pessoas, o lugar, tudo foi sumindo gradativamente em uma espécie de túnel cada vez mais escuro e, de supetão, as luzes de sua sala (com grandes estantes repletas, até o teto, de discos, livros e revistas) o cegava momentaneamente.

Sem entender muito bem tudo aquilo, Márcio retirou os grandes fones de ouvido que cobriam por completo suas orelhas e olhou atentamente para seu toca discos novo, recentemente recuperado da Eletrônica Shalom, uma assistência técnica de “fundo de quintal” recém-falida. Na dúvida, foi até uma de suas estantes e pegou um novo disco e logo substituiu aquele que acabara de rodar na vitrola.

As últimas semanas têm sido de muito calor, apesar de ser inverno. O clima seco, característico da época do ano, tem contribuído para fazer da quarentena uma jornada angustiante. Não há muito a ser feito quando o mundo é assolado por um vírus de gigantes proporções de contágio e com grande carga



de letalidade.

No entanto, justamente o calor quase apocalíptico foi a chave para o pacato, porém curioso, homem iniciar a entender o que estava acontecendo. Enquanto My Generation deslizava potente, lentamente Márcio ajustou os fones de ouvido e, num instante, viu-se sentado à mesa na esquina da Benta Pereira com a Barão da Lagoa Dourada em seu auge: uma pequena porta abrigando um pequeno balcão, alguns Freezers e espaço que não comportava mais de três pessoas, mas abrigava uma multidão no entroncamento.

Ali, literalmente, o vento fazia curva. Isso, devido a configuração urbana e a desordenada construção de edifícios da cidade. O vento encanado, os rostos familiares e o papo acalorado trazia um frescor a muito não sentido por ele.

Esses pequenos saltos no passado começaram a ficar mais frequentes. Aos poucos Márcio foi percebendo modos de interagir com quem reencontrava. Feito um fantasma soprava ideias aos ouvidos alheios em mesas regadas a cerveja e canelinha. Até o momento em que ele (o do passado) começou a ver seu eu do futuro. Logo de cara, lógico, achou que estava bebendo demasiadamente em excesso. Mas não demorou para puxar assunto:

- E aí, cara!? Você sou eu mesmo ou estou muito bêbado?

Estupefato, olhou com espanto para sua versão mais jovem e fez silêncio. Permaneceu por longos segundo incrédulo até se indagar:

- Você, de fato, está me vendo? E ainda falando comigo?

Entreolharam-se, riram e fizeram silêncio juntos. Até sua versão mais jovem levantar mais uma questão:

- Então, diga-me uma coisa. Eu continuo ruim em matemática etílica?

Antes que pudesse responder, o disco dava sinais de se aproximar do fim. Enquanto desaparecia, feito assombração, diante de seus próprios olhos (porém do passado) gritou pra si mesmo:

- Sempre estive por aqui. Não es quente, voltarei novamente!

E assim continuou a viver sua quarentena. Aos amigos, com quem frequentemente mantinha contato por meio de aplicativos de troca de mensagens e redes sociais, passou a dar desculpas de problemas em sua rede de internet ou no aparelho de celular no intuito de justificar seus sumiços cada vez mais frequentes.

Não que Márcio fugisse da realidade, como poderia supor algumas pessoas caso escutassem ele dizer que poderia voltar ao passado. De fato ele tinha meios para tal, mesmo sendo de maneira limitada, afinal, memória também é esquecimento!



Entretanto, e mais importante, supondo que ele contasse para alguém sua capacidade de, além de imitar gato com frasco de desodorante vazio, dar saltos ao passado, dificilmente acreditariam e o taxariam de dizer sandices. Contudo, não se tocariam da necessidade da enorme coragem para encarar o passado assim, tão de perto. Coragem, aceitação e um certo orgulho...

Ao acordar para mais um dia que nem lembrava mais qual era em regime de quarentena, tomou café lentamente. Leu algumas notícias a respeito de uma vaga esperança sobre uma suposta vacina capaz de combater o vírus. À tarde, caminhou vagarosamente até uma de suas estantes apinhadas de discos e, com muito critério, escolheu um deles. Já no toca discos, acomodou os fones nas orelhas, espreguiçou-se no sofá e se viu, novamente, na esquina em que o vento faz a curva.

Caminhando com calma foi até seu eu do passado que, por sua vez, o indagou com um sorriso no rosto:

- Achei que não viria mais!

Enquanto conversavam os dois caminhavam e trocavam impressões sobre a vida e se davam conselhos.

- Vê se não enrola, cara. Termina logo o livro, você vai curtir!

Esta foi a última sentença de Márcio ao seu predecessor antes de se darem conta que tinham chegado na encruzilhada da Ferrovia Federal, onde a avenida Alberto Torres era rasgada pela BR101.

As cores, neste momento, foram desbotando enquanto, ao longe, surgia um farol na linha férrea seguido de um apito muito bem conhecido por eles. Quando o trem passou tudo já era preto e branco. Deu apenas tempo do homem se jogar dentro de uma das composições cuja porta estava aberta. De pé, já dentro da condução improvisada, gritou a si mesmo:

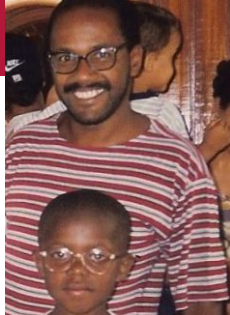
- Não me leve a mal por sair assim tão rápido, mas preciso ver a Eleonor.

- Que Eleonor? Perguntou o mais jovem.

- Rigby! Tenho de dizer a ela que, apesar de tudo, as coisas vão ficar bem.

de: Alfredo Soares
para: Rogério Siqueira

CABRUNCADA LAMPARÃO, EIS AQUI SEU GENERAL



Rogerinho brotou em Teresópolis no final do verão. Sua chegada é cercada de mistérios. Atento a tudo com suas antenas parabólicas desceu de alguma galáxia distante por engano. Mas se sentia em casa naquele lugar. Conseguia falar de futebol como se tivesse visto a seleção de 70 ou de astronomia, confirmando a tese, que corria pela cidade serrana, que ele era um ser de outro planeta. Com seu andar saltitante não caminhava, pulava de ponto A para o B. Suas teses iam salvar o mundo do cataclisma final. Era tudo muito simples; bastava produzirmos uma geleia especial de cor verde escura e espessa e buzunta-la pelo corpo. Tipo pintura de guerra.

Não poríamos a mão em arma alguma. Nem mesmo escudos usaríamos. Isso nos transformaria invisíveis aos olhos dos alienígenas que estavam por chegar em suas naves redondas e prateadas, com raios violetas. Incansável, sempre tentava arregimentar mais adeptos em volta de si. Pra ele aquilo era fácil. O problema é que sua geleia não tinha cheiro agradável. As meninas odiavam. Ele justificava dizendo que odor ajudaria a criar uma camada resistente aos raios que seriam lançados pelos canhões das potentes naves. Ninguém queria morrer esturricado. Afinal o ataque era iminente.

Não sabíamos de qual planeta os inimigos vinham. Rogério guardava segredo. Não dizia nada. Mas, depois de tanto insistir, revelou, ao menos, o dia; seria em 20/02/2020, uma data perfeita. Todos deveriam estar lambuzados, seria a comprovação das teses do terceiro milênio. Ele iria disfarçado no meio da tropa de abestalhados. Aquilo levantou suspeitas na patuleia aturdida, nada que sua verve não pudesse contornar. No grande dia estávamos todos lá - fedíamos de arder as narinas - mas a honra iríamos salvar. Na hora marcada do tal confronto, uma chuva torrencial caiu inundando toda cidade. A geleia verde espessa se esvaiu rua a baixo. Olhamos para Rogerinho e perguntamos, com ar de desespero: e agora comandante Rogério? No que ele respondeu, com ar de que o inimigo desconsiderou o adversário: vou pra Campos, lá encontrarei os cabruncos guerreiros herdeiros das tribos Goytacazes.

Os deuses não aprovaram vocês. Um misto de alívio e decepção se abateu sobre todos. Teve gente que pintou os cabelos, outros aproveitaram e



ficaram dias sem banho. Antes de qualquer contestação, ele entrou na sua nave e partiu célere. Hoje ele circula pelas margens do Paraíba arregimentando adeptos para uma nova e derradeira batalha, onde pretende fincar sua bandeira, no alto do morro do Itaoca, para gritar, a plenos pulmões, um grito original: Cabruncada lamparão, eis aqui seu general!

de: Alfredo Soares
para: Rodrigo Florêncio

O SEMIDEUS DA PLANÍCIE



Desde que o vírus chegou na planície, ninguém mais se entendia. A confusão dava nó até no trânsito. Imagina em casa ou mesmo no trabalho. Uns achavam exagero, outros não, também tinha aqueles que achavam ora uma coisa, ora outra.

O prefeito sempre levava a fama. Para o bem ou para o mau. Mas tudo cessava quando Florêncio falava. Eloquentemente, o moço tinha uma dramaticidade peculiar, já havia interpretado Shakespeare no teatro, sob direção de Capi. Tinha dividido o palco com Fernando Rossi. A crítica especializada em Artes Cênicas o achava muito caricato, num pouco caso que não o abalava.

Quando atuava suas veias chegavam a saltar, tamanha era sua convicção.

As autoridades, ansiosas por manter seus currais eleitorais, num mundo ainda sem internet, sempre esperavam por ele pra determinar o próximo passo. Queriam uma solução pra pandemia. Acreditam mais nele do que na cloroquina do abestalhado. Diziam que havia passado, ainda criança, pela gripe espanhola.

Florêncio adquiriu tamanho saber nos livros. Leu Os Lusíadas de Camões três vezes. Idolatrava Garcia Lorca, tinha encenado uma peça do espanhol havia pouco tempo. Sua casa parecia a biblioteca da Vila Maria; tinha livros pra todos os lados, um sofá de couro surrado, uma cadeira de balanço na varanda e uma cama velha, que foi do seu avô. Para o povo aquele homem simples era um semideus acessível. Tamanha sua erudição. Todos acreditavam que ele estava acima da ciência. Não se sabia bem por que. Florêncio, que também era Rodrigo, gostava de bater ponto no Bar do Ovo, ali na rua Formosa. Só chegava depois do bar lotar o balcão de ovos amarelo, rosa, verde e branco. Sempre pedia que colocasse quatro ovos cozidos num prato. Cada um de uma cor. Começava a comer sempre pelo ovo rosa - dizem que era uma idiossincrasia - com a ponta dos dedos de uma das mãos, pegava o ovo e com a outra dava um peteleco rachando a casca de cima para baixo. Era um ritual que se seguia com o despir da casca do ovo cozido.

Pra iniciar a degustação, pedia garfo e faca e um prato menor. Punha um guardanapo sobre a camisa e atacava. Comia com um apetite de quem



devoraria umas duas dúzias sozinho. Fingindo não querer entrar no assunto, mas estando ali por causa da prosa, Florêncio ficava de frente para o balcão e de costas para os demais clientes que debatiam sobre o motivo da chegada do vírus, cada um querendo se impor aos demais.

Só se virava pra patuleia depois de encher a barriga protuberante com a iguaria típica do local. Ai virava na direção todos, coçava a barriga, que já soltara alguns botões da camisa e mandava:

— Esse negócio de vírus é coisa da NASA, aquela agência do Tio SAM. Eles querem dizimar o mundo pra ter mais terra para explorar.

Eu que não sou bobo, nem nada, retruquei:

— Seu Florêncio, mas o vírus não veio da China? Não foi no mercado onde se comia morcegos?

— Que nada. Foi fabricado pelos agentes laranjas da América do Norte.

Insisti, mais por curiosidade do que convicção:

— Mas a NASA não está buscando vida em Marte? Que diabos viriam fazer aqui?

— Então! -Disse ele pra uma plateia de bebuns em silêncio - É um uma permuta com os alienígenas. A Nasa limpa o terreno e em troca recebe autorização pra circular em Marte e conhecer o modus vivendi de lá. Resolvi ir mais fundo no colóquio. Pedi mais uma branquinha, já que era sexta à noite e no outro dia não trabalharia mesmo. Empolgado e já meio alterado mandei:

— Nobre Florêncio, mas quem está bancando tamanha irresponsabilidade? Estamos todos à beira do leito da UTI e ninguém nem aí para o vírus. Acho que o senhor viajou na maionese...

Todo mundo arregalou os olhos em minha direção. Como eu ousara a provocar um sábio. Florêncio, que sempre carregava uma maleta surrada pra cima e pra baixo, enfiou a mão dentro da dita cuja e sacou de lá um exemplar do WSP, jornal americano, e, apontando o dedo sujo de gema do último ovo, mirou uma manchete em inglês que confirmaria sua informação, e disse:

— São os bilionários de Wall Street; eles querem criar cidades em outras galáxias, sem fronteiras transponíveis que os miseráveis possam atravessar.

Muitos ali não sabiam nem onde ficava a Praça XV no centro do Rio, imagina saber de Wall Street. Eu já mais pra lá do que pra cá, me dei por vencido. Sem mais ninguém pra refutar a sua fala cheia de prova e convicções, Rodrigo Florêncio se vira para o balcão, pede um ovo verde a seu Manoel, um garçom que servia a gente em troca de pinga, e finaliza:

Traz pra mim uma dose da “Ypióca” que eu tô de bico seco. Esse povo

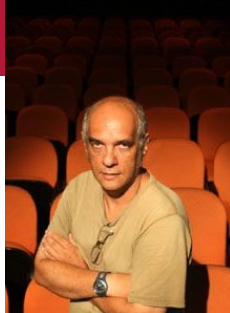


torra os meus neurônios, prefiro meus gatos." Sem argumentos a pequena plateia se entreolha aliviada como se dissesse se: "Nada como ter um homem como Rodrigo Florêncio entre nós." Nessa hora a melhor coisa a fazer era pedir a conta e seguir trôpego pro "Gato Preto".

de: Álvaro Marcos Teles

para: Márcio de Aquino

MEU NOME NÃO É ERASMO



A ideia de fazer a "Noite do Vinil" no Teatro de Bolso partiu de Wellington Cordeiro, ganhou adesão de Romualdo Braga e convenceu Márcio de Aquino.

A empreitada tinha conceito estruturado: a plateia deveria ficar acomodada nos assentos sem qualquer remelexo, de modo a degustar cada nota musical espetada pela agulha do toca-discos.

A playlist enfileirou pertencimentos campistas como a ginga de Eli Miranda, a efervescência dos Avyadores do Brazyl e a violeta bossa trip de Giu de Souza.

Último dinossauro na floresta, coube a Márcio fechar as cortinas do intimista espetáculo de culto à arte local.

Já sem público e com os parceiros de aventura a léguas, se preparava para deixar o oraviano espaço após armazenar seu tesouro afetivo na garupa da bicicleta quando ouviu de Alex: "nós três vamos ter que dormir aqui, ninguém mais pode sair de onde está por causa do vírus".

Atônito, não compreendeu de imediato a referência do bilheteiro também à Layla, economista formada pela Cândido Mendes que, desempregada, vendia doces caseiros no hall.

Brigadeiros aplacaram a fome do trio.

A moça, um ano mais velha que Alex e crush dele, percebeu que Márcio guardava semelhança com...

- Me chamam de Erasmo, principalmente um conhecido meu metido a poeta.

Revelando-se ex-aluno do Liceu e torcedor fanático do Campos, Alex quis saber um pouco mais sobre o balzaquiano que acabava de impressionar.

- Sou apenas um investigador dos deslizos humanos, surrupiadador de pequenos enganos e que conjectura em Tarati Taraguá.

Mal termina a pequena autobiografia, Márcio recebe um zap.

Era Moraes Moreira, pedindo para ele revisar um cordel sobre tentativa de volta da ditadura militar e fake news em tempos de pandemia.

O título sugeria rebeldia e resistência: "Chicletes e prazer".

de: Álvaro Marcos Teles
para: Marlúcio Arruda



SINÔNIMO DE AMOR É AMAR

Desperdiçar tempo com videogame não foi cogitado.

A companhia da caixinha amadeirada, recheada de lembranças, é que congelou o relógio de pai e filho.

Havia muita história entre fotografias, anotações e outros guardados.

O guri tomou as rédeas da profissão do progenitor e passou a entrevistá-lo.

Com o gabarito de quem rasgou o céu de ponta a ponta, ou de Pernambuco ao Porto, com direito a longas escalas em Campos e no Rio de Janeiro, Marlúcio apenas sorriu ao intuir como seria aquele fim de tarde em quarentena nas terras lusitanas.

Vicente ajeitou o cabelo, posicionou os óculos e estreou como repórter indagando sobre um desbotado ingresso de jogo de futebol.

- Era agosto de 1975. Fui ver meu Santos num antigo estádio, já demolido, contra o Americano. De um lado, craques como Clodoaldo, Cláudio Adão e Edu. Do outro, um time que pela primeira vez jogava o Campeonato Brasileiro. No último minuto a equipe do interior marcou e venceu.

'Pareceu relato de uma divina comédia humana.

O menino visualizou a angústia do goleiro santista na hora do gol derradeiro.

Foi ao delírio com a experiência em coisas reais.

- Viver é melhor que sonhar? -, sussurrou.

'- Qualquer sofrimento passa, mas o ter sofrido não -, respondeu o veterano, como se bigode de Belchior tivesse.

Todo sujo de um batom imaginário, não disse que a vitória foi perdida.

- É de batalhas que se vive a vida!

Ao levantar os olhos, avistou o rasante de uma patativa alvinegra pelo quarto.

Um pequeno envelope preso ao bico foi deixado sobre a cama.

A mensagem estava escrita a lápis.

"Deixe tudo ser chão de giz. Que o grão vizir atravesse o túnel do tempo movido a baioque e flerte com a democracia em Copacabana. Help! É lá onde



está nossa linda juventude".

Assinado: Zé Gilson.

de: **Carlos Augusto Souto de Alencar**
para: **Vitor Menezes**

DE HAMLET PARA SEU AMIGO HORÁCIO



A Democracia, regime político que não é perfeito, posto que formado por peças imperfeitas que chamamos de "seres humanos" (ultimamente tenho percebido que muitos destes são só "seres" já que Humanidade, claramente, não faz parte de suas estruturas mentais), mas é a melhor maneira de permitir a participação de todos e a busca de soluções para os problemas, tem alguns pilares importantíssimos. Um deles é a liberdade de expressão, fundamental para a avaliação de pontos de vista e a construção de caminhos que atendam às demandas da sociedade como um todo, e não apenas de grupos sectários. Nestes tempos de isolamento físico (social talvez não pois a tecnologia tem auxiliado neste ponto) o jornalista Vitor Menezes, ex-presidente da nossa gloriosa Associação de Imprensa Campista, tem se redobrado em defender seu ponto de vista e garantir a liberdade de expressão. Não é uma questão de concordar ou não com suas ideias. É uma questão de que ele pode e deve se expressar, como qualquer cidadão, desde que não tomado por intolerância ou por qualquer fanatismo que obscureça os fatos. Fatos. Em um momento em que as pessoas difundem mentiras e preferem acreditar nelas do que nos fatos, jornalistas de verdade se tornaram, infelizmente, alvos de violência virtual e, em alguns locais do país, violência física. Ser jornalista hoje, e na verdade sempre, é um ato de coragem.

Vitor tomou café e foi logo para o celular. As redes sociais (muitas vezes antissociais) se tornaram um veículo para debate qualificado, se você quiser que seja. Afinal a faca que divide um pão é a mesma que pode matar alguém. A rede mundial de computadores é um instrumento. Como ela serve depende de quem usa e de seus objetivos, nobres ou cruéis. Antes de começar suas atividades Vitor confere o celular e nota que recebeu uma chamada de um número de celular estranho e desconhecido: 25101975. Ficou, como bom jornalista, curioso pois o número lhe parecia estranhamente familiar. Mesmo imaginando que poderia ser uma corrente qualquer ou mais um desses golpes financeiros se arriscou e telefonou de volta. Do outro lado uma voz masculina atendeu:

-Que bom! Ligou de volta! – disse a voz.

-Sim. Quem fala? – disse Vitor.



-Aqui é o Vlado! Vlado Herzog. Bom falar contigo.

Vitor toma um susto. Claro que é um tipo de trote. Vladimir Herzog morreu há muito tempo. Reclamou com o interlocutor que respondeu:

-Shakespeare usou Hamlet para sentenciar que "há mais coisas no céu e terra, Horácio, do que foram sonhadas na sua filosofia".

Mesmo sem acreditar Vitor conversou com o suposto Vlado. Ficou encantado com o conhecimento adquirido e com a inteligência do interlocutor. Ao final da conversa o suposto Vlado sentenciou:

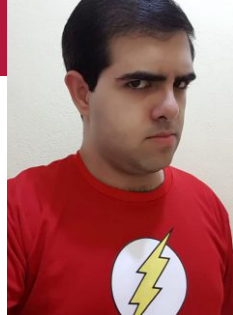
-Continue rapaz. Não morri à toa. A liberdade de expressão é fundamental. Continue defendendo meu legado e de tantos outros. E, um dia, os brasileiros entenderão que a Democracia é um valor para todos e que, se aprimorada e ampliada, trará uma sociedade mais justa. Até um dia.

Vitor ficou triste. Apegou-se ao "falso Vlado". Telefonou de volta algumas horas depois. A mensagem afirmava: "Este telefone está desligado ou fora da área de cobertura". "Esse isolamento faz coisas estranhas com as pessoas", pensou Vitor. "Esse 'maluco beleza' entrou em contato comigo e sumiu". Lembrou que o número do telefone, na verdade, era a data de morte do jornalista Herzog. "Trote bem feito", avaliou Vitor. Ao sentar em frente ao computador estranhamente a imagem histórica de Vlado cruelmente assassinado apareceu na tela. Vitor achou estranho. Apertou a tecla "enter" e apareceu a mensagem "a liberdade de expressão é fundamental". Parou por dez segundos. Pensou: "Sou racional. Isso foi só uma coincidência advinda de um defeito qualquer do equipamento ou o trabalho de um 'hacker' altamente qualificado". Bem, creio que Vlado não acha isso. Pouco antes de seu último suspiro Hamlet pede que Horácio não se mate para que relate, fielmente, tudo que ocorreu em Elsinore ao vitorioso rei Fortinbrás que, em breve, ali chegaria. Ou seja, Hamlet solicita que Horácio seja como um jornalista. Vitor é mais Horácio. Creio que Vlado seja mais como Hamlet. O Vitor tem o direito de defender o seu ponto de vista. E faz isso com respeito e suavidade, como um excelente jornalista que se baseia, como não poderia ser diferente, em fatos. Afinal a Democracia só é possível com liberdade de expressão. "O resto é silêncio".

Vlado está bem representado.

de: Carlos Augusto Souto de Alencar
para: Ronaldo Junior

NOSCE TE IPSUM



Diante da pandemia o escritor e poeta Ronaldo Junior não teve outra alternativa a não ser pesquisar muito e escrever para suportar o já aparentemente interminável isolamento social. Até que não é ruim, afinal. Escritor moderno, plenamente adaptado às redes sociais e ao universo virtual escreve de forma constante. Percebeu que já tem material, neste momento, para uns três livros inéditos. Claro que o sono anda um tanto esquisito pois muito tempo olhando para as telas que nos cercam causam certo cansaço mental. Mas nunca se sentiu tão produtivo. Está lendo os grandes contistas de Campos dos Goytacazes. Se aventurou a escrever contos, também.

Nos últimos dias anda acontecendo uma coisa estranha. A janela de seu quarto sempre amanhece aberta. Ele jura que fecha a mesma durante a noite. Mas, como não tem dormido muito bem, acha que está se confundindo. Toma café, vai para o computador e o celular. Pesquisa, escreve, produz literatura. Vem a noite, fecha a janela, dorme. Tem uns sonhos estranhos. Neles as ruas estão desertas, mas ele ouve gritos. Acorda cansado, olha e a janela está aberta. Fala um palavrão (ele só fala palavrão para si mesmo). Toma café e acontece tudo outra vez.

Esse isolamento mexe mesmo com a cabeça. Afinal somos criaturas gregárias. Mesmo o ser humano mais antissocial precisa de algum contato humano. Os efeitos psicológicos podem ser estranhos. Mas o Ronaldo Junior começou, finalmente, a se preocupar. As olheiras estão mais visíveis e seus pais, Ronaldo e Andrea, já perceberam. No entanto não estão preocupados.

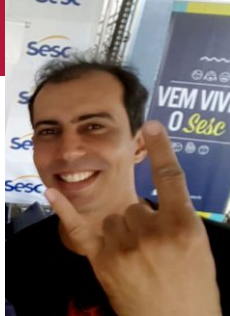
A noite de hoje foi especialmente terrível. Parece que Ronaldo Junior nem dormiu. O corpo amanheceu suado como se ele tivesse corrido uma maratona. Nem adiantou a noite fria com a janela aberta. De novo?!?! Jurava que havia fechado a mesma. Falou com os pais. Seu pai deu uma risada. A mãe, sempre protetora, um sorriso cúmplice. Quando o pai parou de rir explicou o que acontecia. O escritor Ronaldo Junior lembrou de tudo o que acontecia no período noturno. A Lua lhe pareceu ainda mais bela e irresistível. Uma verdadeira Dama que deve ser adorada e admirada. Seu pai acabou por explicar, finalmente, porque seu apelido é "Lobão".



Para indivíduos com sobrenatural sensibilidade é perigoso ler as aventuras de Ponciano de Azeredo Furtado. Alquimistas literários, como o contista campista José Cândido de Carvalho, mexem muito com a cabeça das pessoas. Parece que Ronaldo Junior dormirá melhor esta noite. Ter consciência de si mesmo traz uma enorme paz...

de: Cássio Peixoto
para: Gustavo Soffiati

A ORIGEM DO GUERREIRO PÓS-APOCALIPSE COVID



Acordar.

Acorda... acorda... acordei. Limpar a remela do olho, tirar o gosto de cabo de guarda-chuva da boca. Para ir a lugar nenhum falar com ninguém. Afinal de contas estamos vivendo um pesadelo sanitário pós-apocalíptico em uma cidade conservadora, com uma meia dúzia de bostões que se acham os donos da pandemia.

- Eu não me lembro de usar essa expressão "bostões"... como também não sei porque diabos estou falando sozinho como se tivesse que narrar para alguém meus pensamentos.

Recordatório. O nome disso é recordatório. É porque tem alguém narrando. E quando ele estiver falando sozinho sua fala será precedida por um travessão. Eu prefiro usar travessão ao invés de aspas.

Me restam os discos do Benito de Paula. As revistas que peguei do Márcio Aquino e nunca devolvi, e um monte de garrafas de cerveja artesanal que eu ainda não bebi.

- Eu preciso colocar em ordem e beber pelo menos uma por dia. Sabe Deus quando eu vou poder comprar uma dessas novamente, ou se é que vão fabricar isso de novo. Essa aqui tem o desenho de um corvo, nunca entendi o que corvo tem a ver com cerveja.

Gustavo é ateu? Se é ateu não pode evocar o nome de Deus. Se bem que tem gente que evoca o nome de Deus por força do hábito não é?

Giro sem camisa pela sala sem saber se começo o home office ou se durmo mais um pouco.

Muito desnecessário mencionar que está sem camisa. Mas posso acrescentar que a sua tatuagem no cóccix entra em primeiro plano. Como assim ele não tem uma tatuagem tribal no cóccix?

Ao olhar pela janela do prédio, vejo as paredes mofadas do prédio em frente. Roupas penduradas, um cheiro insuportável de feijão e o chiar de mil panelas de pressão. Um beco sujo e consigo ver um mendigo ser assaltado. Bebo mais um gole da cerveja. Fico me perguntando até quando continuaremos trancados em casa por causa de um vírus maldito e da teimosia de centenas de



ignorantes. Estamos em abril ainda [aqui era o momento de situar essa história no tempo], eu não sei se vou aguentar muito tempo aqui dentro desse lugar.

- Estou ouvindo uma música do Picassos Falsos... não sei de onde ela vem. Martela a minha cabeça com lembranças dos anos oitenta

Estou baixando todas as músicas do Picassos Falsos enquanto digito esse texto

Não sei de onde essa música está vindo.

Olha para a frente. Vira para o lado devagar. Mais ou menos pro lado, assim meio que de canto de olho. Agora começa a pensar. Pensa. Levanta uma das sobancelhas.

- Que diabos está acontecendo? É como se eu estivesse em um conto, uma história. Com pensamentos que não são meus, discos que eu não ouço e lembranças que não são minhas.

Olha pra frente. De novo.

- E se eu estivesse em uma história. Ahh! Que merda. Estou surtando. Quarentena de merda. Caralho! Tô falando sozinho em voz alta! Putaqui pariu!

Alguém grita no corredor do prédio "Cala a boca Soffiati!"

- Vá se foder! Eu tô na minha casa! Mas que diabos eu nem moro num apartamento. Ou moro. Porra decide ai merda!

São mais ou menos 15 páginas em formato americano com alguns comerciais no meio. A cerveja, os discos, o feijão e o recorte dos prédios. Fechou. Acabou a história. Fecha com uma panorâmica, tipo de cima. Página inteira. Fim.

O dia termina [mas já?!] e eu ainda estou com essa garrafa de cerveja na mão. Uma calça jeans que ainda não tirei. Essa quarentena vai me matar. Ou alguém vai escrever sobre como morre em vida durante a quarentena.

- Eu odeio essa cidade...

E assim começa a história de um homem que se transformou em um guerreiro pós-apocalíptico.

Nem sei se odeia mesmo, mas isso me pareceu bem dramático para finalizar a história.

de: **Cássio Peixoto**

para: **Jhow Alves**

O CARA ALI DA ESQUINA QUE TEM UM BAIXO DE VERDADE



Aos 13 anos de idade, no Parque Leopoldina, beirando a Baleeira, conseguir colocar os olhos em um contrabaixo de verdade era uma tarefa quase impossível. Tocar em um então nem pensar. O máximo que eu conseguia era olhar de longe ali na Marcos Music, perto da casa da minha avó no Centro. Mas dizia a lenda que um carinha ali da esquina tinha um contrabaixo de verdade. Ninguém nunca tinha visto ele tocar não, mas parece que ele tinha.

O cara mora ali na esquina. Onde? Ali, do lado de onde foi a mercearia de mamãe. Ahh então era o carinha que focava conversando com o pessoal que morava ali do outro lado da Alberto Torres. Do outro lado? Tipo pra quem vai pro Zezinho? Então fudeu.

O pessoal do lado de cá da Alberto Torres não se dava bem com o pessoal do lado de lá. Mas esse cara mora do lado de cá, então porque ele fica de papo com a galera que mora perto do Zezinho? Nada a ver. Aquele pessoal é muito estranho. Mas é quem esse pessoal? Um eu sei que é filho do Seu Machado, o outro é Maurício, irmão da Elizângela. Tem outro que é irmão daquela loirinha, mas eu não vejo muito ele ali não. Ou não reparei.

O negócio é que tem que ver o contrabaixo ali né. Quando ele estiver ali vai como quem não quer nada e troca uma ideia. Bora ali no bar de Ferrugem que ele tá ali direto. Aí é mole.

Aí, final de semana, bora na casa de Glauco. No caminho se ele estiver parado ali a gente fala com ele, tipo assim: "e aí". Meu primo falou que o nome dele é Jhow e ele tem um contrabaixo mesmo, de verdade, se colocar na tomada faz barulho mesmo, tipo de verdade saca?!

Aí, o cara tá lá parado no portão da casa dele. Bora lá. Na hora que passar do lado a gente fala hein: "e aí"! Ó, agora hein.

- E aí.

- E aí... aí o disco do cara! É U2?

- É "Boy", o segundo deles.

- Né o primeiro não?

- Nada. O primeiro é "October", nem tem na Caiana. Se não tem na Caiana capaz de nem ter no Brasil.



- Maneiro... aí quer emprestar esse disco aí não? Eu te empresto outro.
- Qual?
- Big Audio Dynamite. (o cara tava com o disco na mão)
- Então... minha mãe não gosta muito de eu emprestar disco não entende, mas esse aí é o Mick Jones, do The Clash.
- Então, essa é a banda que ele montou depois que o The Clash acabou.
- Ahh saquei. Você tem um baixo de verdade mesmo?
- Eu? Tenho um Gianini
- Eu toco baixo (mentira, nunca tinha nem visto um baixo na minha vida)
- Cê é filho de Dona Euzy ali da mercearia? Filho de seu Mário?
- Isso, vizinho seu aqui.
- Ahh você é primo de Jonas! Seu primo toca pra caralho! Aê, passa aqui depois pra eu te mostrar o baixo e de repente você toca.
- Tá certo, vou falar com a minha mãe que eu venho pra cá.
- Tô indo na casa de Alexandre ali no campo do Campos.
- Alexandre é aquele cara que quando você olha de longe você não sabe se tá indo ou vindo?
- Huahuhauhauhauhauahua aí, me empresta esse Big Audio aí que eu trago pra você quando vier ver o baixo.
- Tranquilo, leva aí. Valeu.
- Valeu!
- Caralho, o cara tem um baixo e não toca. Que porra que esse cara tem um baixo e não toca! Sujeito esquisito.

de: **Cristiano Pluhar**
para: **Maurício Xexéo**

ENTRE 26 DE MARÇO DE 2020 E 13 DE MAIO DE 2020



Despertei cedo, como de costume e ao acessar sites de notícias li que o Bosta, Presidente do Não-Governo do Brasil, havia disparado que o uso da Cloroquina seria ideal ao tratamento da Covid-19.

Sem embasamento científico algum, costumeiro neste período onde a Pós-verdade prevalece.

Após alguns palavrões que acordaram a patroa, lembrei do grande Xexéo, cara de extrema elegância cultural, preocupado com a sociedade e que tenho a honra de ter por perto. Apreensivo, liguei para ele.

Antes do "Alô." me disse:

– Já sei, Pluhar. O tratamento do Lúpus ficará impagável!

– Onde pararemos, meu caro? A irresponsabilidade deste inútil é afrontosa! A Oposição está estagnada frente ao enorme problema!

– Seu Comunista!, falou.

Rimos alto.

Ao terminar a ligação, vi que Xexéo havia postado em sua rede social o título da célebre canção dos Beatles: "All you need is love".

Quase dois meses se passaram e o Bosta ainda sustenta o uso do medicamento, o Covid-19 já matou 12.484 brasileiros, o infeliz andou de moto aquática, o desgraçado desrespeitou o isolamento social na padaria, no posto de gasolina, convidou para um churrasco, desmentiu a si próprio dizendo que a confraternização era fake, disse que 70% da população se contaminará, que muitos morrerão e que não pode fazer nada.

Teve, também, o golpista (2 vezes!) do Moro mostrando a tentativa de interferência presidencial na Polícia Federal, o filho do imbecil dando tiro no chá de revelação, o Weintraub dizendo que o Enem não serve para fazer justiça, o Ernesto apoiando o deboche preconceituoso do Weintraub com a China e mais um amontoado de idiotices apoiadas por estúpidos apoiadores do Bosta. E Xexéo segue com sua apreciável polidez intelectual.

de: Cristiano Pluhar
para: Wesley Machado

NÃO QUERO BOTAFOGUENSE TORCENDO PRO MEU COLORADO



Ano passado, ansioso, voltava do trabalho no Penha-Pecuária; era a final da Copa do Brasil!

Quase chegando ao ponto de destino, ouvi um “Pluhar!”. Era Wesley Machado, botafoguense roxo, grande entendedor de futebol.

– Tô torcendo pro teu Internacional, hein!

Respondi com um agradecimento sem graça, pois, vindo de um torcedor do Botafogo, a torcida poderia se tornar algo negativo.

E foi.

Botafoguense pé frio do caramba!

No dia seguinte, ainda bêbado de bêbado e bêbado de raiva, fui obrigado a reclamar com ele nas redes sociais. Após a diminuição da minha raiva contra meu time, lembrei, repentinamente, do seu avô. Wesley, filho de Fernando que é filho do Fernando: o ferroviário.

Assim que cheguei aqui, em 2009, minha primeira lida foi uma pesquisa sobre a Ferrovia Leopoldina Railway na cidade. Após muitas idas ao Arquivo Público Municipal Waldir Pinto de Carvalho, para folhear 40 anos de 5 jornais campistas, consegui uma entrevista com o avô do Wesley.

Recordo do dia com alegria pelas informações adquiridas. Fernando contou que havia sido preso (e não delatou os colegas) por conta de movimentos paredistas. Falou, também, do pensamento Comunista que corria nas cabeças dos trabalhadores da empresa exploradora.

O neto lia minhas mensagens com as lembranças e me disse:

– Não se fazem mais comunistas como antigamente, né, Pluhar.

– Hoje, Wesley, o Academicismo parece que roubou a prática ideológica e se apossou da teoria!

– É por isso que elegemos um boçal como Presidente da República, Pluhar!

Respondi o óbvio, aos olhos dos normais:

– Normalizamos o absurdo, rapaz!

Aparentemente ocupado, Wesley se despediu daquela conversa virtual com uma frase de impacto (me deixando preocupado):



– Continuarei torcendo pro teu Colorado!
Nem dei tchau.

de: Elda Moura
para: Adriano Moura

É O SENHOR, SEU ADRIANO?



Vários moradores já interfonaram perguntando se alguém estaria fazendo uma reuniãozinha em algum apartamento do 2° andar. O som do pagode está rolando a noite toda. Já tocou de SPC à Sorriso Maroto e todos acreditam vir do 2° andar. O porteiro já está atônito com as reclamações e afirma:

— Ninguém subiu pra nenhum apartamento do 2° andar, aliás, só tem tido movimento de moradores, nos últimos dias.

— Deve ser do outro prédio ou de alguma casa vizinha.

Mas os moradores insistem:

— Tem alguém ouvindo pagode altíssimo sim. Só pode ser que esteja rolando uma reuniãozinha. Não é possível!!

Diante da insistência, o porteiro resolve averiguar.

— Tá bom!! Vou subir pra ver."

Ele sobe as escadas e chega ao 2° andar. Caminha pelo corredor ao som de "você jogou fora o amor que eu te dei". E, finalmente, localiza de onde viria o som.

Toca a campainha. De dentro do apartamento sai o morador segurando uma taça de vinho seco. Abre a porta com toda a educação e calma que lhe é peculiar.

— É o senhor, seu Adriano? Poxa, os vizinhos estão reclamando do barulho e dizendo que estaria rolando uma festa aqui.

'Com muita calma, ele responde:

— Por enquanto não... mas eu tenho um garrafão de gallioto e umas iscas aqui ...

de: Felipe Sales
para: Rodrigo Florêncio

URUBU REI



A coisa toda desandou quando Rodrigo começou a criar urubus com as carnes dos churrascos que nunca mais seriam feitos. Mas a verdade é que o novo hobby era só um eufemismo em sua tenebrosa rotina. Por WhatsApp, monitorava um tio-avô de Murundu, sabedor de que se a peste alcançasse até aqueles confins, nada mais haveria de detê-la. Daí virou aprendiz de curandeiro: dividiam receitas pra controlar a pressão alta, sendo a mais saborosa a que incluía alcarrapas, creme de avelã e Campari. A mistura, combinada às enzimas ressecadas das primeiras horas da manhã, dava um susto no organismo e espantava até mau-olhado. Só não remediava os olhares de Patrícia.

Mas na base de tudo, estava o medo de ir à farmácia e às ruas, além de uma crescente aversão ao ser humano. Coragem até havia, mas o mundo se restringia aos treze passos que separavam sua casa da Praça do Sossego. Chegava na borda da Casa da Carne, comprava uns quilos de boi amargo, todo o estoque de Marlboro e um quinhão de cervejas -- única oportunidade em que interagia com os seres de sua espécie, só pra relembrar os bons e velhos tempos:

- Amigo, qual tá mais gelada?
- Tão todas iguais.
- Então me vê a Heineken.
- A Heineken tá quente.

Por um tempo, o diálogo saudoso funcionou até melhor do que as alquimias com Campari, mas era só parte das volúveis esquisitices. As ciências de Murundu, por exemplo, logo seriam trocadas por barreiras sanitárias. Em casa, livros de Jornalismo tornaram-se úteis, empilhados em forma de corredor até a varanda, onde vivia cada vez mais avesso ao afeto. Lá ele mantinha os churrascos frios enquanto revivia jogos do Flamengo, mas a solidão excruciante lembrava mais o Botafogo, e desbotava toda emoção. Até o dia em que as maminhas purulentas atraíram um plantel de urubus. Escorados em sua arquibancada particular, criaram intimidade tamanha que pareciam cantar juntos os hinos da torcida. Foi sua salvação, mas além do limite da santa Patrícia.

Sozinho em casa, derrubou os muros e levou a urubuzada pra dentro. Imperador de sua própria nação, rebatizou quatro deles como Patrícia, Artur,



Heitor e Thomaz. Ao lado dos demais, formavam uma tropa inseparável. Até no elevador iam juntos, e os bichos desenvolveram a manha de bicar o botão do térreo para proteger seu senhor. Rodrigo tomava as ruas embrulhado numa nuvem negra esvoaçante, que trovejava rasantes para intimidar quem ameaçasse a jornada até a Casa da Carne. A um simples sinal com a mão, o bando se acalmava e se dissipava, mas mantinha o olhar atento do alto dos postes e dos telhados. Tendo ainda dois soldados no front de seus ombros, Rodrigo, calmamente, foi direto ao ponto:

- Me vê uma Heineken quente.

- Só tem gelada.

Ele respirou fundo, enquanto grunhidos em uníssono reverberaram dos céus.

- E Marlboro, você tem?

- Maço ou varejo?

- Maço.

- Maço tem não.

- Então os varejos. Todos.

- Varejo tem também não. Só Gift.

Dessa vez a espinha tremeu, e um bater sincronizado de asas provocou uma lufada de abalar o Sossego. O que se deu a seguir foi uma sucessão de infortúnios fatais.

Lançado de trás do balcão, o único Gift existente na Terra flanou pelo bar. Rodrigo e toda renca de urubus se revoaram em direção ao cigarro, que tabelou entre bicos, quicou no meio-fio artilheiro e caiu macio dentro do bueiro. Naquele randevu danado, uma asa mais afoita derrubou a imagem de São Judas Tadeu, abandonada por um demente bêbado à época da derradeira euforia, e desde então louvada pelo dono do bar como última esperança das causas impossíveis.

Não foi preciso nem o bate-boca começar. Os urubus deixaram a dieta de lado e avançaram na carne viva do vendedor, enquanto ao fundo era possível ouvir as sirenes paramilitares. Na nova ordem mundial, a Justiça nunca tardava, já que a única lei vigente era o imediato homicídio dos homicidas. Enquanto parte do bando almoçava, Rodrigo foi elevado aos céus, feito bandeira das organizadas no Maraca, e sob as garras de Artur e Heitor, Patrícia e Thomaz, desapareceu no horizonte para nunca mais ser visto. Mas, nas tardes de domingo e vento sul, dizem que é possível ouvir cânticos delirantes ecoando lá do Morro do Itaoca.

de: **Gustavo Soffiati**

para: **Jorge Rocha**

O ESTRANHO SEM NOME



Seria um sábado qualquer da quarentena. Porque qualquer dia era sábado ou qualquer outro dia. Seria, não fosse véspera de aniversário de Márcio de Aquino. Ele esperava por aquele dia não como pelos aniversários anteriores. Não apenas porque havia se perdido entre sábados e outros dias, mas não naquele, não só por ser véspera de seu aniversário. Mas porque, no dia seguinte, o do seu aniversário, parte da adaptação de seu romance “Chicletes e prazer” passaria por uma leitura dramática na Santa Paciência Casa Criativa.

A ideia era fazer um teste para transformar o romance em filme, projeto que chegou a ser aventado pouco após a publicação da obra. Aproveitando o período de confinamento, Jorge Rocha investiu-se da função de roteirista. Um mês antes daquele 8 de agosto havia concluído o trabalho, que logo interessou ao diretor de teatro Fernando Rossi, que impôs apenas duas condições para montá-lo num palco: incluir no elenco um ator novato, atual garoto alguma coisa de alguma coluna social de algum jornal de Campos, e usar alguma música de Caetano Veloso. Jorge não gostou muito das condições, sobretudo, da segunda. Mas acabou cedendo.

Pouco depois que começou a adaptar o texto, Jorge foi procurado por um estranho cujo nome não se interessou em memorizar, talvez porque inebriado com a fama com que sonhava, caso aquele roteiro virasse mesmo filme. E filme de sucesso, comparável apenas a êxitos como o do disco “Interregno”, de Walter Smetak & Conjunto de Microtons. Fora que, na quarentena, Jorge recebia as mais curiosas e estranhas ligações e mensagens. E o sucesso subindo à cabeça...

O cara de cujo nome Jorge não se lembrava ligava todo dia à noite, no mesmo horário, que Jorge só sabia ser o mesmo porque o cara ligava, pois já nem olhava o relógio. Na primeira ligação, fez uma referência que Jorge reteve, a ponto de render-lhe vários sonhos e pesadelos, sempre tentando em vão se lembrar de quem era o cara, que se lembrava tão nitidamente de Jorge. Disse que tinham se conhecido em frente a uma videolocadora, na Avenida Alberto Torres.

Como o homem falava com propriedade de filmes, Jorge pensou que



aquela estranha amizade poderia inspirar-lhe como roteirista. Delirando um pouco mais, imaginou que uma crítica produzida pelo desconhecido alçaria o roteiro de "Chicletes e prazer" aos píncaros da glória. Delirando um pouco mais, imaginou uma exibição do filme numa edição de "OuTudo Trash", famoso festival de cinema organizado por Wellington Cordeiro; uma edição que teria que ser on line naquele período de isolamento social; uma edição que tornaria o nome Jorge Rocha mundialmente conhecido; uma edição que poderia contar com a presença daquele ilustre desconhecido – presença a distância, claro.

Na véspera da apresentação na Santa Paciência, Jorge assistiu a um ensaio geral da leitura do roteiro, não aberto a Márcio, que a acompanharia só no dia seguinte, como presente de aniversário. Aprovou tudo, exceto a música de Caetano e uma cena em que o ator novato, atual garoto alguma coisa de alguma coluna social de algum jornal de Campos, dizia: "Pô cara, toda vez que eu fumo unzinho, quero logo uma coca! Pô, é bom sim... Inclusive, teve uma vez..."

Ouvindo isso, um ator já veterano em Campos, conhecido como Biscoito, logo interrompeu o novato: "Eu sabia que você era bolsomínion! Tá querendo dizer que maconha é porta de entrada pra outras drogas, né?"

E o ator novato, que era fã de "Narcos": "Não, cara: é que eu curto mesmo fumar unzinho e logo depois me bate maior vontade de beber Coca-Colla! É o fresco do capitalismo!"

O ator novato quis apenas usar um caco, pra mostrar alguma habilidade e pensando em agradar a Fernando Rossi, como a fazer uma referência a um verso de Caetano, que passou a beber kombucha para abandonar a Coca-Colla. Mas ninguém bebeu, aliás, engoliu o caco. Nem Artur Gomes, que estava assistindo e poderia gostar de uma alusão qualquer a um poema de Décio Pignatari sobre o refrigerante-símbolo do imperialismo.

Biscoito e o ator novato só não saíram no braço em respeito aos protocolos de prevenção à covid-19. Mas rolou um climão, indicando não haveria leitura no dia seguinte.

Jorge ficou tenso.

De repente, recebeu uma chamada de vídeo de Robson Cruz, que aparecia sentado numa cadeira em casa, ouvindo Rattus e tirando da mochila que tinha nas costas um LP da banda, comentando-o faixa a faixa, enquanto mexia a cabeça, tragava um cigarro, bebia goles de cerveja e ria das próprias piadas.

Jorge ainda tenso.

De repente, recebeu uma ligação de Márcio de Aquino, que, mais cedo



estava ansioso com a leitura dramática no dia seguinte. Agora já parecia tranquilo: "Fala aí, Jorge, beleza? Pô cara, eu tava aqui ouvindo uma gravação tirada de uma fita da banda Lúcia Lúçifer, de Luiz Ribeiro... Pô, cara, é bom sim... Inclusive, cheguei a ver Azpilcueta Navarro, que sempre aparece quando começo a viajar com som assim... E já nem tô mais preocupado com o filme, não, porque hoje ganhei um lote de discos e veio nele uma edição importada raríssima de um LP de Nelson Príncipe Negro, prensada no Japão, com obi e tudo. Vale uma grana! Como eu não gosto, vou vender."

Jorge já não sabia o que dizer. Será que Márcio não se decepcionaria mesmo, se, no dia seguinte, não rolasse a leitura dramática, depois daquele furdunço entre os atores? Abriu uma cerveja e começou a ouvir Dead Fish.

De repente, recebeu uma ligação do estranho sem nome. Era a chance que tinha para desabafar. Apesar de ouvir, ao fundo do local de onde o cara falava, só músicas de Otto, Jorge contou o que havia acontecido no ensaio geral, falou da preocupação com a decepção de Márcio...

O cara ouviu tudo, sem dizer palavra – e talvez pudesse ter comentado sobre as energias ruins da música de Caetano (que não era "Força estranha") e do ator novato, atual garoto alguma coisa de alguma coluna social de algum jornal de Campos. Mas não: apenas ouviu o desabafo de Jorge, sabe-se lá por quanto tempo. Ao final, perguntou qual seria a produtora do filme. Jorge citou uma independente, de Belo Horizonte. E o estranho sem nome, fazendo com que Jorge finalmente se lembrasse de quem era aquele enigmático interlocutor, disse: "Se fosse na Columbia Pictures isso não aconteceria!"

Pronto! Era quarentena. E, assim como Márcio poderia vender o disco raro que havia conseguido, Jorge já tinha material para mais um conto.

de: **Gustavo Soffiati**
para: **Zé Henrique Meireles**



PARA OUVIR @S MENIN@S

– Alguém tem notícias de Zé Henrique? – perguntou um dos participantes do grupo de WhatsApp “Revoluções da Quarentona”.

– Eu não tenho! – foi a única e seca resposta de outro confinado do grupo.

Embora talvez não admita, é bem provável que o autor da pergunta estivesse preocupado com a figura em questão, por considerá-la em grupo de risco no período de isolamento a que quase todos se submeteram para fugir da covid-19. A forma íntima usada por todos ali para se referirem ao personagem, como a um amigo de botequim, escondia um nome aristocrático na linha pontilhada: José Henrique Alcântara de Meireles.

Já contávamos quatro meses de quarentena e há um Zé Henrique não dava as caras nem para as postagens notivagas rock’n’roll meio nonsense no Facebook, de uma vida que não passa na TV. Aliás, foi no mínimo enigmática a última postagem dele antes do período de isolamento total, sem contato nem pela internet: “Hoje eu quero apenas uma pausa de mil compassos...”.

Como viúvas enlutadas, Marcelle Louback e Elda Moura começaram a ficar preocupadas. Homenageadas pelo bardo galanteador da Almirante Greenhalgh, em contos escritos para o grupo de zap com um braço armado no Face, as duas resolveram tomar providências.

Após dias de enxaqueca, Marcelle bebeu várias doses de gim, colocou uma máscara antiviral e, no meio da madrugada, partiu em direção à fortaleza inexpugnável de Zé. No banco de trás de um carro de aplicativo, tentava registrar cada sensação da jornada, como uma Clarice Lispector a bordo de um táxi.

Chegou em frente ao portão da casa do desaparecido das redes no exato momento em que se aproximava das grades o leão de chácara da rua: um guarda noturno fofoqueiro que, vez por outra, assustava os moradores com crises de epilepsia. Meio sem jeito, com a meiguice que lhe é peculiar, explicou longamente ao vigilante sua preocupação com Zé. Para decepção da silfide da planície goitacá, há dias o guarda não ouvia ou via barulho nenhum, movimento qualquer naquela residência.

Sabe-se lá se por efeito etílico, Marcelle não hesitou: pularia o muro ou o portão da casa, na esperança de encontrar, no quarto dos fundos que fosse, o



parceiro de Arnaldo Antunes de brilho poético inversamente proporcional à notoriedade do ex-Titãs. Pouco acostumada a aventuras de gata borralheira, precisou que o guarda fizesse um pé-pé pra que ela pulasse. Levou pelo menos meia hora lá dentro.

No relato do vigilante para os vizinhos no dia seguinte, a moça saiu como que se recompondo e teria dito que apenas bateu muitas vezes na porta do vasto cômodo no quintal da casa, mas lá dentro tocava música alta: não foi atendida. Só que, enquanto ela estava em missão, o guarda ficou mais atento e jurou que ouviu, além da música, uns gemidos. Como velho babão, logo concluiu: "É como dizia aquele cara da pilantragem: acho que esse Seu Zé abateu uma lebre, isso sim!".

No final da tarde do dia seguinte, quebrando um confinamento que não permitia nem que visitasse filha e neta, Elda, além de máscara antiviral, partiu rumo à casa do sumido levando seu violão. Em frente ao portão, o cachorro não sorriu latindo pra ela, que, a plenos pulmões, começou a tocar e cantar "Porto solidão", sucesso de Jessé execrado por Zé Henrique. A esperança é que, se estivesse mesmo em casa, ele não suportasse a tortura sonora e surgisse para acabar com aquele espetáculo de quinta.

Depois de esgotar todo seu repertório de Lulu Santos, sem obter o efeito esperado com a canção de Jessé, Elda pulou o muro, dispensando ajuda, com a desenvoltura dos tempos de menina. Teria levado também cerca de meia hora lá dentro, voltou contando mais ou menos a mesma história de Marcelle e fez com que o guarda fofoqueiro dissesse aos vizinhos que iam à padaria logo cedo: "Estão vendo só? Mais uma lebre! E eu não dava nada por Seu Zé... Mas bem que ele pedala bastante, né?".

As notícias ruins ou imprecisas a respeito de Zé chegaram não apenas ao "Revoluções da Quarentona", deixando todos ainda mais ansiosos, naqueles dias em que alguns já sabiam converter em metros quadrados o tamanho de cada cômodo de seus aparelhos de resistência ao coronavírus. Também andava aflita a vizinha da casa em frente à do erudito do Parque Tamandaré, pedagoga além da idade da loba. Mas ela não simplesmente sabia das fofocas do guarda nada belo. Muito metódica, com o ímpeto de quem propõe que discentes entreguem portfólios sobre as disciplinas que ministra ao final de cada semestre, resolveu fazer uma investigação envolvendo os vizinhos e até transeuntes.

Com sua capacidade persuasiva, a Barbie da Pedagogia, como era conhecida numa das instituições em que leciona, convenceu os vizinhos a preencherem formulários e a entregarem a ela relatórios diários, de hora em



hora, descrevendo qualquer ação comum ou estranha ocorrida na rua. Todo dia, ao final da noite, depois de enviar por e-mails detalhadas atividades para alunas e alunos ou extensas missivas para a coordenação da graduação, a professora participava de uma reunião on line com vigilantes do novo exército modelo que organizou.

Pivetes, em ação considerada suspeita, foram interpelados por ela, que, atrás do muro de casa, esperava pela passagem deles. Tiveram que explicar que, dias antes, estavam gritando porque, depois de tocarem várias vezes a campainha dos Alcântara de Meireles, na última, passaram as mãos nos rostos, ficando com bocas e olhos ardidados de pimenta. Justificaram a traquinagem por terem sido duramente admoestados pelo ciclista Zé a não andarem sem máscaras pelas ruas.

Passou-se uma semana de pesquisa infrutífera. Se soubesse o que o fofoqueiro da aurora andava dizendo, quando a via na rua vez ou outra, a atlética pedagoga teria seu estresse agravado pela raiva, por tanta escrotidão saída da boca do dito cujo: "Essa aí tá demorando a entrar... Mas tem cara de ser foguenta e deve saber da fama do cara... Fora que eu nunca vi com ninguém desde que comecei aqui..."

Um dia, sabe-se lá qual, ela resolveu entrar à tarde na casa de Zé, sabe-se lá se porque o guarda era noturno. Mas eis que, depois do almoço, levou horas planejando a ação e, prestes a pular, foi flagrada pelo mexeriqueiro, que, naquele dia, chegou pouco antes do início do expediente. Não bastasse isso, tomou um susto quando viu também outro homem, só que à sua frente. Era Zé Henrique!

Como a história narrada pela professora seria muito longa para transcrevermos aqui, fiquemos com a versão de nosso protagonista, publicada naquele dia mesmo, no fim da noite, no Facebook:

"No caso, quando meu pai faleceu, eu trouxe vários LPs de sua casa, doe quase todos a uma amiga, mas fiquei com um, "Super Erótica!", cuja faixa "Je t'aime...moi non plus" ele me proibiu de ouvir na adolescência, aos doze anos. Aqueles gemidos entremeados à melodia eram o motivo da censura. Hoje, no fim da tarde, eu cheguei em frente ao portão, para ver as meninas. Encerrei a quarentena que me impus, durante a qual ouvi a música por várias vezes, dia sim, dia também. Assim, pude me lembrar do meu pai, por seu nome e por seu não. Lembrei ainda que havia uma ave, uma nave extraviada, ávida e desavisada, que não se aviava em mim, menino avoadado. E que agora, sempre que avisto essa ave, essa nave, avio-me, sem avidez."

de: João Paulo Arruda
para: Vitor Menezes

A CURA



Vitor Menezes acordou no meio da madrugada, com a cabeça em pandemônio e sentindo uma azia que lhe dava a sensação de ter engolido o Vesúvio. Não era pra menos. Fora além dos limites naquela noite. Bebera três taças de Merlot. Comera queijos pesados. Dançara na sala. Esvaziara, agoniado, a panela de fondue e, com ela, tocara o zabalho, gritando Fora, Bolsonaro!, e arriscando uma levada de maxixe. Sim, fora uma noite e tanto!

Nesse ínterim, vá se saber por quê, lembrou-se do seu livro. Imediatamente, uma fumaça tomou o quarto, e dela, como saída de um bolo, surgiu Marilyn Monroe. Embevecido, Vitor até cogitou. Um ronco em forma de ronhado, ao seu lado, demoveu-o da ideia de transar com os mortos. Mas, pensou, já que tinha acesso a eles...

O primeiro a chegar, bigode ralo, jaleco que lhe cabia maior que o próprio intelecto, foi o judeu russo. Vitor não titubeou e entrou de sola:

"Haverá vacina?"

Albert Sabin sorriu e respondeu:

"Sempre haverá. A merda é o tempo pra se chegar a ela".

Disse isso e sumiu, enquanto Vitor, ainda assustado com seu inacreditável e novíssimo dom, viu entrar Oswaldo Cruz, que já chegou dizendo:

"Saudade de fazer uma entrevista ao vivo, né, meu filho?"

E Vitor:

"Como convencer essa gente a ficar em casa? E a se vacinar depois? Com essa loucura toda na internet..."

"Porrada nos caras que não fazem nada. Eu não sei se você conhece essa banda. Titãs. Gosto muito dos gregos. Mas, quanto a revoltas estúpidas, não comento. Vou te indicar outro entrevistado".

Ato contínuo, entra um homem que será descrito daqui a pouco. Vitor, entre o estarrecido e o embevecido, pergunta:

"É possível?"

O recém-chegado sorri:

"Vou citar uma entrevista dada por Jean Coucteau."

"Naquela época, todos nós nos reuníamos no Café Rotonde. E um



homenzinho com uma testa enorme, arredondada e cavanhaque preto, às vezes costumava entrar lá para tomar um gole e nos ouvir conversar. E para 'olhar os pintores'. Uma vez perguntamos ao homenzinho (ele nunca dizia nada, só escutava) o que ele fazia. Disse que tinha a séria intenção de derrubar o governo da Rússia. Todos nós rimos, porque, é claro, tínhamos essa mesma intenção. Era assim aquela época! Era Lênin."

Declarou e evanesceu. Enquanto Vitor avaliava, chega outro personagem.

"Você quer perguntar sobre os trabalhadores, né? O que fazer..."

E Vitor: "Mas eu queria perguntar diretamente a ele".

"Ele não fala mais com jornalistas. Costuma pedir que eu registre o que pensa. Faço as perguntas e as respostas. Mesmo que não haja respostas definitivas".

Após a saída de Samuel Wainer, Vitor já não esperava mais ninguém. Até que o quarto se encheu de gente. Buendías de todas as gerações. O coronel se adiantou.

"Ele não veio porque, tecnicamente, nunca vai morrer. Nem nós. Ele abriu essa exceção pra você. Pergunte".

Vitor engasgou. E o coronel sentenciou.

"Não serão cem anos, ele mandou nos dizer isso a você. E quanto ao que fazer, nos tempos de cólera... O amor, meu amigo. O amor".

Vitor olhou pro outro lado da cama e dormiu com um sorriso.

Na manhã seguinte, tomando um café, ouviu da Juliana.

"Noite agitada, hein! Falou à beça".

"Tive um sonho muito maluco..."

Dito isso, Vitor terminou o café e foi ao caixa.

«Ceceu, foram dois cafés e uma água com gás..."

de: Jorge Rocha - com o auxílio luxuoso de
Stefânia Antonaci
para: Zé Henrique Meireles



AS TRÊS TENTAÇÕES DE ZÉNRIQUE

Relatório psicológico confidencial nº 28035.025

Relator: M. Xexéo

Interessado: Instituto de Medicina Mental Edgar Denal

Assunto: Avaliação psicológica referente à Síndrome da Fuga de Nova York.

Apresentação do caso:

Conforme relatos de familiares, amigos e credores, protocolos nunca foram o forte do paciente José Henrique Meireles, o "Alcântara". Ao receber a notícia da quarentena, principalmente para idosos e grupo de risco, aguardou a melhor oportunidade para sair de casa e seguir em direção a um bar onde costumava encontrar e beber com um grupo de jornalistas e escritores em tempos - que ele acreditava serem - mais seguros.

- Éramos outsiders! Rebels without a cause! Buchecha sem Claudinho! - esbravejou Joseph Hendricks, enquanto esse relato estava sendo construído.

Dois primos acionaram a carrocinha, que o localizou e gentilmente conduziu de volta à casa, para começar a cumprir a quarentena em segurança. Durante todo o trajeto, o paciente desfiou bravatas, entre elas a vez em que se fantasiou de Fred Flintstone, com garbo e similitude.

- Homem Primata, Capitalismo Selvagem! Ôô-ô! - cantarolou Josaphah Heinrich, fazendo uma dancinha de Arnaldo Antunes.

O que ele "esqueceu" de dizer é que havia permanecido na e com a fantasia por sete dias e sete noites, respondendo apenas "Vilmaaaaa!!!" quando lhe perguntavam algo. A família foi compreensiva na ocasião e o acolheu novamente. Acreditavam que eram apenas excentricidades de quem havia visto "Quero ser John Malkovich" 333 vezes consecutivas.

- Deveria ser "Quero ser João Paulo Arruda". Muito mais condizente com o realismo fantástico - comentou Yoseph Hendrix, imitando a voz de Rubens Edwald Filho.

Mas o paciente não desistiu de imediato. No décimo terceiro dia da quarentena, disfarçado de Hortelino Troca-Letras - chapéu de caçador, uniformezinho amarronzado demodê e espingarda de chumbinho -, esgueirou-



se pelo corredor lateral esquerdo da casa, pé ante pé. Ao abrir o portão, com um patético gesto triunfal de desenho animado, deparou-se com fantasmas de parentes distantes, primeiros amores e boletos em atraso. Ficou aturdido e voltou para seu quarto, agora de marcha ré.

- Era uma multidão gritando "O que que há, Zéinho?". Confesso: patolinei - lamentou Joshua Henriette, enxugando o canto dos olhos com a ponta de um lençinho perfumado.

A partir desse episódio, o paciente passou os dias prostrado, molemente sentado em frente à televisão, zapeando entre noticiários, programas de culinária e lives proxenetas. No vigésimo oitavo dia, surpreendido pela imagem de Silvio Santos, saiu em disparada em direção à rua, cantando Tumbalacatumba.

- Nunca perdorei por terem escolhido Valentino Guzzo e não a mim para o papel de Vovó Mafalda! - revelou Jezebel Histriônica, lábio inferior em descontrolado tremelique.

A terceira tentativa de fuga foi impedida por uma junta médica que agora alugava a casa, pois a família do paciente havia se mudado para um flat, deixando o paciente à própria sorte.

- Eu falei: não dêem corda pro Zénrique! - ralhou M. Xexéo.

- Está devidamente consignado na ata - disse Marcelle Louback, aqui colocada apenas para repetir essa frase infame, escrita em outro contexto e em um grupo de Whatsapp.

E ela pensa que não notamos que está usando uma fantasia de Tutubarão enquanto conduz o paciente para a banheira com gelo.

de: Jorge Rocha
para: Wellington Cordeiro

O VELHO E O BUNKER



Planeta Terra, cidade Campos. O Velho do Pontal de Atafona coloca a última bagagem no porta-malas maximum business king size de sua máquina de guerra, pronto para deixar a planície de uma vez por todas. Ocupando a lateral esquerda do veículo, uma faixa adesiva composta por polímeros da marca O Arauto ostenta um nome: Denker. Esse foi o nome escolhido por Andréa Vasconcelos Manhães, esposa do Velho do Pontal de Atafona, ao presentear-lo com essa máquina de guerra, comprada no Mercado Clandestino Michel Haddad. Historiadores apontarão a possibilidade de uma fina ironia nesse batismo, mas nunca saberemos ao certo. O que sabemos é que Denker assimila e personifica a essência de seu proprietário: ambos movidos por Conhaque de Alcatrão São João da Barra.

Aboletado na cabine de comando de Denker, o Velho do Pontal de Atafona silenciosamente aciona comandos no painel de controle. Os sete engenhos de sua propriedade são instantaneamente atomizados, restando apenas lembranças armazenadas na computação em barril de carvalho. "Campos já não há mais", diz ele em transmissão nano empática para o Irmão em Todos os Planos, seu amigo de longa data e agora xamã cético em Beco Horizonte, nome atual da antiga capital mineira.

Ao som de Eli Miranda nos mindphones, Denker começa a se deslocar rumo à Lagoa de Cima, agora novo refúgio do Velho do Pontal de Atafona e sua família, incluindo o bom e velho gato preto. Na saída da cidade, projeções holográficas gigantescas de Shana Carla e Rodrigo Florêncio acenam tchau, marcando o point of no return de Campos.

Ao passar pela bifurcação em Santa Rita, depois de uma longa pausa para abastecer Denker e a si mesmo, o Velho do Pontal de Atafona tem uma revelação e desmaterializa-se. Assim ó: pffiiii. Sua essência é reincorporada no que parece ser outro tempo e espaço, em um cosplay lamparão de Zé do Caixão, durante uma gravação do programa Mercearia Campista. "Você! Você! Você! Todos vocês!", vocifera o Velho Zé do Caixão do Pontal de Atafona e os quatro apresentadores desfalecem da maneira mais canastrona possível.

Cumprindo sua missão de salvar o mundo da destruição - ninguém



nunca conseguirá entender a lógica disso -, ele procura uma rota de fuga. Alguém metido em uma velha e estropiada fantasia de Coelho Psicopata sinaliza uma porta lateral para uma saída rápida, enquanto canta e dança uma musiquinha brega. O Velho Zé do Caixão do Pontal de Atafona reconhece a voz, mesmo abafada pela máscara, como sendo a de Rodrigo José e gira, confiante, a velha maçaneta, abrindo a porta. Nhééééééimmmmm.

Em Lagoa de Cima, Andréa Vasconcelos Manhães ouve a porta do acesso principal ao bunker abrindo. Nem precisa olhar para aquela direção: sabe que o Velho do Pontal de Atafona passou porta adentro, trôpego e tropeçando. Olhando por cima dos óculos, ela não tira os olhos da tela do HoloDoom, computador que compila o conteúdo de todos os vinis de samba do mundo e transforma em dados para isenção em Imposto de Renda. Conhecendo bem o marido que tem, Andréa Vasconcelos Manhães somente pergunta:

- É você, Satanás?

de: **Lionel Mota**
para: **Marcelle Louback**

O LIVRO



Acordou com o silêncio.

Desvencilhou-se dos lençóis e foi até a varanda. A rua estava estranhamente vazia e quieta.

"Será que, finalmente, esse povo entendeu que não é pra sair de casa?"

Voltou ao quarto e conferiu o celular. As últimas mensagens eram de 23h58 do dia anterior, pouco depois de ter se despedido de todos e ido dormir. Notou que estava sem sinal, tanto do wi-fi quanto da rede móvel. Ligou a televisão. Todos os canais fora do ar.

Estava sozinha aquele final de semana, e agora, isolada do mundo, resolveu começar o dia, daí a pouco conseguiria falar com a filha, mãe, amigos, não havia de ser nada. Fez a rotina. Banho, café da manhã, comida pro gato.

A cada ida à varanda, novas inquietações, tirando um ou outro cachorro caramelo, nada ou ninguém passava pelas ruas. Chegou a sentir uma certa saudade das motocicletas arrancando com escapamento aberto.

Tentou ler, escutar música. Mas a atenção não se prendia a nada. Resolveu dar vazão à rebeldia e desceu, encontrando a portaria vazia. Vasculhou a entrada do prédio e nada do porteiro.

O coração palpitou mais forte, mas ela seguiu em frente, tomando o cuidado de deixar o portão escorado para ter como entrar de volta, caso o porteiro não reaparecesse.

Andou pelas ruas da cidade. Nenhuma alma. Nem um releo rádio tocando sofrência. Nem um mísero imbecil arrancando com o carro para compensar a masculinidade frágil.

Então ela ouviu.

Parecia ser o barulho de cascos.

E eram! De uma esquina saiu um cavaleiro, um homem de cabelos escuros, vestindo um antiquado e gasto dólma. Ele aproximou-se lentamente, tão espantado quanto ela. Apeou, e com uma reverência, dirigiu-se a ela.

- Buenas! Sou Rodrigo Cambará, e vosmecê?

- Mar... Marcelle... prazer...

- O prazer é meu, prenda... Poderias me dizer que estranha cidade é esta?



- Campos.... Campos dos Goytacazes, na província do Rio de Janeiro..." Teve o cuidado de adaptar a fala ao entendimento do outro, que lhe abriu um sorriso que a fez entender Bibiana.

- Eu estava em Santa Fé... terminando um servicinho para ir encontrar Dona Bibiana, aí houve um estouro e acabei me vendo aqui, perambulando pelas ruas desse lugar estranho...

Ela não deixou-o terminar, saiu correndo, deixando-o atônito...

Correu... correu... correu... ignorando o elevador, subiu correndo as escadas, sem sequer sentir o esforço. Deixou a porta aberta atrás de si e foi direto até a estante, correndo os dedos pelas lombadas, os olhos brilhando, a boca entreaberta, arfando.

Os olhos faiscaram quando ela achou o título que queria. Sentou-se na ponta do sofá e abriu o livro, correndo as páginas até achar um capítulo em especial e começou a recitar em voz alta as linhas.

À medida que lia, assistia, com o canto dos olhos, maravilhada, as letras impressas migrando para a pele, o livro crescendo, absorvendo-a. A sala mudando de cor, ruídos e vozes invadindo o recinto junto com perfumes e brilhos de outra estação e diferentes latitudes.

A cada palavra, a transmutação aumentava. Ela já se via coberta pelas letras que fluíam das páginas, tatuando sua epiderme, quando o escapamento de uma motocicleta ressoou ao fundo...

de: **Lionel Mota**
para: **Felipe Sales**

O VISITANTE



Todos já haviam ido dormir. Mais uma noite de quarentena. Já havia perdido completamente a noção do tempo, Só se recordava das datas quando estava trabalhando. Era só se desligar da emissora e a sensação de completo alheamento da realidade voltava.

Sales abriu mais uma cerveja e resolveu rever, pela enésima vez, os melhores momentos da campanha do Flamengo na Libertadores 2019. Esparramada na cadeira em frente, Nica o olhava, com aquele ar complacente que só os cães sabem ter.

Estava vibrando novamente com os gols contra o Inter quando sentiu um cheiro estranho. Olhou ao redor e reparou que a cadela agora estava sentada. Quase morreu do coração quando ela falou, em alto e bom som (e um irritante sotaque paulistano):

- Então, temos companhia. E não, você não está enlouquecendo por conta da quarentena, cães não falam. Isso é só pra você ficar esperto e prestar atenção na visita. - Assim que terminou o recado, soltou um ganido doloroso e correu para se esconder sob uma poltrona.

- Posso me sentar?

Virou-se para de onde tinha vindo a voz e viu um homem esguio, com um terno imaculadamente branco, onde se destacava uma gravata bordô. Os passos estalavam nas lajotas do piso e ele sentou-se ante o olhar atônito do dono da casa.

- Boa noite.... você deve estar se perguntando o que faço aqui, não é? - Ante o aceno afirmativo de cabeça de Sales, o recém-chegado continuou - Sim, antes de mais nada, sou eu mesmo. O cão, o capioto, o tinhoso, o coisa-ruim, o sete-peles e mais uma miríade de nomes que você pode escolher. Sou eu mesmo, mas não tema, não vim atrás de sua alma. Desde que um alemão aí escreveu um texto sobre alguém me passando a perna, cansei dos engraçadinhos que vivem tentando me ludibriar. Vim só conversar mesmo...

- E... sobre o que quer conversar? - Conseguiu balbuciar, controlando-se para não derreter-se de medo cadeira abaixo.

- Então. Eu perdi uma aposta com JC, e ele resolveu cobrar agora... aí eu...



- Jotacê? Aposto? – Interrompeu-o, ansioso.

- Sim... JC, Jesus Cristo, o Filho do Homem.... a gente tem uma ótima relação, trocamos altas ideias com frequência. E, sobre a aposta, não vou te contar, não insista. Conheço teu tipo, você é jornalista, se eu começar a abrir a boca, daqui a pouco, vai me fazer contar coisas que até eu duvido...

- Mas...

- Porque você? Porque vir procurar você, aqui em Campos? Uma e quarenta da manhã de uma quarta-feira?

- Sim, porque eu?

- Porque JC é teimoso pra caralho! E acredita numa parada totalmente demodê. Eu falei com ele para procurar o Felipe Neto, ou então fazer dois ou três milagres no TikTok, mas não! JC queria que fosse pelos canais tradicionais, na imprensa, pra não ficar parecendo fake news e ser confundido com uns 'alguéns' aí....

- Mas... tem trocentos jornalistas por aí... muito mais relevantes do que eu...

- Tu não bebeu tanto assim pra ficar burro... eu não acabei de dizer que JC é antiquado à beça? Ele bateu pé que não era procurar ninguém famoso. De acordo com ele, tem que ser alguém comum, sem parentes importantes e vindo do interior... - O demônio revirou os olhos antes de continuar - Aquele menino cisma com cada coisa... mas... tergiverso... ele ainda disse que seria legal ser alguém com passagens reprováveis ao longo da vida, para que o milagre seja mais coerente.

- E o que ele quer que eu faça? Que engravide?

- Não!!! Pelamordedeus!

- Você falou em Deus?

- Claro! Tem algum problema com religião?

- É que eu achei que....

- Como todo mundo, né? Vocês humanos... são tão ridículos e limitados... se usassem um pouco mais do que dez por cento de suas cabeças animais....

- Vem cá... quer cerveja? Vou pegar mais...

- Não... obrigado... parei... no meu último porre, fiquei tão doido que acabei incorporando num baixinho de bigode ridículo e acabou dando uma merda do caralho...

- Cigarro?

- Também parei, fumar me dá vontade de beber e aí... já viu... tem café?

- Tô frio...



- Serve, eu esquento quando chegar, mas... na xícara, que sou visita e não suporto copo de requieirão.

- Tá... chato pra diabo você, hein? - E saiu rindo, em direção à cozinha.

- Humano é foda... a gente mal começa a conversar e já fica cheio de intimidade.

Sales retornou equilibrando um pires com uma xícara de café em uma mão e um latão de Brahma na outra, fazendo questão de olhar por baixo da mesa, curioso, mas com medo de ver se a história batia. O visitante notou a curiosidade e cruzou as pernas, exibindo um sapato de salto 15 e solas vermelhas.

- Tinha de fazer essa palhaçada só pra saber se eu tinha cascos?

- Não... só aproveitei a deixa, tava era com sede mesmo, mas me diz, tinha cascos mesmo?

- Nada... sabe aquele lance de anjos caídos? Então, isso é verdade. Na queda, machuquei os pés, calcificou tudo torto e criei esporão, aí, quando eu andava, coxeava e a unha de um dos dedões raspava o chão, fazendo o barulho que o pessoal da Idade Média confundia com cascos. Mas aí, um tempo atrás, pintou lá no Inferno um ortopedista top - O diabo fez uma pausa dramática, piscando, marotamente - Sim, essa gíria é minha! Então, ele apareceu, a gente fechou um pacote e ele me consertou. Mas aí, depois de um tempo, senti falta do barulhinho, do 'toc-toloc", aí passei a usar salto alto. Finíssimo esse, não acha? Louboutin, acho essa sola vermelha o último grito. Mas... onde a gente tava mesmo?

- Você ia me contar da aposta com Jesus Cristo...

- Terrível você!! Mas não vai me enganar fácil assim - Segurou a xícara com o café frio e assoprou-o de leve, fazendo a bebida fumegar antes de levá-la aos lábios - Ahhhh... assim é bem melhor! Então... JC me enviou aqui para que você faça algo para ele.

- E o que eu ganho com isso?

- Nada... Pra ele, tudo tem que ser feito no amor, quem garante contrapartidas sou eu, mas, como é pedido dele, é no amor, neném!

- E o que ele quer?

- Você é jornalista, conhece bastante gente, é cheio de contatos... JC quer que você comece a espalhar por aí que ele vai voltar... e, nesse meio tempo, que a imprensa, insuflada por você, óbvio, comece a fazer matérias falando que não é coisa de comunista querer que pobres tenham uma vida digna. Que não pode apedrejar adúlteros, que tem que respeitar mulher, gay, lésbica... que tem que amar o outro...



- Cê quer me dizer que Jesus tá com medo de voltar e ser morto de novo por pregar o amor?

- Quem dera! Ele vem já sabendo que vai pra vala... o medo dele é acharem que ele é do PT e meterem ele na tranca antes mesmo dele começar a pregar. E, vai que ele revolve nascer na quebrada, filho de pobre, igual da outra vez? Milagre vai ser chegar na vida adulta sem ter tomado esculacho da PM ou não ter morrido de bala perdida. Ele quer que cês comecem a aliviar a barra por aqui pra ele poder descer na moral.

- Tá... vou ver o que posso fazer, mas já vou avisando que é difícil...

- Se fosse fácil, ele mesmo resolvia, né? Por isso que me mandou aqui falar com você. Ele disse que vai ficar eternamente grato pela tua ajuda.

- Tá... mas porque veio você e não ele? Ou um anjo, como das outras vezes?

- Caralho... e tu acha que foi um anjo que veio das outras vezes? Era eu! Só que eu gosto de andar de branco, aí pessoal já confunde tudo. Sempre sobra pra mim. Cada aposta que eu perco, eu tenho de vir aqui e algum tocador de harpa que não faz nada pra agradar a Deus leva a fama!

- Tá bom, não precisa ficar bravo... eu vou fazer o meu melhor aqui e ver se consigo emplacar alguma matéria sobre esse assunto... vou mandar uns emails e fazer algumas ligações também. Mas não prometo nada, viu?

- Muito obrigado, JC vai ficar bem contente de você ter sido tão receptivo... e... - Esticou o pescoço para olhar a tela do notebook, que havia ficado ligado e agora mostrava os lances da final contra o River Plate - É a final de 2019, né?

- É sim... e... deixa eu ver... o próximo lance é o gol de empate... e depois, a glória!

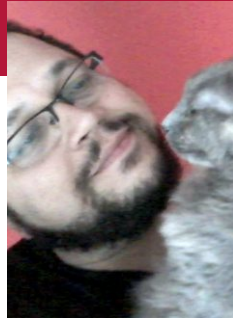
- Nem me fale desse dia... JC é um cag...

- Rá!!!! Tu apostou no River!

- Merda! - A imprecação veio seguida de uma explosão e um forte cheiro de enxofre tomou conta do ambiente. Sales sentou-se novamente, deu um longo gole na cerveja e sorriu, já pensando em quem poderia contatar para começar a produzir algumas matérias sobre o poder do amor... quem sabe até uma série... ou vender a pauta para o Globo Repórter... não seria de todo ruim dar uma forcinha para JC e, mesmo que não houvesse uma contrapartida real, só de ter novamente o apoio de um certo torcedor na final de 2020 já seria um reforço e tanto.

de: Marcelle Louback
para: Lionel Mota

SOBRE GATOS E DESESPERO



Lionel Mota estava transtornado. As notícias davam conta de que o vírus se espalhava a uma velocidade de cruzeiro. Espacial. O homem já estava há mais de mês encerrado entre as paredes do apartamento, mas as estatísticas eram por demais apavorantes para que ele se sentisse protegido apenas pelo concreto comum das paredes brancas. Era isso. Era hora. Ele se virou para os gatos, com o olhar meio perdido de quem vai para uma guerra inevitável. Catou os três e, dirigindo-se a uma porta camuflada no closet insuspeito, digitou a senha. O pequeno quarto blindado já estava equipado: algumas peças de roupa, latas de sopa, sardinha e biscoitos. Água. Garrafas de vinho. Cervejinhas. Um cadinho de rum para os mojitos (ainda que o hortelã acabasse antes, mas que diabos). Livros. Cadernos. Lápis coloridos. Um pequeno vaso sanitário e uma pia. Um pôster da Luma de Oliveira. Já tinha colocado os gatos para dentro e estava prestes a entrar quando lembrou: o violão. Pegou o instrumento na sala e finalmente se trancou na caixa de aço, sem perceber que um dos gatos havia se esgueirado para fora. Quando se deu conta, era tarde. Havia pré-programado a porta para que só se abrisse dali a trinta dias. Sentou-se e chorou pelo bichano desgarrado. Passou um mês miserável. Havia se esquecido do sabonete e do desodorante. O cheiro amoniacal da caixa de areia dos gatos também contribuiu para seu inferno particular. Mas escreveu como nunca. Quando finalmente saiu, teve que fechar os olhos ante a claridade do sol da manhã. Percebeu os gatos eufóricos passando por entre as suas pernas, mas mais pelo zunido que fizeram que por vê-los. Tropeçou nos sapatos espalhados no chão e se deu conta, no meio da queda, de que ia bater com a cabeça na quina da cama.

Lionel acordou suado. A camiseta branca molhada-já-quase-transparente. Piscou os olhos, a primeira vez de forma mais longa que a segunda. Um gosto metálico na boca. Olhou os gatos sobre a cama. Um aninhado sob sua axila direita, o outro entre as pernas. Faltava o terceiro. Que sonho havia tido. Um quarto do pânico no closet. Nem closet tinha. Sopa em lata? Por favor. Teve boas lembranças da Luma. Riu alto. Foi aí que tentou se lembrar das histórias que havia escrito. Nada. Sabia que havia elaborado enredos fantásticos. Nada. Paciência. Levantou-se, acarinhou os gatos, foi preparar um café forte. Procurou o terceiro



gato no caminho.

Ele nunca mais foi encontrado.

de: Marcelle Louback
para: João Paulo Arruda

CERTAS INSÔNIAS



Foi na pandemia do vírus coroadado, quando todos nós padecemos do mal da insônia e o mundo se tornou uma grande Macondo. João Paulo Arruda, homem de conversas compridas, sentia que naquela madrugada havia algo diferente. Havia um desejo por coisas que nem ele sabia. Havia saudade. Havia vontade de amplidão. Foi por tudo isso que, às quatro da manhã, ele colocou a rede na mochila e partiu em direção ao campinho de futebol.

Passou por calçadas sujas e ouviu o berro desesperado de uma gata cumprindo a sina. Chegou sob um luar leitoso. Deu um jeito de pendurar a rede entre as traves e se acomodou. Tirou a cerveja ainda gelada da mochila e mirou alguma constelação cujo nome não sabia. Sentiu falta do gato sobre a barriga. Foi quando se deu conta de que havia mais alguém ali. Estendeu o olhar para a extremidade do campo: Melquíades, aboletado na outra trave, também olhava as estrelas. João sorriu. Era uma boa companhia. Embalou-se na rede ao som dos insetos da noite, e suas pálpebras começavam a se fechar quando viu Fernando Sabino, sorrindo, passar num cometa que riscava a abóbada celeste. Sentiu uma ponta de saudade de outros tempos e também algo parecido com esperança. Tomou mais um gole da cerveja, e, apesar da timidez, acenou para Murilo Rubião, que passeava com um coelho na grama orvalhada. Acendeu um cigarro.

Àquela altura o dia começava a raiar, um sábado brumoso sendo parido. Os cantos de tantas aves anunciando sabe-se lá o quê. As coisas foram ganhando um contorno um tanto pálido e difuso, e ele se sentiu num quadro de Turner. Logo ele, que gostava tanto da força primária do vermelho. E, como se o céu ouvisse uma prece não enunciada, rasgando a bruma surgiu um filete sanguíneo. Bom sinal, pensou. Uns bons ventos fizeram com que se lembrasse de mais uma coisa que tinha na mochila. Tirou então a pipa e fez com que ela singrasse o céu, com uma mão ainda hábil de menino. Lembrou-se de sorrisos e fugas. Lembrou-se do nome de uma rua. Lembrou-se de tanta coisa. A pipa fez piruetas mil no céu fresco. Ele olhou para trás, o campinho agora já tomado pelo Sol. Melquíades e Murilo não estavam mais lá. Recolheu a pipa e a rede. Sentiu-se doce. Era o que era, apesar de. Em casa, Libório aguardava com impaciência a rede surrupiada por aquele homem que chegou diferente, perfumado a algo



que o gato nunca havia sentido antes.

de: Márcio de Aquino
para: Álvaro Marcos Teles

SAMBA NA QUARENTENA



Álvaro Marcos é um ser múltiplo, cujo talento para diferentes artes se revela a cada momento, e se espalha em torno de quem o rodeia, como se fosse um vírus infreável, que não pode ser contido. Um vírus do bem.

Um dia ele me propôs formarmos uma dupla de sambistas. Não uma dupla de autores, mas sim de intérpretes de sambas inéditos, que o próprio se comprometeria a pesquisar em diferentes comunidades onde anônimos e talentosos autores se encontram. Aceitei a proposta da Álvaro por ser um projeto interessante, e por não saber dizer-lhe não.

Porém, na semana em que os sambas começariam a ser pesquisados e recolhidos o estado de pandemia do Corona foi decretado, e eu dei por encerrado, ou na melhor das hipóteses, adiado o projeto. Engano meu. Álvaro, com sua visão periférica, prevendo o nefasto estado de reclusão a que todos nós nos submeteríamos, passou a fazer contatos virtuais com possíveis autores de sambas inéditos, e também por meio virtual, através de aplicativos de vídeo-conferência, faríamos nossos ensaios.

Já na primeira semana de recolhimento ele me passou a seguinte mensagem:

"Precisamos ensaiar novamente o samba Carmelita Boquiaberta, que mudou mais uma vez a harmonia da segunda parte. Também houve uma mudança na letra do sub- refrão. Até quarta-feira passada o verso 'leva um papo na esquina morta' permanecia. Mas na madrugada de quinta o verso foi mudado para 'troca uma ideia na entreaberta porta'.

E assim, mesmo com as limitações causadas pela impossibilidade do contato direto, o projeto ia ganhando forma, através dos ensaios virtuais e mensagens como:

"O samba Lamento Agropecuário, de Cidinho da Casa 20, ganhou mais uma estrofe, segundo me foi informado por Gonçalo da Kizomba. Segundo ele, não houve mudança na linha melódica, mas deverá ser acrescentado entre a terceira e quarta estrofes os seguintes versos: 'A arroba do boi é o mesmo da vaca leiteira/No capim verde do pasto/todo dia é dia de feira/A clara cara da manhã oferece o dia/e o sol brilha como joia rara/É oferecido o dia pela manhã e sua



clara cara'".

Álvaro revela-se um competente administrador de ensaios virtuais, sempre atento aos mínimos detalhes:

"Existem vários bons sambas inéditos que andei pesquisando, e que poderão ser incorporados ao nosso repertório. São eles: Alfavacas ao Luar na Goela, Cachaça Modesta, Perfuminho de Catarina, Carcomida Ambição, Avenida Pasteurizada, Sonho de Acrobata e Faz Beicinho Que Eu Derreto. Sugiro que cada dia da semana seja dedicado à aprendizagem, desenvolvimento e as necessárias adaptações para cada um dos sambas, de modo que cada interpretação seja definitiva".

Com a incorporação desses novos sambas imaginei que finalmente nosso repertório já estivesse fechado e devidamente ensaiado, quando ele surge com mais uma novidade:

"Eu recebi na tarde-noite de ontem uma mensagem de Toninho Chamunego, que faz parte da ala de compositores da escola Acadêmicos da Academia do Samba. Ele ficou conhecido como autor do samba-exaltação Ordem de Civilidade. Ele falou que está desenvolvendo um projeto de colocar letras em músicas eruditas, e transformá-las em samba. Ele me passou a relação dos temas que já adaptou: Concerto n°1 em Ré Maior, Opus 6, de Paganini, que ele transformou no samba Batuqueiro Abestalhado; Concerto Brandeburguês n°3, em Sol Maior, de J.S. Bach se transformou no samba Jumentinho Energizado; e a Abertura da Ópera Torvaldo e Doriiska, de Rossini, foi transformada no sambachoro Beijinho Atordoado. Ele tem interesse em que sejamos os intérpretes desse ousado projeto. Segundo ele, outras adaptações estão em curso. Acho que vale a pena avaliarmos".

Creio que com esses sambas fechamos o repertório para nossa primeira live.

de: **Márcio de Aquino**
para: **Alexandro Florentino**

BASTIDORES DA MÁGICA HARMONIA



Após uma frustrada tentativa de adaptar para o cinema meu primeiro romance, *Chicletes & Prazer*, que envolveu uma produtora paulista meio paranoica, e que criou mais confusão do que trouxe soluções, e uma série de desencontros e buscas inúteis por apoio, eu sepultei a ideia de me envolver com cinema. Aliás, melhor dizendo, meu envolvimento nessa produção era nula, já que não tenho nenhum conhecimento sobre os mecanismos da indústria cinematográfica, mas como a obra a ser adaptada era minha, também me senti como parte integrante do projeto. Mas meu amigo Alexandro estava diretamente envolvido na equipe, que na verdade nem havia sido montada, mas com seu conhecimento técnico de audiovisual e cinema estaria na linha de frente.

Porém, o bichinho da criação cinematográfica havia picado nosso amigo já naquele projeto que não havia dado em nada, e um dia ele me procura pra falar de cinema novamente.

- Retomou o projeto do filme do meu livro? Perguntei curioso.

- Não – ele me respondeu. Eu achei legal a história que você me contou sobre sua relação com seu pai e seu avô, envolvendo entre outras coisas o América, e pretendo eu mesmo escrever o roteiro e transformar em filme. Acho que dá samba.

Para quem não sabe, em minha infância sofri uma grande influência do meu pai e meu avô, que tinham muita coisa em comum, como por exemplo, ambos eram ferroviários, comunistas, e, uma coisa um tanto rara hoje, mas nem tanto na época - torcedores do América. Afinidades e coisas em comum são normais numa relação entre pai e filho, dirão vocês, mas não se trata disso. Eles eram meu pai e avô, mas entre eles eram sogro e genro. Uma afinidade que eles não conseguiram despertar em mim, mas que o nosso cineasta carrega, e creio que tenha sido o fio condutor do interesse pela minha história, foi justamente a torcida pelo América, o simpático Mequinha e seu uniforme vermelho, a primeira camisa de um clube de futebol que vesti. Lembro, inclusive, que enquanto contava algumas histórias, não só sobre futebol, mas sobre assuntos gerais, para ajudar em seu roteiro, contei sobre uma descoberta recente, da qual ele ainda não sabia. No dia em que nasci, num domingo Dia dos Pais, o América havia



jogado com o Vasco e ganho por 3x1. Então num só dia, meu pai comemorava o dia em sua homenagem, o nascimento de seu terceiro filho e a vitória do seu time.

Após terminar o roteiro do filme, que era de ficção, apesar de ser inspirado em fatos, ele deu o título de Bastidores da Mágica Harmonia. Gostei do título, comentei assim que ele me comunicou. Apesar de descolado pelo projeto anterior fracassado, eu conseguia imaginar, mesmo desconfiado, um cartaz do filme exposto em uma sala de projeção com uma foto de dois senhores e um garoto, os principais personagens da fita.

Mesmo para quem, como eu, não conhece os bastidores de um projeto de filme, é sabido que o maior entrave para a concretização de um projeto como esse é o alto custo de uma produção, e a busca de apoio financeiro torna-se fundamental. Através de uns contatos providenciais, Alexandro ficou sabendo que uma produtora chamada Pererê Quás Quás, que se especializara em curtas metragens e documentários, havia demonstrado interesse em também produzir longas de ficção. A Pererê Quás Quás havia recentemente ganho um festival de cinema em Cartagena com um documentário sobre catadores de tamarindo na Colina do Petimbó, e com a grana que recebeu na premiação estava disposta a investir em um bom roteiro para um longa, e tentar levantar um patrocínio da divisão de apoio à cultura de uma instituição bancária.

Alexandro, já com o roteiro finalizado e os cálculos de custo finais da produção, enviou sua proposta à Pererê Quás Quás. Porém havia outros filmes buscando o mesmo apoio, e para alcançar seu objetivo, Bastidores da Mágica Harmonia teria que concorrer com mais sete ou oito roteiros. Uns quinze dias depois, a produtora comunica a Alexandro que seu filme havia sido selecionado, e iria competir com outro filme chamado Liminha na Cascata, de um cineasta de origem franco-suíça, que contava a história de um personagem que passava o tempo inventando modalidades esportivas, as quais ele registrava em seu nome para colher royalties. O enredo era muito bom, e sabíamos que seria uma briga boa e difícil. Passado pouco mais de uma semana Alexandro foi comunicado, através de um e-mail da produtora, que Bastidores da Mágica Harmonia havia sido escolhido. A euforia tomou conta da equipe de filmagem, e eu já conseguia vislumbrar aquela imagem do cartaz na entrada da sala de projeção.

Mas ainda tinha uma batalha pela frente, que seria a Pererê Quás Quás apresentar o projeto ao departamento de apoio cultural da instituição bancária e ganhar o financiamento. Poderia haver outros projetos concorrendo, talvez com um orçamento mais em conta e uma boa possibilidade de destaque na mídia



cultural. Com a experiência que a Pererê Quás Quás havia adquirido no mercado cinematográfico, eles conseguiram que Alexandro, através de adaptações no roteiro e na produção, reduzisse os custos, e a produtora apresentou a proposta já com cerca de 40% do investimento pago. Agora era torcer.

Lembro que numa conversa com um dos donos da produtora, enquanto aguardávamos o resultado e a resposta final do departamento que poderia liberar a verba para o filme, ele falou:

– Às vezes quando se ganha um campeonato, a partida mais difícil não é a final, mas a semifinal. Talvez a disputa com Liminha na Cascata tenha sido mais difícil do que a resposta final positiva.

Passados longos e apreensivos dez dias, Alexandro e os produtores são chamados à instituição para a resposta final. Imagino o grau de nervosismo, ansiedade, medo, e outros substantivos abstratos presentes nessa hora. O resultado da reunião foi outro substantivo, não citado anteriormente: euforia. Bastidores da Mágica Harmonia foi escolhido para receber o apoio financeiro e virar filme.

Depois de tanta luta, era hora de comemorar. Passamos no Bar do Bigode e compramos umas latas de cerveja, e viramos todas. Depois fomos ao quiosque do Alfredão e pedimos um prato de batatas fritas com salsichão e molho inglês. Ligamos para vários amigos para comunicar a novidade entre risadas e risos de contentamento. A noite já avançava e se transformava em madrugada. Saímos pelas ruas da cidade e paramos no primeiro bar aberto e tomamos aguardente de cana caiana com limão galego. Sete minutos depois já estávamos dançando músicas folclóricas húngaras na calçada em frente à loja de ferragens de Sebastião Piu-Piu. Em seguida, já um pouco cansados, tomamos suco de pitanga com pipoca e queijo parmesão, enquanto visitávamos uma galeria a céu aberto que estava funcionando em regime de 24 horas, onde estavam sendo expostas fotografias de vaqueiros australianos em paisagens bucólicas. Em seguida fomos para casa, pois as comemorações foram intensas e significativas.

Na semana seguinte tudo parou por causa da pandemia do COVID 19. Nossos planos teriam que ser adiados. Existe a possibilidade do edital de apoio cultural ser cancelado para que a verba seja destinada à uma ajuda financeira no combate à pandemia nessa época difícil. A semifinal parecia ser mais difícil, mas a final foi para a prorrogação. Para torcedor do América nada é fácil. Conheço essa experiência de família.

de: Marlúcio Arruda
para: João Paulo Arruda

CAMPISTA, ATLÉTICO E CAMPEÃO!



Isso de ganhar é um vírus, por vezes mais daninho que aquele com a coroa na cabeça. No futebol, então? No início dos anos 1990, tive meus dias de Eurico Miranda, no pior sentido da palavra e da canalhice. Organizei um torneio com tudo favorável ao meu time: campo, tabela, bola e outras malandragens. No nosso grupo, pra facilitar os caminhos de uma inevitável e arranjada final, coloquei sem sorteio ou critérios um desconhecido e estreante time chamado Atlético Campista.

O caçula da competição era tão inofensivo que tinha como reserva um garoto ainda em categoria dos fraldinhas. Ah, o moleque Mateus vai ser presa fácil. Foi o que pensei. E pior, passei essa impressão para o meu esquadrão. Vamos todos ao ataque, sem dar tréguas. Adepto de formações audaciosas – Clodoaldo, Ailton Lira e Pita ou Andrade, Adílio e Zico – só pensava em atacar. Eu, Ney e Carlinhos dentro da grande área deles. Até o zagueiro Alberto, nosso “Rondinelli”, vai jogar a partir do meio de campo. A ideia é fazer um bom saldo de gols contra essas crianças, para ter vantagens nos confrontos com os times mais fortes.

Eu vinha de uma contusão um pouco grave. Havia ficado duas semanas sem jogar por conta disso. E nem me preocupei em apurar a forma ou treinar, pois estrearíamos contra o fraquíssimo Atlético Campista. Ah, sim, a camisa alaranjada deles foi uma cortesia nossa. Herança do Cobreloa do IPS. Tudo arranjado. Era só uma questão de tempo e de a bola rolar. E, num oferecimento Beltec-Dical e Casa Mattos, Suderj informa: o principal astro do time deles era João Paulo. Fazia de um tudo lá: técnico, empresário, capitão e, olheiro dos adversários.

No alto da minha prepotência, nem dei ouvidos para a informação de que o Atlético Campista estava treinando diariamente no Jardim São Benedito. Mais: o rendimento da equipe ia tão bem que JP, na função de craque do time, repetia insuportavelmente a frase: “o Zico é o Zico”... Ah, “o Zico é o Zico”.

rola a bola no Parque Imperial. Na estréia, uma zebra. Perdemos pra eles. E perdi o rumo, a noção, a razão. Montaram uma retranca intransponível. Podia até dizer que acharam um gol numa bola vadia. Mas, eu bem sei que o Atlético



Campista nos deu um belo nó tático. Eu não vi a bola... e nem foi pelas pancadas que recebi. Ney, o nosso craque, não acertou um lançamento de tão bem marcado. Alberto, muito pressionado nas saídas de bola, enrolou-se algumas vezes. E, de fato, eles tiveram um dia de Zico.

Colau e Evandro, quem diria, tomaram conta do meio de campo. Ganharam todas as divididas. E, vendo o videotape repetidas vezes depois, foi nitido o comando de João Paulo naquela estratégia. Até as pisadas cirúrgicas no meu dedão rasgado foram cumpridas à risca. O que me doeu mais nem foi o sangue pisado que grudou no meio e que teve de ser retirado à tesoura. A fratura exposta – da minha moral – me veio ao perceber que nada percebi daquele escrete treinado à moda Professor Luxemburgo para neutralizar o futebol arte de Telê Santana.

Repensando agora, aquele jogo foi como o triunfo de Bujica contra o Vasco na estreia de Bebeto – o chorão e sem caráter – no time que tem um cinto de segurança bem no meio do peito. Feio, muito feio! O uniforme deles? Não, a nossa derrocada para o Atlético Campista. Lembra também a surpreendente vitória do Americano contra o Santos de Clodoaldo e Edu, em 1975, no Godofredo Cruz. Incrédulo, fiquei durante muitos dias.

Rodada a rodada, aquela zebra chamada Atlético Campista foi se transformando num leão. E abateu a todos: jogo a jogo. E o nosso time, franco favorito, teve que começar a fazer contas: de pontos, de gols a favor, de gols contras. Um vexame. Os demais adversários de grupo, por unanimidade, se renderam às performances da turma do João.

Mas o meu vexame particular tornou-se ainda maior por conta da arrogância nossa de cada jogo. Culpa da bola, erros dos juizes, falta de sorte, Brasil e Itália 82... Em nenhum momento paramos para olhar para o outro lado do campo. E não vimos um desconhecido Atlético Campista se agigantar e levar o troféu que já estava guardado na minha casa. "Levar para o campo pra quê? Vou ter que guardar aqui na volta...".

E voltamos sem medalhas, sem vitórias, sem graça. O que é que eu poderia dizer lá em casa? Nada! Sono profundo até o dia da revanche. E nessa nova peleja, todo o cuidado seria pouco ao enfrentar o todo poderoso Atlético Campista de João Paulo. Se "O Zico é o Zico", JP não fica pra trás. Aliás, ele é um autêntico campista, grande atleta e merecidamente campeão.

de: **Marlúcio Arruda**
para: **João Paulo Arruda, Rodrigo Florêncio**
e **Vitor Menezes**

OS MENINOS DAS FOLHAS NO CÉU



Poucas coisas irritavam tanto Zé Gilson quanto aquele vento sul típico da Baixada da Égua. Bastava o assobio vindo do céu para ele já apelar do cavalo sem sela e selar o dia como mais uma desgraça das terras campistas. Mas, desta vez, ele bem que se orgulharia da traquinagem que aquela rajada provocou. O vento bateu tão forte, mas tão forte, que fez subir aos céus um exemplar do FDP – Folha de Papel. Extinto desde os idos sem volta dos 1990, o panfletário e militante do bem tinha uma tripla assinatura: João Arruda, Rodrigo Florêncio e Vitor Menezes.

Já no infinito, o vendaval espalhou folhas por todos os lados. As páginas centrais, trazendo a mais importante reportagem daquela edição, foram parar exatamente nas mãos de... São Pedro. Isso mesmo, o homem da pedra que edificou uma igreja inteira estava agora às voltas com uma leitura de jornal publicado 21 séculos depois de sua aparição no noticiário. O velho das barbas brancas e do molho de chaves ficou encantado com o que veio lhe parar no colo. Texto, diagramação em perfeita sintonia entre paucas e cíceros, fotografias, enfim, tudo parecia maravilhoso aos olhos do primeiro santo padre do catolicismo.

Mas o homem queria mais. Sendo Pedro, o gigante, ordenou que Anjos e Querubins varressem todo o céu à procura das demais páginas. Aos Arcanjos e Serafins exigiu uma montagem perfeita. Conseguir um jornal completo foi a ordem que desorganizou até a hierarquia celestial. E não é que ao final do dia lá estava tudo à disposição de São Pedro. O apóstolo da tri-negação – praticamente um sofredor do Vasco das quedas – sentou-se para uma leitura típica de jornal: árvores, rede nordestina, chás, bolachas e, claro, o pincenê. Santos também têm problemas de visão na velhice...

A ansiedade petroniana, no entanto, não lhe permitiu ler o FDP com a calma que desejava. Primeiro, fez uma leitura dinâmica e transversal. Depois, foi direto ao expediente.

- Quem são esses meninos? – Perguntou a um dos seus assessores mais próximos.

Embora fosse santo e tivesse a tal da onipresença e uma invejável visão de águia, saber de cor quem são JP, Rodrigo Florêncio e Vitor Menezes já seria



demais. E Pedro nem concluiu a leitura do jornal como desejava e já saiu a campo – celestial – para entrar em contato com os focos da ocasião. Nada de internet, ou fax, muito menos telex. O porteiro do céu queria contato direto com os já consagrados jornalistas. Nessas horas, até ele adota as politicagens: troca de partido – religioso – e apela ao espiritismo. Sim, São Pedro, quem diria, iria reencarnar por uns dias em Campos dos Goitacases. Na terra de Zezé Barbosa e Garotinho, o chefe da Igreja Católica tinha três opções para baixar nos canaviais.

Mas, o que Pedro desejava, afinal? Reeditar o FDP, comprar os direitos autorais dos outros 11 sobre a Bíblia Sagrada e estabelecer uma linha direta de comunicação durante toda a pandemia. Se os chineses – ou os americanos do Norte – criaram o tal do vírus, a resposta seria dada com informação, credibilidade e ética jornalística. Ah, sim, São Pedro já havia pirateado um sinal de Wi-Fi só para assistir às aulas do Professor Vitor Menezes e as lives de Florêncio. E não é que o velho decorou rapidamente os conceitos midiáticos. Do bem e do mal, diga-se de passagem... de tela.

Não bastassem as chaves o céu, o Santo de todas as portas agora queria voltar à terra. Para além de ressuscitar o FDP, ele pretendia rebatizar uma rua em especial. Retirar o nome de um “fdp” qualquer – no stricto sensu do xingamento – para aplicar sobre as placas um dos três (ir)responsáveis pelo panfleto do século passado.

Qual seria, então, o critério de escolha? Aleatoriedade, claro! Um cederia o corpo ao velho Pedro. O segundo teria a função de Waze ou Google Maps, pois Campos dos Goitacases demorou muito a entrar na geografia do mundo e Pedrão não tinha a menor obrigação de conhecer as novas ruas da (der)rota do açúcar. E o terceiro? Ah, sim! Esse transformar-se-ia – nada mais velho que São Pedro e uma mesóclise – em nome de rua. Gente que é nome de rua, sacou?

Bastou JP cantarolar umas canções de Raul e outras tantas de Belchior para o Santo Padre bater o martelo: é com(o) esse que eu vou! E foi. Mas, não sem antes explicar o cargo de Florêncio: assessor para assuntos digitais. “Ele é hi-tech demais e é capaz até de converter Tomé à tecnologia. Afinal, o padrinho do Farol adora tocar com os dedos para acreditar nas coisas divinas... Além disso, o camarada Florêncio consegue até vender “lições de como vender” pela Internet em tempos de pandemia...

E no dia tal, de um tempo qualquer, lá estava São Pedro em pele e roupas de JP a (re)inaugurar uma rua, até então chamada de Ponciano de Azeredo Furtado. “Com a legitimidade de uma Folha de Papel, eu, Pedro único, declaro para os séculos e séculos sem fim, que este logradouro – sendo da minha área



de influência – passa a chamar-se Rua de Vítor Menezes". E quem não concordar, que atire a primeira pedra para que eu possa edificar a Sociedade dos Poetas Vivos das Terras de João Cândido de Carvalho!

de: **Maurício Xexéo**
para: **Cássio Peixoto**

VIVE, ELE VIVE



Peixotinho entrou no recinto afoito. Seria a hora da verdade, todo o conhecimento de séculos estaria à prova. A bancada estava pronta, a iluminação também, e, claro, o cadinho, no fogo alto, esperando ebulir para a transmutação acontecer. Tudo estava perfeito: a temperatura do ar, a brisa que entrava pelas frestas, o silêncio em volta daquele lugar que se tornou um laboratório.

A hora chegava, Peixotinho colocou o filtro no suporte, e o frasco de vidro que iria recolher o elixir estava posicionado. Era o momento de adicionar ao cadinho os reagentes necessários, e o resultado, a vida em forma líquida estaria pronta e a centímetros de cumprir o seu dever, revitalizando tudo à sua volta. “Um novo mundo se levantará!”... Quase gritou, mas segurou seu ímpeto, para não chamar a atenção dos vizinhos, misteriosamente, em silêncio. O cosmo conspirava para tudo funcionar.

O elixir agora passava pelo filtro e, no frasco de vidro, ia sendo recolhido. Peixotinho pegou o líquido, olhou com decisão, transferiu-o para um outro frasco, mais fácil para se beber, e sentiu o efeito do elixir. Desta vez, não se conteve e gritou: “Sim, funciona! Ela está viva, a vida líquida está viva! Eu estou transmutado... Sinto a vida penetrando em todas as minhas células... Muahahahaha”.

Os cachorros latiram, mulheres foram para as suas janelas, homens olharam para todos os lados.

Peixotinho deixou o recinto que havia feito de laboratório e, na bancada, a prova da transmutação que havia concebido.

Quando já estava com meio pé fora de casa, pronto para ganhar o mundo, ouviu lá de dentro, a esposa falando: “Pode voltar e limpar esse pó de café largado na bancada, jogar o filtro de papel no lixo e lavar a jarra de vidro. Ah, sim, para de brincar de cientista louco. Vai assustar as crianças”.

de: **Maurício Xexéo**
para: **Cristiano Pluhar**

O CONTO DO RUSSO LOUCO



Sem querer, os quatro amigos e mais o cachorro dinamarquês entraram na cidadezinha, no meio da noite. Os quatro aproveitavam as férias, entre o quarto e o quinto período da universidade, e resolveram viajar, com o que economizaram durante o período de aula, juntando mesada – os que tinham – bolsas científicas, monitorias e o que fosse conseguido.

A decisão foi para o interior do Rio Grande do Sul, visitando as terras onde os jesuítas passaram. Nem eles sabem como foi a votação para escolherem esse lugar ao em vez de um local badalado pelos universitários.

Bom, eles eram estranhos mesmos e sabiam disso. Um estudante de direito, uma de letras, uma de engenharia mecânica e um estudante de artes plásticas. Até o cachorro estudava. Era assíduo nas aulas de adestramento, mas ele tinha algo especial, apesar de tanto treinamento, nunca perdeu a espontaneidade.

Pois bem, entraram na cidade com o carro alugado e estranharam ninguém nas ruas. Encontraram um único restaurante aberto e somente uma pessoa dentro, que, mais tarde, souberam ser o dono. Para comer, arroz carreteiro com polenta frita e um sanduíche imenso, o Xis Gauchão, com tudo que se pode imaginar dentro.

Servindo o grupo, o homem perguntou: “O que vocês fazem por aqui, não ouviram falar do Russo Louco? E continuou vendo a cara de surpresa dos cinco – sim, o cachorro também fez cara de espanto. Diz uma lenda ‘muy’ antiga, que depois que os jesuítas foram expulsos pelos espanhóis e portugueses, antes de irem, deixaram uma fortuna em ouro enterrado por estas terras. Ninguém nunca levou a sério a história, até que em 1800, e lá vai cancha reta, chegou por aqui um russo. Mas, bah, o homem era alto uma barbaridade, e forte, parecia um pichiche, um guarda-louça de tão grande”.

“Pois bem, o homem rodou tudo, cavou tudo, arrumou peleia com tudo quanto é gente, procurando o tesouro, até que um dia ninguém mais soube dele. Sumiu. Dizem que se afogou no Arroio dos Padres, também dizem que o espírito de São Sepé levou o russo daqui, pois estava incomodando a alma dos que morreram nas guerras”.



Mas o que isso tem a ver com a cidade estar vazia? Indagou o estudante de direito, metido a bonitão e por ter visitado uma loja de artigos gaúchos, estava com um lenço colorado amarrado ao pescoço.

“Eu já ia 'ledizer', disse Gaudêncio, o dono do restaurante. Há cerca de dois meses, veio uma tormenta, dessas bem macanudas, de assustar alma penada, e desde então, andam dizendo que o espírito de do Russo Louco voltou de onde ele estava e para procurar o tesouro”.

Desde então, ninguém sai quando anoitece. Eu abro o restaurante por puro desafio, porque nenhuma alma penada vai me dizer o que fazer, tenho meu facão benzido na fonte do Padre João Batista Reus e trago um escapulário de São Sepé. Disse com um sorrisinho no canto da boca.

O grupo se entreolhou e já sabia o que essa troca de olhares significava, “uma boa história”, que foi assentida pelo dinamarquês, com um latido baixo.

Gaudêncio, vendo o olhar os dos cinco, – sim, ele já conseguia entender o cão.

– Acrescentou: “Se tu queres um conselho, moça do blusão alaranjado e tu também, moça do vestido roxo, não passem próximo do Arroio dos Padres, nem das missões jesuíticas, dizem que o Russo Louco foi visto por lá”.

Quase que imediatamente, o grupo partiu para o local proibido e já antevendo alguma jogada cruel, imaginou que Gaudêncio estaria diretamente ligado à nova caça ao tesouro dos jesuítas, caso o fantasma do Russo Louco fosse uma farsa. Vai quê....

O lugar parecia um cenário de filme de terror, uma ruína, do que deve ter sido uma igreja ou casa, restos de um caminho de pedra avermelhada, algumas ovelhas esparsas, o vento, o tempo e o silêncio. Nenhum sinal de coisa alguma.

De repente, ouvem um tropel e do nada surge a figura de um cossaco translúcido, a cavalo, gritando e rindo, emitindo uma luz azul e vermelha, indo direto na direção deles, brandindo a espada: “Saíam dos meus campos, o tesouro é meu! Hahahahaha”.

O primeiro a entrar na perua foi o de camisa verde, seguido pelo cachorro, os demais entraram em ordem aleatória e saíram dali rapidamente. Dormiram num posto de gasolina, depois da cidade. Porém, nas primeiras horas da manhã, assim que comeram um bom, muito bom, café da manhã, partiram para onde viram o fantasma.

No local encontraram um botão de calça jeans, resíduo de tinta fluorescente, restos de equipamentos eletrônicos e marcas de ferradura.



Também encontraram ferramentas de escavação e um local demarcado com corda. Foi quando a estudante de engenharia mecânica disse: "Gente"! Todos se entreolharam e disseram: "Gente, ela disse: gente". Isso significava que o mistério havia sido respondido.

Ou seja, por que um fantasma anda de calça jeans, precisa de tanto equipamento e técnica? No mesmo dia, discretamente, armaram uma armadilha para o fantasma. Um plano em que o de camisa verde e o cachorro iriam chamar a atenção do Russo Louco, que cairia numa rede de pesca, durante a perseguição.

Pois bem, deu tudo errado mas no final deu certo. Com o fantasma capturado, a de vestido roxo ligou para o Gaudêncio que ligou para o delegado e os dois foram ao local.

Chegando lá o estudante de direito, que não tirava o lenço vermelho do pescoço, disse: "Agora, vamos ver quem é o verdadeiro fantasma Russo Louco.

Não, por incrível que pareça, não era o Ruivo Hering, nem a professora de inglês, era... Falaram todos, em uníssono, Cristiano Pluhar, o professor de história!!! Claro, disse o delegado, como não pensei nisso?! Antes da tormenta, ele veio à cidade perguntando por escavações, que explicassem a história local e as batalhas nos tempos das missões jesuíticas.

Agora irá ter de se explicar para o juiz. E Pluhar respondeu: "Eu teria conseguido esclarecer tudo, se não fossem essas crianças intrometidas...".

Para terminar Gaudêncio chamou todos para comerem um Xis Gauchão, um sanduíche do tamanho de um prato, que se come com garfo e faca, com tudo dentro, e umas batatinhas também.

de: **Rodrigo Florêncio**
para: **Jhow Alves**

JHOWTROMUNDO



Ano 36 pós COVID-19.

Tereza liga e, numa rara aflição, diz:

- João Carlos está com você?

A pergunta já traz o calafrio habitual dos tempos atuais. Não é época para se andar de bobeira pelas ruas. Os dias são outros e há perigo em toda esquina. Diante da minha negativa, a serena Tereza desabafa:

- Ele anda por aí há dias! Já procurei por todos os lados. Falei com quase todo mundo, à exceção do bispo Dom Rafael, que também não atende meus telefonemas! Ele deve estar lá até agora!! Os dois não se desgrudam mais!!!

- Onde eles estão, Tereza?

- No Convento, acredito. Estão tramando alguma coisa com aquelas freiras!!!

De imediato me propus a procurá-lo. Confesso. Fui rápido na gentileza mais para saciar minha curiosidade do que para aliviar a preocupação da esposa.

Peguei a avenida Laranjal, antiga Alberto Torres. Na verdade hoje o nome oficial é Honorável Queiroz. E, caminhando entre os muros altos dos novos condomínios de luxo e as barricadas da Nova Guarda Republicana, fui lembrando de algumas histórias contadas por Jhow. Lembrei que o "batismo" das ruas e prédios públicos, proposto pelo novo governo, foi um dos grandes embates na época. Houve discussão de tudo quanto é canto. Império Republicano, Forças Armadas De Proteção, Resistência e até entre a Associação de Putas e o Abrigo de Jornalistas, únicas entidades que ainda tinham certa independência. A primeira, por motivos óbvios. A segunda, para manter um acordo internacional de importação de água potável da República Amazônica Internacional. Não teve jeito. No final, putas e jornalistas perderam. E o batismo aconteceu em todos os lugares.

A resistência, por sua vez, também rebatizou quase tudo que achou apropriado. Houve reuniões, assembleias e congressos para votação. Jhow reuniu um grupo de notáveis bêbados, intelectuais alcoólatras, religiosos e bandidos e, com ajuda dos ilustradores do acampamento Baleeira, fez folhetos em silk scream para divulgar suas propostas de nomes. Ganhou quase todas.



Perdeu algumas.

Lembro que a derrota que ele mais sofreu foi não conseguir rebatizar a Alberto Torres como Marcelo Beraldi. Havia ali uma razão pessoal. Mas, depois foi convencido por João Paulo Arruda que a homenagem seria mais apropriada em outra vida. O mundo era outro. E Laranjal era mais apropriada agora. Então, Jhow propôs Beraldi para o lugar da General Dutra. E assim, por unanimidade, Léo Peixoto, Marcelo Beraldi, Lenilson Chaves e Mário Júnior se tornaram pontes.

Fui caminhando e pensando nele. Já tinha saído da Avenida Laranjal, dobrado à esquerda numa antiga rua do Parque Leopoldina (hoje conhecido apenas como Internado de Moças de Família) e, sem perceber o tempo, lá estava diante do convento, à beira do velho Paraíba. Antigo bairro Caju.

Liguei duas vezes. Desligado. Não há campainha. Não se pode gritar nas ruas. Muros de mais de 4 metros. Procurei uma fresta no portão de aço. Difícil enxergar com os velhos olhos e óculos. Aos poucos a falta de visão desperta outros sentidos nas pessoas. Em mim, ampliou a audição.

Fui forçando o olhar. Me ajeitando como se podia. Lá no fundo do convento, entre muitas árvores e plantas, uma espécie de tenda... e sobre uma poltrona... Jhow!!!

Graças a Deus! Daqui me parece que está bem, pensei.

Busco outra fresta. Vou mais à esquerda, pois é onde se parece ter uma visão mais ampla. E, ao lado de Jhow, vejo um senhor bem idoso. Parece animado.

Lembrei que Jhow tinha mania de imitar o Pernalonga:

"Que que há, velhinho?" – sempre dizia ao me ver.

Não tenho como não sorrir. E este breve sorriso parece ampliar minha capacidade de perceber as coisas. Que agora parecem mais nítidas.

Mulheres dançando? Cerveja? O que é aquilo que eles comem?

Não sei se loucura, mas o olfato parece voltar após três covids e sinto cheiro de... churrasco!

A música é... uma música antiga. Como é mesmo nome dessa música?

"Dig, dig, dig iê.."

Dig, dig, dig, dig, dig, iê.."

Me afasto do portão por um momento. Verifico a região mais uma vez por questão de segurança. Tudo parece, como habitual, paralisado demais. Volto a espionar. Da segunda vez o cenário fica mais nítido, meu cérebro parece coordenar as primeiras informações até então surpreendentes. Tã tudo ali mesmo: Jhow, o velhinho, é cerveja, sim!, as mulheres, o pagode, há churrasco



(vejo fumaça branca!), e a música é... Raça Negra!

De repente, um carro dobra a esquina. É uma viatura da Nova Guarda Republicana. Óbvio, vão me abordar, penso. Há um protocolo para casos assim. Você deve abaixar a cabeça e esperar. Mas desta vez o sol está tão radiante e a brisa do Paraíba me faz pensar até que pode ser primavera. Encaro os policiais com um delicioso sorriso. Eles me olham, acho que até assustados, e, meio confusos e diria até certo ponto envergonhados, decidem fingir que não me viram e, simplesmente, vão embora.

Quando a repressão se afasta, vem mais uma suave brisa que alivia. Pego o telefone.

- Tereza?

- Encontrou ele?

- Sim. Tá tudo bem. Está rezando por nós.

Ela como sempre me convence que está tranquila. Diz que vai ligar pro Canadá e avisar aos "meninos" que o pai está bem. Desligamos.

Olho pro céu azul. Deixo o sol aquecer o rosto.

Ligo de novo. Desta vez para minha casa.

- Oi. Tudo bem? Seguinte: só volto amanhã.

Respiro fundo. Fecho os punhos. E esmurro o portão:

- JHOW!!!!!!!!!!!!

de: **Ronaldo Junior**

para: **Carlos Augusto Souto de Alencar**

SENHOR DO TEMPO



Rigorosamente pontual, nosso personagem estava, com meia hora de antecedência, ajustando seus óculos no nariz e virando a chave do carro para sair de sua garagem naquela manhã de sábado.

Carlos ia para o Aeroporto Bartolomeu Lisandro, onde trabalhava como técnico em meteorologia, o que era apenas parte de sua atuação na área da geografia, sobre a qual se debruçara desde a juventude, atuando também no Colégio Estadual Benta Pereira como professor.

A pandemia de COVID-19 resumira suas saídas em ir ao mercado e ir ao aeroporto, uma vez que foram mantidos alguns voos diários, e ele comparecia assiduamente aos seus plantões.

Naquele momento, porém, ele estava um tanto borocoxô, já que acordar cedo nunca fora uma atividade entusiástica, e o sono inegavelmente tirava seu ânimo. Resolveu ligar o rádio com o CD de uma orquestra sinfônica tocando um movimento de "Le quattro stagioni", composto por Antonio Vivaldi, e aquilo foi um leve sopro de ânimo em seu início de manhã. Suspirava enquanto cantarolava.

Talvez a sonolência tenha sido o motivo de o nosso personagem só se dar conta, repentinamente, ao alcançar a avenida principal, de que não sabia onde estava. Mas ele acabara de sair de sua casa, onde morava por anos, como não saber sua localização?

Acontece que a avenida principal não tinha calçamento, e o movimento era diferente. Não havia as incontáveis lojas e residências conhecidas por ele na Avenida 28 de Março, nem nada que permitisse a ele se situar, mas Carlos resolveu seguir o trajeto feito diariamente, só que por um lugar irreconhecível.

As pessoas estavam muito vestidas para as costumeiras altas temperaturas feitas em Campos dos Goytacazes. Os homens trajavam ternos, e as mulheres, vestidos longos. Todos olhavam para seu carro atônitos, como se fosse uma máquina nunca antes vista.

O condutor de tal máquina, porém, não estava nem aí para o que pensavam os passantes. Não queria saber o que estava acontecendo. Importava que chegasse ao aeroporto na hora, uma vez que não tolerava atrasos, e a música, que passava para outro movimento, era a única coisa que combinava



com aqueles tempos antigos.

A verdade é que Carlos não demorou a se acostumar com o que se passava. Já começava a calcular o ano em que cada coisa surgiu e imaginou o que poderia presenciar com aquela insólita e inesperada viagem no tempo - depois do expediente, claro.

Disputando espaço com bondes, bicicletas, veículos motorizados e outros movidos à tração animal, Carlos tomou consciência de que não conseguiria chegar a tempo ao trabalho por um simples motivo: o aeroporto sequer havia sido idealizado naquele momento em que estava.

Mas em que ano ele se encontrava?

Aproveitou que já estava na Avenida 15 de Novembro e tomou a rua ao lado da Igreja do Santíssimo Salvador, estacionando próximo à sede da Sociedade Musical Lyra de Apollo. Saindo do carro, ele notou que era observado pelos inúmeros transeuntes como se fosse um esquisitão - saía de um veículo ultramoderno e não trajava terno como os demais homens ao redor.

Rapidamente, vestiu um paletó que estava no banco traseiro de seu carro para parecer menos estrangeiro aos olhos dos campistas daquele período. Um homem tentou se aproximar, mas Carlos estava tão perplexo que não notou e simplesmente o ignorou, passando a impressão de que, além de esquisito, era antipático.

'Se dando conta de onde estava, ele parou por um momento e sorriu ao ver o Rio Paraíba do Sul e ao reconhecer a fachada do Solar que pertencera ao Visconde de Araruama, onde passou a funcionar, no tempo - que era - presente, o Museu Histórico de Campos.

Passado esse momento reflexivo, Carlos se pôs a caminhar, parando em um café localizado ali perto da sede da Lyra de Apollo, onde tomou nas mãos um exemplar do Monitor Campista, momento em que não se conteve: era quarta-feira, dia 02 de maio de 1900.

Por um instante, sentado na mesa daquele café que certamente já não mais existia, ele fechou os olhos - pois gostava de pensar no "escurinho" provocado pelas pálpebras - e percebeu que ele mesmo estava longe de nascer, assim como muitas das tantas pessoas que amava e lugares que frequentava.

Ao abrir os olhos, deixou-se olhar para o seu relógio digital de pulso. Os números indicavam que já passava das nove horas, mas ele viu além: o relógio indicava exatamente a data impressa no jornal. "Ou a quarentena está me enlouquecendo, ou eu fiz uma viagem no tempo!", pensava ele.

Foi quando lhe passou pela cabeça a teoria mais insólita e mais provável:



aquele relógio de pulso que custara uma grana era capaz de controlar o tempo. Em sua memória, lembrou a noite anterior: o relógio estava em cima da mesa da sala, e o pequeno Gael, seu filho mais novo, pegou o acessório para brincar, quando deve ter descontrolado o tempo.

Já sabia o que fazer: voltou ao carro e alterou o que indicava o relógio para 02 de maio de 2020, às sete e meia da manhã. Em alta velocidade, ele viu as transformações sofridas pela praça, pelos carros, pelas construções, pelas ruas ao redor. Pronto. Tudo estava como antes.

Consigo, restou apenas o exemplar do Monitor Campista, que ele acabou levando como recordação daquela experiência na qual ninguém acreditaria. Naquela edição, falava-se em uma audiência do delegado de polícia, a extração da loteria, uma missa na Igreja de São Francisco e uma assembleia de acionistas da companhia de Seguros São Salvador.

Com um sorriso nostálgico, deu a partida no carro e foi trabalhar, ainda com muitos minutos de antecedência, rindo da própria sorte, sem acreditar no que acabara de viver. Ingridi, a esposa, e Glenda, sua filha mais velha, não acreditariam nos desdobramentos da brincadeira de Gael com o relógio, mas ele tinha o jornal para comprovar.

Depois disso, quando alguém o chamava de "senhor do tempo", apelido advindo do seu ofício de meteorologista, ele passou a dar um sorriso pensando que a expressão ia muito além das previsões climáticas. Além disso, Carlos nunca mais precisou se preocupar com horários: deixava as horas passarem e, quando bem queria, voltava no tempo para chegar sem qualquer minuto a mais ao seu destino.

De: Ronaldo Junior
Para: Maurício Xexéo

SENHOR DO TEMPO II **O POEMA PERDIDO**



As medidas de distanciamento social decorrentes da pandemia de COVID-19 mexeram com o instinto curioso de Maurício Xexéo. Sempre aficionado por colecionar fatos históricos, dados biográficos e livros, ele passou a dedicar sua quarentena ao minucioso estudo de personalidades nascidas em Campos e região.

Passava horas do dia lendo e tomando notas sobre Nilo Peçanha, Múcio da Paixão, José Cândido de Carvalho, Teixeira de Melo, José do Patrocínio e tantos outros que representam a história de Campos, figurando em nomes de ruas e na lembrança.

O caso mais curioso, porém, começou quando Xexéo se pôs a tomar notas sobre a vida do poeta fidelense Antônio Roberto Fernandes com uma lembrança quase esquecida na memória: uma tarde passada no Palácio da Cultura, na companhia do poeta.

Na ocasião, Antônio rascunhara versos em um pedaço de papel e lhe entregara, devidamente assinado, por ocasião do seu aniversário. Aqueles eram alguns dos mais bonitos versos que Xexéo já lera, marcantes não apenas pela data, mas pela profundidade das palavras.

Xexéo revirou todos os seus pertences, gavetas, estantes, cadernos, mas não encontrou a lembrança em lugar nenhum. Era um poema, ele lembrava tomado pela reflexão do que vivia, que dialogava perfeitamente com este momento de distância entre as pessoas.

Poetas geralmente têm esse dom de antecipar futuros inimagináveis. E quanta falta tantos desses artistas da palavra nos fazem, pensava ele.

Foi quando o telefone tocou. Era Carlos Augusto, poeta e presidente da Academia Pedralva. Ele queria saber como o amigo estava, aproveitando para conversar sobre o momento que viviam.

Xexéo falou sobre suas leituras e mencionou o poema perdido, momento em que Carlos fez uma pausa. O silêncio foi rompido pela entusiasmada afirmação: "Acho que posso te ajudar", seguida da história do relógio capaz de transportar seu usuário pelo tempo.

Carlos descobrira, no início da quarentena, uma mirabolante função de



seu relógio de pulso, que poderia transportar seu usuário para qualquer data definida no visor digital, o que permitia o controle do tempo, algo inimaginável.

“É tipo a TARDIS, do Dr. Who, só que de pulso?”, perguntou Xexéo, deslumbrado com a declaração do amigo, que logo ofereceu um empréstimo do poderoso objeto para ajudá-lo a encontrar o poema, bastando ele se lembrar da data do ocorrido.

De pronto, Xexéo aceitou a oferta e disse que iria, tomando todos os cuidados necessários, buscar o relógio.

Devidamente equipado com sua máscara, Xexéo foi à casa de Carlos e ouviu atentamente cada instrução, tirando dúvidas e expondo suas surpresas com aquela incrível invenção. Já com o relógio no pulso, alterou a data no visor digital: 10/10/2003, dia do seu aniversário de 36 anos.

Logo pôde notar a transformação dos lugares, das ruas, e o passado veio à tona, vivificando momentos que completavam quase dezessete anos na memória. Tirou a máscara sentindo-se livre da ameaça do vírus e começou a andar.

Dirigindo-se à rua Alvarenga Filho com seu caminhar contemplativo, Xexéo foi observando os tantos lugares que se transformaram ou mesmo deixaram de existir nesse intervalo de tempo. Sua necessidade de caminhar para viver a cidade, porém, continuava a mesma desde aquela época.

Chegando na porta do Palácio, lembrou o que Carlos lhe alertara: “nunca deixe seu eu do passado te ver, pois isso pode acarretar sérios impactos na sua sanidade mental”, contara o amigo, que já se sentia meio biruta por tentar bater um papo com o adolescente que fora.

Assim, nosso personagem se manteve distante da entrada da edificação, observando tudo que ocorria lá dentro. Viu Antônio Roberto, se viu, reconheceu outros amigos de longa data e sorriu, deixando-se levar por aquele passeio por sua história.

O tempo passava, as pessoas começavam a sair do prédio, até que ele mesmo saiu. Já na calçada, viu quando, ao guardar o papel no bolso, errou e deixou o poema cair no chão.

Teve que controlar o impulso que quase o fez correr para pegar o papel ou gritar “caiu aí, ó!”. Precisava aguardar até seu eu passado tomar distância.

‘Nesse meio tempo, viu quando uma moça passou e pegou o papel, abrindo um sorriso ao ler seu conteúdo. Quando ela ameaçou colocar o poema na bolsa, Xexéo se aproximou e pediu para ver, alegando que acabara de perder um papel muito parecido.



Ele olhou nos olhos da moça, que pareceu encantada com o que lera, e, ao invés de pedir para ficar com o texto, decidiu tirar uma foto – com seu celular que sequer havia sido inventado -, devolvendo-o depois.

“É um belo texto”, ele disse, deixando-a ir e se deixando ficar um pouco mais.

Precisava, porém, voltar para casa e processar tudo aquilo, que ainda parecia fantasia. Ajustando a data no relógio, rapidamente estava de volta a maio de 2020. Colocou sua máscara ao lembrar a realidade que assolava a humanidade no tempo presente e seguiu seu caminho.

Não sabia como agradecer ao Carlos por tamanha experiência. “Agradeça compartilhando o poema comigo”, ele respondeu, curioso. Xexéo, então, recitou os versos rimados de Antônio Roberto, que falavam sobre a importância da presença e da amizade, coisas apenas virtuais nesse período tão angustiante.

Voltando para seu isolamento, em casa, Xexéo lembrou cada amigo que tinha e desejou que tudo isso passasse logo. Por enquanto, porém, ele se alimentaria das riquezas do passado – essa presença constante que, ainda bem, não se podia apagar.

de: Vitor Menezes

para: João Paulo Arruda

DOR E DELÍCIA DE SER O QUE É



Fevereiro de 2020 no Rio de Janeiro. Hospital Federal do Andaraí. Doutor Raimundo Bassam, que havia se afastado para ver os exames em contra-luz, puxou a cadeira para espremer-se junto à mesa de metal cinza, retirou os óculos, e olhou entre profissional e complacente para João Paulo Arruda.

- Você está bem, meu filho. Teve uma Aids há duas semanas, mas curou-se ainda não sei como. Imagino que tenha começado pela manhã e foi embora pela hora do almoço, provavelmente antes mesmo de você ir para o jornal. Diz também que teve câncer de próstata, tuberculose e pneumonia nos últimos três meses. Mas se curou de tudo.

- Que bom, que bom, quer dizer então que...

- Sim, quer dizer que você pode fazer a cirurgia. Está tudo bem com o seu pré-operatório. Vamos marcar, deixa ver, para o final de março.

- Dia 28 de março! Pode ser?

- É seu aniversário?

- Não, é um outro aniversário, mas que mexe comigo também. Coisa de memória afetiva. Se não tiver problema para o senhor...

- Bom, é um sábado, talvez seja melhor mesmo. Costuma ser mais calmo por aqui. Vamos marcar para 11h.

A ideia de mudar de sexo havia se consolidado na sua cabeça no final de 2018. Há anos pensava esporadicamente nisso, mas naquele momento uma maioria de homens havia de tal modo intoxicado o país com ódio e violência, que cravou-se uma urgência de tornar-se mulher. Elas, sim. Ele, não.

Não se interessou por maiores refinamentos sobre diferenças entre sexo, identidade, gênero, nada disso. Como tudo em sua vida, se é para fazer, que se faça do modo mais contundente. Não tem tempo para militâncias. Com João Paulo Arruda não se vive duas vezes. Não é do seu temperamento esperar por outra encarnação para voltar mulher.

No dia combinado, arrumou uma mochila com o mínimo de peças. Nenhuma feminina. Não havia pensado como mudaria o guarda-roupa. Planejou voltar ainda João por fora para o apartamento do Grajaú. Só depois iria decidir estilo, preferências, ou não iria decidir nada. Deixaria acontecer.



O empreendedor liberal motorista de aplicativo o buscou em frente ao prédio às 8h42. Às 9h13 chegou ao hospital. A rua de bairro, com algumas casas remanescentes do tempo de Don-don, confrontava com a estrutura de caixote monumental da arquitetura concretista nada acolhedora do Federal de Andaraí. Não inspirava boa recuperação aquele empilhamento de janelas, mas João Paulo Arruda procurou não pensar no pior.

Nestes dias, o Rio de Janeiro tomava o noticiário como a segunda cidade mais atingida pela pandemia do coronavírus no Brasil, incomodada por estar perdendo algum título para São Paulo. Numa das bancas sobreviventes na calçada o trabalho do dia anterior balançava ao vento em forma de manchete no Expresso: “Deputado de Niterói é detido fazendo festinha em plena quarentena”. João Paulo Arruda olhou e riu, de novo, do nonsense da vida fluminense, sem se dar conta de que ele mesmo caminhava para realizar a pouco ajuizada ideia de fazer uma cirurgia em um hospital que se tornara de guerra.

Mas não demorou para a realidade o alcançar. Quando chegou à recepção e começou a abrir a carteira rota para retirar uma amarrotada guia de internação, a atendente apenas apontou o final da fila. Ou apontou a direção que deveria tomar para encontrar o final da fila, que deixava o prédio, avançava a rua da frente, quebrava a esquina, fazia pouso de cadeiras cedidas pela mercearia, confundia-se com o aglomerado da casa lotérica, esticava-se pouco mais pelas fachadas da farmácia e do supermercado para, finalmente, morrer ou nascer num posto de gasolina. Umas duzentas almas febris.

João Paulo Arruda andou, andou, andou e encontrou o seu lugar, atrás de uma cadeirante acompanhada de um filho adolescente grandalhão. Puxou assunto, queria saber o que tinha a mãe do rapaz, e descobriu rapidamente que o doente era ele, não ela. A mãe era a acompanhante do paciente. Ruborizou interna e externamente pelo preconceito de avaliar que se tem alguém doente entre aqueles dois só poderia ser a cadeirante. Mas aliviou-se com o bom humor da mulher:

- Esse delinquente não faz nada sozinho. Tenho que trazer ao hospital como se fosse uma criança.

Meia hora depois a fila havia andado menos de cem metros. João Paulo Arruda estava neste momento em ambiente crítico, em frente a um boteco insolentemente aberto e cheio, e decidiu com precisão científica, amparado pelas mais rigorosas orientações da Organização Mundial da Saúde, que não haveria problema algum se tomasse uma dose de Chico Mineiro. Assim fez. Foi e voltou do balcão sem perder o lugar no cortejo virótico.



Aquele tempo na fila havia permitido que dez pautas jornalísticas fossem pensadas, vinte hipóteses antropológicas fossem levantadas e trinta poesias fossem inspiradas. As mulheres formavam a maioria. Quando não elas próprias doentes, eram as acompanhantes dos poucos homens e das outras muitas. Estavam por todos os lados, quase sempre sofridas, marcadas, dobradas, mas também milagrosamente resolutas, bravas, indignadas. De tanto apanhar da vida, cada uma aprendera cedo que era preciso saber bater.

João Paulo Arruda quase estava esquecendo o que fazia ali quando uma menina grávida, atrás dele, perguntou se ele estava com o coronavírus.

- Não, não, estou bem. Só tenho uma cirurgia marcada. E você?

- Tenho tossido muito, uma tosse seca, dificuldade para respirar e sentido dores no corpo. Fico mais preocupada por causa da gravidez.

- Você não deveria estar lá na frente? Não tem prioridade?

- Não precisa não, ainda estou de pé. Tem gente bem pior do que eu aí na frente.

João Paulo Arruda aquiesceu não muito convencido, evitando ser invasivo. Intimamente queria tomar a grávida pelo braço e levá-la até recepção, entrando no hospital dando bronca no segurança e nos demais funcionários por permitirem que uma gestante esperasse na fila daquela maneira. Mas não fez nada. Ou melhor, fez. Um vídeo sobre tudo o que estava acontecendo, mostrando aquela gente toda, e mandou para o jornal.

E foi então que se deu ainda mais conta do que estava à sua volta. A concentração de pessoas não se limitava à fila. Centenas de ambulantes, guardadores de carros, policiais, traficantes, crianças brincando, mães, muitas mães, mães por todo lado, e também filhas, muitas filhas, filhas por todo lado. O trânsito de carros clamava por ser interrompido em nome da segurança dos pedestres. Um vai e vem de gente doente misturada com gente aparentemente sadia tomava as calçadas e a rua. O isolamento social anunciado pela prefeitura só existia no Diário Oficial. O Andaraí parecia em festa.

Não demorou muito para que João Paulo Arruda percebesse que aquela aglomeração toda não acabaria bem. O lugar havia se tornado um verdadeiro criadouro de covid-19, a doença causada pelo coronavírus. Com um pouco de acuidade seria até possível ver no ar a viagem dos perdigotos feito flechas úmidas rumo a bocas, narizes e olhos. Câmeras lentas de altíssima resolução seriam capazes de captar o momento exato de contaminação para um documentário da Discovery Channel.

Além disso, fez contas mentais e chegou à conclusão de que não haveria chance



de conseguir entrar no hospital até o horário marcado para a cirurgia. Pensou se não poderia ser ele o grávido a pleitear prioridade no atendimento, mas não a sério, ou pelo menos não por enquanto. Em meio à multidão veio abrindo caminho um táxi amarelinho que não tinha sido por ele chamado mas ostentava um “livre” providencial no para-brisa. Saiu da fila num impulso, abriu a porta traseira do carro ainda em movimento, jogou-se no banco e falou ao motorista o que lhe pareceu estritamente necessário enquanto acendia um cigarro:

- Toca pra Lapa. Gomes Freire esquina com Riachuelo.

O plano agora era almoçar a carne assada do Sete Portas. Algo mais ajustado para as circunstâncias do que uma cirurgia de troca de sexo. No caminho, enquanto deixava para trás mais uma cena da distopia brasileira, voavam pela sua mente todas aquelas mulheres da fila, da rua, da calçada. Não era uma delas. Seguramente não. Sabia disso. Elas salvam o mundo todos os dias. Ele era apenas um homem e entendeu que não alcançava a dimensão de ser mulher. Lembrou Caetano. Precisava repensar. Repensará.

No fim da tarde. Depois do almoço de longas horas de tarde e de noite arrastadas no bar, foi para casa não lembra como. Chegou ao apartamento contaminado pelo coronavírus, adquiriu a covid-19. Mas ele nem chegou a saber. Curou-se antes do galo cantar três vezes.

de: Vitor Menezes
para: Jorge Rocha

O COBRADOR DA MADRUGADA



Acordei em sobressalto com os socos no portão. A estrutura é daquelas altas, de ferro espesso, hostis ao relacionamento com vizinhos. O barulho é enorme quando um desafortunado qualquer resolve esmurrá-lo — o que, reconheço, não é muito comum. Era madrugada profunda, possivelmente em torno das místicas 3h, quando os espíritos das trevas perambulam pelos quartos. Deixei a cama ainda tateando no escuro, desci a escada iluminada pela lua que invadia a vidraça e cheguei à cozinha, aonde um pequeno monitor mostrava a imagem da câmera de segurança apontada para a calçada. Para conservar a discrição dos meus movimentos, mantive a luz apagada.

De fato era isso. Alguém batia de modo desesperado no portão, como se pedisse socorro. Como se fugisse da polícia. Ou como se fugisse de si mesmo. Sem cogitar usar o interfone, começou a lançar um grito em forma de lamento, que eu tentava transformar na cabeça em áudio inteligível. Era um urro bêbado, em balbucio, que tinha potência mas, ainda assim, mostrava-se frágil pela construção precária. E vinha de um homem alto, magro, careca, cavanhaque, jaqueta sobre uma camisa social, calça apertada, bota escura, até aonde me era permitido ver no pequeno enquadramento em preto e branco. Me pareceu muito familiar. Um conhecido, certamente. Mas quem, a essa hora e desse modo?

Juliana, Maria Clara e Lorena ainda dormiam. Ou creio que sim. Pelo menos ainda não haviam descido para ver o que estava acontecendo. E eu tinha que decidir entre ignorar o chamado ao portão, em nome da segurança dos meus, ou nos arriscar a todos no gesto humanitário de abrir o acesso à casa no meio da noite, ao que tudo indicava para salvar alguém. Não estava seguro sobre a decisão a tomar. Se ao menos conseguisse ver de modo mais nítido de quem se tratava, mas a baixa definição da imagem não ajudava.

Tentei então uma interação pelo interfone. Pedi que se identificasse. Pedi que se acalmasse. Pedi que dissesse o que queria. Mas o homem não me ouvia. Não sei se por algum defeito no equipamento ou em razão do seu aturdimento. Continuava a gritar e a esmurrar o portão, agora dando passos de um lado para o outro como quem busca algum apoio para escalar o muro. Temi que os vizinhos acordassem, se já não estivessem acordados. Temi de modo mais específico que



algum deles tivesse uma arma em casa e resolvesse extravasar seus instintos bolsonaristas. Foi então que em um dos seus movimentos foi possível tê-lo completamente de frente. O rosto erguido para a câmera. Olhos tensos, imperativos. E na combinação do esgar ensandecido com o abrir e fechar dos lábios foi possível compreender o que gritava:

- Cadê meu conto, porra? Cadê meu conto, caralho?

Finalmente reconheci. Era Jorge Rocha. Claro! Como não havia percebido?

Corri para abrir o portão e tirá-lo daquela aflição em meio a madrugada. À esta altura luzes eram acesas pela casa, com Juliana à frente, em um cordão de sonolentas em dúvida sobre que diabos era aquela gritaria toda. Abro a pesada chapa de ferro e saúdo meu velho amigo, que não vejo há tempos, que aparecia do nada, feito um zumbi expulso de casa por dona Stefânia, para me assombrar.

Em resposta à minha saudação não teve nem boa noite, nem um salve, nem um como vai. Jorge me viu e continuou a bradar:

- Cadê meu conto, porra? Cadê meu conto, caralho?

Pedi que entrasse, pedi que se acalmasse, e ele aos poucos aquiesceu. Atravessamos o jardim, sentamos à mesa da varanda. As meninas, que chegavam emboladas em lençóis, e perguntavam com os olhos o que Jorge Rocha estava fazendo em nossa casa àquela hora e em meio a uma pandemia, também se sentaram após cumprimentos à distância sanitariamente prudente. Disse que era bom vê-lo, se não queria uma água, um café, terminar de entrar, descansar, tomar um banho. Ele pediu uma dose de Jim Beam, no que prontamente foi atendido.

Depois de um gole voluptuoso, ele pousou com mãos trêmulas o copo sobre a mesa, formando um arco úmido na madeira maciça. Agora, mais calmo, com a voz branda, conseguiu até ser um pouco suave:

- Porra, irmão, cadê meu conto? Cadê meu conto, caralho?

Continuava sem entender a razão dele ter vindo de tão longe para me cobrar um mero conto, um texto que não haveria de ter tanta importância assim. Não poderia ter ligado, mandado uma mensagem? Não poderia ao menos ter avisado que viria à minha casa, sem chegar daquele jeito assustador? Mas ainda não era o momento para essas perguntas. Ainda havia muito o que acalmar naquela criatura com missão tão obsessiva. O melhor que me ocorreu então foi tranquilizá-lo em relação à produção do conto.

- Tudo bem, irmão, me desculpe. Essa pandemia mexeu comigo, alterou toda a minha rotina de trabalho, estava esperando o momento certo - falei.



- Mas você fez o do João bem rápido!

Não contive o riso diante da aparente cena de ciúme. Mas ele continuou sério, muito sério, então recompus a solenidade.

- Me desculpe mesmo. O do João estava meio desenhado na cabeça, e também estávamos mais no início dessa maluquice toda, eu não estava tão esgotado como agora.

- Mas isso tem que sair logo. Não estou brincando. Não vim aqui à toa. Não quis cobrar isso por meio digital nenhum, pra que ninguém desconfie, alguém poderia hackear. Mas acredite, isso tem que ser feito já. Qualquer coisa, mas escreve.

Minha preocupação com o amigo tornou-se ainda maior nessa hora. Era evidente que havia perdido a sanidade. Fiquei assustado. Aquela cobrança sem sentido, aquele semblante grave. Parecia que tinha algo mais a me dizer, mas não queria falar ali, na frente da Juliana, da Maria Clara e da Lorena. E justamente nesta hora meu celular, que estava no bolso, vibrou com uma notificação. Era Seu Francisco, pai do Jorge, perguntando se ele estava comigo. Nem era mais o caso de tentar entender como um senhor falecido estava me mandando uma mensagem. Nada mais fazia sentido. Levantei para pegar outra dose de uisque, dessa vez também para mim, e respondi a mensagem ainda de pé: sim, Jorge está aqui. E recebi a resposta: pede pra ele me ligar.

Na volta, ouço Juliana falando com ele que acabou de receber uma mensagem da Stefânia, perguntando se ele estava com a gente. Queria saber o que dizer. Ele resmungou que sim, diz que sim. Fiz um sinal inclinando a cabeça e erguendo a sobrancelha direita, tão discreto quanto possível, pedindo que elas subissem. Precisava saber o que meu amigo queria revelar de tão grave e mostrava-se constrangido com a presença delas. E preferi não comentar com ele sobre a mensagem do Seu Francisco. Pelo menos não por enquanto, até entender melhor todo aquele nonsense.

Elas se despediram. Subiram. E nós dois ficamos em silêncio por alguns minutos. Ele virou a outra dose e eu comecei a beber a minha aos poucos. Foi então que começou a explicar:

- É o seguinte, meu chapa, você precisa escrever essa bagaça logo, do contrário estarei perdido. Esse negócio de Revelações da Quarentena, que eu e Wellington inventamos, é um pacto com o Diabo. Entregamos nossas almas. E ele exige que o círculo se feche, quem prometeu escrever sobre o outro tem que cumprir, se não a alma não é entregue.

- Então você quer que eu escreva para que o Diabo possa receber a sua



alma como prometido?

- Isso mesmo.

- E se eu não escrever?

- Ai eu tô ferrado, irmão.

- Como assim, velho, acontece o que?

- Eu vou para o Céu, velho. Acredita? Pode ter coisa pior do que isso?

Gargalhei. E Jorge até sorriu.

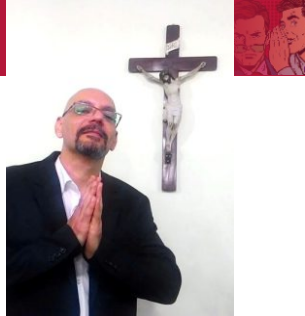
Depois ele disse que o recado estava dado. Pegou a garrafa pela metade e partiu tão desesperado quanto chegou. Cheguei até o portão e ainda o vi sumir na noite, falando ao celular, dizia algo como um "sim, pai, estou bem".

Alguns dias se passaram e eu ainda estou pensando se vou escrever o conto.

de: Wellington Cordeiro

para: Jorge Rocha

JORGE ROCHA DA ANUNCIAÇÃO



Jorge Rocha é um jornalista multimídia e escritor que nasceu numa família religiosa na pacata cidade de Campos dos Goytacazes, interior do estado do Rio de Janeiro. Na juventude, ouvia Ramones, usava drogas e escrevia em fanzines. Do lema "sexo, drogas e rock'n'roll", só o sexo andava mal. Foi nessa época que JR progrediu do movimento punk para o ateísmo.

Foi fazer morada nas Minas Gerais, Estado de Tancredo Neves que também é de Aécio Neves. Mas, vamos fazer justiça à veia literária de Jorge Rocha. Minas é terra de Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino e João Guimarães Rosa.

Sua vida prosseguiu normalmente, casou, teve filho. Descasou, casou-se novamente.

Sonhava em viver de sua arte. Escreveu livros e tentou a vida de cantor, com o grupo Mutável Saralho Band. Na sua trajetória artística, teve reconhecimento mesmo na escrita. Foi homenageado com uma placa numa árvore em sua cidade natal. Árvore esta que foi testemunha de inúmeras peripécias do mancebo Jorge Rocha.

Com a chegada da pandemia, Jorge suportou a quarentena numa boa, durante dias e mais dias em seu apartamento. Ele, sua esposa, a princesa de Mônaco Stefânia Antonaci, e a cachorra Maya Valente. Mas, num descuido do destino, certa noite, durante um surto psicótico, fugiu do apartamento pela escada de incêndio, levando consigo apenas um litro de whisky barato. Perambulou pelas ruas até secar a garrafa. Numa esquina escura do centro da cidade, acabou tendo um encontro inesperado com Jesus.

Diante de sua onipresença, disse Jorge:

— Senhor, quem eras tu para que eu não te viste?"

E ouviu a resposta divina:

— Eu sou aquele que tu não vias, porque na tua "sombra" a minha presença se escondia".

Depois de um longo diálogo, seguiu seus tortuosos caminhos até chegar às margens do Ribeirão Arrudas e sob uma nuvem que nunca sai do lugar, sentou e chorou.



No dia seguinte, ainda sob influência da anunciação e utilizando suas técnicas de Storytelling, Business, Transformação Digital e Inovação, abriu uma igreja virtual, a Igreja Apostólica Pandemônica Belorizontina do Último Dia.

Enfim, assim como fez o escritor russo Leon Tolstói, Jorge Rocha se dedica atualmente a escrever uma versão própria da bíblia. Será a "Bíblia de Jorge Rocha".

de: Wellington Cordeiro
para: Jhow Alves

PAI JHOW CONTRA TODO MAL



Muita gente tem uma igreja evangélica na vizinhança. Jhow Alves tem o Bar do Eranes, um pé sujo, cujo proprietário é uma figura folclórica no Parque Leopoldina por suas explicações pseudocientíficas e comportamentais que fundem a cabeça de seus fregueses.

Na noite da última segunda-feira, Jhow estava em casa, sentado no sofá, com os pés sobre a mesinha de centro, acompanhando a novela das sete, "Totalmente Demais". Não por ser noveleiro, achava essa novela até muito chata. Seu foco era ver seu ídolo na TV, o ator Fábio Assunção. Foi então que ele, com seu ouvido de tuberculoso, percebeu o barulho de uma porta de aço se movendo. E sabia que não era uma porta qualquer, tinha certeza que Eranes estava abrindo o bar. Conhecia bem as propriedades ondulatórias resultantes da vibração das moléculas sonoras empregadas por Eranes. Não resistiu e foi conferir. Comprovou que realmente era ele abrindo o Bar, somente para conferir como estavam as coisas.

Jhow então foi ajudá-lo a olhar essas coisas.

Logo abriram uma cerveja, sentaram cada um num canto, obedecendo o distanciamento social. Eranes perto do balcão e Jhow perto do banheiro.

Eranes ligou a TV. Era o pronunciamento do Bozo, que depois de perder dois gestores da Saúde, acabara de anunciar o Pastor Valdomiro, aquele que usa chapéu de fazendeiro e que tem o poder de curar as doenças com as águas unguidas do rio Paraíba do Sul.

Jhow que não achava graça nenhuma no Bozo, em êxtase, gritou uma série de expressões inflamadas: lamparão, cabrunco, garrutio, lampeta, curisco. A tensão foi tão grande que fez Jhow desmaiar e, quando acordou, numa súbita experiência extrassensorial, tinha incorporado o exú Tranca Rua. Aliás, vale ressaltar que apesar de muita gente achar que Jhow bate um tambor, a mais próxima referência a isso na vida dele era o apelido do pai, Seu Elson Macumba.

Não foi à toa que o Tranca Rua baixou, já que ele é um exú a serviço da Lei. Suas atribuições são "trancar a evolução dos desqualificados, desequilibrados e desvirtuados espíritos humanos".

Em frente ao bar, na encruzilhada entre a Avenida Alberto Torres com



Rua Elói Ornelas, estava agora a entidade de esquerda cubana, Pai Jhow Castro Guevara de Oxalá, aquele que desfaz golpes, desmancha pedaladas e abre impeachment em até 120 Dias. Com esse perfil, preparou um despacho contra o capiroto.

Para isso, Pai Jhow precisava de alguns materiais e foi buscar no próprio bar do Eranes. Lá encontrou o que precisava: cachaça ruim - normal no bar e farofa - aquela guardada desde de antes de iniciar o isolamento. Desta forma, ele já podia começar os trabalhos.

Na sua indumentária de improviso, Pai Jhow estava vestido de uma capa preta, a do Zé do Caixão, que eu tinha emprestado pra ele. Estava armado com a faca de churrasqueiro e, na falta do charuto, fumava um cigarro do Paraguai. A vela vermelha e preta estava guardada da comemoração do Flamengo na final da Copa Libertadores da América.

Abriu então o seu livro sagrado em Piscodélicos 6:66 e disse:

— “Porque todos os que sem lei pecaram, sem lei também perecerão; e todos os que sob a lei pecaram, pela lei serão julgados”.

Assim, o trabalho prosseguiu.

Pensou Jhow: já que esse sujeito é um desprezível LGBTfóbico, vou tratar de emplacar uma amarração amorosa dele com Janice Peito de Gillete, uma traveca do Parque Leopoldina, que é linda de morrer. Igual a Medusa, quem a vê morre!

A amarração deu certo. No momento que o casal se encontrou, foi paixão à primeira vista, mas como a maioria das estórias de amor, esse encontro teve consequências dramáticas, ao olhar para ela, Bozo findou sua existência no plano terreno.

Com sua morte, ele baixou pros quintos dos infernos e foi abraçar o capeta — no inferno não tem isolamento social — e o Brasil se livrou de vez do tirano, voltando aos poucos a ser feliz.

Finalmente Jhow, de sobranceiras eriçadas, passou a se sentir total com seu sonho tão real.

de: Wesley Barbosa Machado
para: Álvaro Marcos Teles

ÁLVARO NO BURACO DE MINHOCA



Álvaro estava cansado. Depois de ler as mensagens do WhatsApp no grupo dos amigos de infância, ficou desiludido com tanta idiotice partindo de pessoas pelas quais tinha certa consideração. Como podiam pensar daquela forma? Em que mundo viviam? Lembrou-se da frase de Migliaccio, que deixou uma carta suicida onde escreveu: "A humanidade não deu certo". Já era noite. Mas havia decidido. Iria partir. Aquele era o último final de semana antes do LockDown, que iria começar na segunda-feira.

Colocou poucas coisas na mochila. Uma máquina fotográfica e coisas para comer, como dois sonhos de padaria e dois pedaços de pizza que estavam na geladeira e, para beber, um litro de vinho. Já ia se esquecendo do saca rolha. Vestido com a camisa do Botafogo, saiu de fininho pela porta dos fundos sem deixar que a mulher e os filhos o vissem. Foi até o fundo do quintal e agachou-se, retirou a mochila das costas e a colocou no chão de terra. Cavou com as próprias mãos o pequeno buraco de minhoca que já existia ali. Levou 20 minutos para que o espaço aberto por ele fosse o suficiente para entrar. E o fez. Agora precisava se concentrar. Nunca havia conseguido parar por um instante para meditar. Mas desta vez precisava ficar em silêncio por 10 segundos.

Contou até 10, tentando calcular no pensamento o espaço temporal entre um segundo e outro. E, repentinamente, sentiu como se o seu corpo houvesse sido sugado para baixo. Quando percebeu estava mergulhado num líquido negro. Conseguiu colocar a cabeça para fora e viu que acima havia um buraco iluminado. Espremeu-se no buraco e alcançou a saída. Estava numa casa simples, onde logo na varanda estava em cima de uma cadeira de balanço um jornal Folha Campista de 15 de janeiro de 1921.

Álvaro havia voltado ao passado, que acabara de passar pela Pandemia de Gripe Espanhola. Portanto, em tese, ele estava salvo e não corria o risco de morrer por ora, ao menos por aquela doença. A casa ficava no distrito de Santo Amaro em Campos dos Goytacazes-RJ, que estava movimentado por conta da Festa do Padroeiro da Baixada Campista. No campo em frente à tradicional Igreja de Santo Amaro era disputado o clássico entre os times de futebol do Santo Amaro versus o Baixa Grande. Álvaro retirou a máquina fotográfica da mochila,



começou a fotografar, uma de suas grandes paixões, e congelou aqueles momentos para a posteridade. Agora precisaria viver mais 99 anos para chegar a 2020, afinal o buraco de minhoca é uma viagem sem volta. Mas, pensando bem, decidiu que não queria mesmo mais voltar, pelo menos por enquanto, àquele futuro obscuro.

de: Wesley Barbosa Machado

para: Cristiano Pluhar

AGORA O FÍGADO É MAIS VERMELHO



Pegou o potinho de álcool em gel, perguntou à nova companheira onde estava a máscara. Ela falou: "Na gaveta". Pegou a máscara e colocou no rosto. Adriana perguntou: "Onde você vai"? Respondeu: "Comprar uma cerveja"! Ela retrucou: "Mas você não está escrevendo"? Ele disse: "Por isto mesmo. Porque estou escrevendo. Tenho de beber para me inspirar".

Saiu à rua para comprar sua cerveja. Praticamente todas as pessoas na rua estavam de máscara. A rua parecia um cenário de filme de ficção científica. Pluhar estava agitado, ansioso, tinha pressa. Entrou no mercadinho do bairro que vende cerveja. Comprou três latões. Tomou todo o cuidado para manter a distância, mas um homem encostou nele.

Tomou um susto e fez um movimento brusco com a mão esquerda. O homem perguntou: "O que está acontecendo"? Pluhar, ríspido, falou: "Você encostou em mim e está sem máscara"! O homem, cínico, saiu-se com a seguinte resposta pergunta: "E daí"?

Pluhar não se conteve e levantou o tom de voz: "E daí? Você diz 'e daí'? Tá brincando com esta pandemia"? O homem, despreocupado, solta mais uma: "É só uma gripezinha"!

"Gripezinha? Não está vendo que já morreram centenas de milhares de pessoas no mundo por esta doença?", insistiu Pluhar. No que o idiota homem sem máscara ressaltou: "Não. Não sei. Não sou cozeiro"!

O professor de História, que havia trabalhado no Arquivo Público Municipal de Campos e no Museu Histórico de Campos, ficou sem reação. Ele, que era um especialista no passado, não sabia o que fazer naquele presente confuso que sugeria um futuro tenebroso.

Voltou para casa com suas cervejas. Colocou dois latões no congelador. E abriu uma para tomar enquanto terminava o último capítulo do seu novo livro. Sentou-se ao computador e, com o gato de estimação a espiá-lo, começou a digitar. Lembrou-se do episódio com o idiota homem sem máscara. E pensou que esta história daria outro livro.

Neste novo novo livro abordaria sobre a imbecilidade humana e como as pessoas se cegam mesmo quando diante dos seus olhos a irresponsabilidade



está aparente. Coisas menores ganharam mais importância. A vida está por um fio. Não queria morrer antes de realizar o sonho de ser um escritor de sucesso.

Passados 10 anos, Pluhar já havia escrito mais 30 livros, três por ano; e já havia se tornado um dos grandes escritores de Campos dos Goytacazes-RJ. Mesmo sendo gaúcho de Canoas, adotara a terra de José Cândido de Carvalho como sua cidade do coração.

Sobrevivente da Pandemia de 2020, viveu até os 70 anos, mas foi acometido de uma cirrose alcoólica. Morreu feliz e realizado, com a sensação do dever cumprido. No dia do seu sepultamento, coincidentemente o seu Colorado Internacional de Porto Alegre estava em Campos para jogar a final da Copa do Brasil de 2051 no Estádio Municipal de Campos contra o Grêmio Campista, que há 20 anos havia sido fundado após as fusões dos tradicionais Goytacaz, Roxinho, Rio Branco e Americano. Foi respeitado um minuto de silêncio em sua homenagem. E ele foi aplaudido pelas dezenas de milhares de torcedores que lotavam o estádio que passou a receber seu nome, Cristiano José Pluhar.

de: Zé Henrique Meireles
para: Jorge Rocha

O DISSIDENTE



O Dissidente, em exílio voluntário em Belo Horizonte, deveria ir ao encontro do Monstro. Com as armas que dispunha, rompeu a quarentena durante a pandemia, em ato temerário de bravura juvenil. Avaliou o arsenal. Poliu adagas, conferiu o fio de cimitarras, alimentou-se com trigo sarraceno. Precisava estar preparado para o embate. Em seguida, testou o mecanismo de algumas armas quentes e partiu, não sem antes cofiar o cavanhaque obsoleto.

Vestia a sua melhor roupa.

Na esquina, avistou a Fantasmagoria: molestava velhinhas indefesas sem máscara e álcool em gel. Tinha a braguilha insolentemente aberta. Lembrou-se dos ensinamentos de seu preceptor: "Ignore-o; ele não existe". Apenas pensou em voz alta: "O velho libertino de pênis flácido...".

Deveria prosseguir. Foi o que fez.

A Fantasmagoria, contrafeita, acenou. Alguns pombos, assustados com o movimento brusco, debandaram-se em voo ruidoso, indo pousar na estátua do alter ego do Dissidente (o Cardeal Antero). Defecaram. Mas a estátua permaneceu impassível, fitando a desolada paisagem urbana. O Dissidente, entretanto, julgou ouvir o alter ego bramir a bravata usual:

"El rey del rayo es Júpiter. De Neptuno el arma es el tridente. Poderoso gracias a su espada es Marte. La lanza, Minerva, es tu atributo. Con el tirso emparrado, Baco entabla el combate. La mano de Apolo lanza la flecha, como todo el mundo sabe. Arma la pica la invicta diestra de Hércules: más a mí un carajo erecto me hace terrorífico".

'Mais adiante, tão logo viu a criatura, o Dissidente posicionou-se em modo de combate. O Monstro preferiu aguardar. O Dissidente hesitou. O Monstro, é óbvio, viu a dúvida nos olhos do oponente e indagou:

– Quem é você?

O Dissidente, entre o espanto e a fúria, devolveu:

– Lute como um homem!

O Monstro, usando de astúcia, redarguiu:

– Mas eu sou um monstro..

O Dissidente percebeu o ardil e, sem pestanejar, disparou várias frases



em rajadas elípticas. O Monstro sucumbiu sob o impacto virulento da artilharia.

O Dissidente, com aparato e parafernália, vergado sob o peso da glória, abandonou a cena e foi beber cerveja de delivery.

Cinco virgens belíssimas aplicaram compressas em seus hematomas metafóricos. Vestiam apenas túnicas diáfanas, que deixavam entrever os púbis de delicados pelos ruivos.

de: Zé Henrique Meireles
para: Vitor Menezes

ABIGAIL



Vitor Menezes me disse que, mesmo durante o lockdown, eu poderia encontrar o sujeito na loja de conveniência do Posto Alvorada, conhecido por vender combustível adulterado, mas a preço módico e com amabilíssimo atendimento. Informalmente, o gerente do lugar, um tipo bonachão e de invulgar talento para negócios, diversificava atividades e engordava o saldo bancário com intermediação de axiomas – todos de autoevidência duvidosa – e, ocasionalmente, tráfico de órgãos moles, segundo fontes espúrias. Busquei, sim, consultar fontes fidedignas, mas, de tão escassas, encontrei-as pela hora da morte.

O informante disparou mais alguns perdigotos (felizmente, eu estava protegido por máscara carnavalesca dupla; ele, imprudente, nenhuma) ao dizer que me faria conhecer o mais hábil especialista em trejeitos. Melhor assim; detestaria ser recebido por um vulgar canastrão, portanto, quis saber se o sujeito era mesmo um genuíno connaisseur na modalidade. Não poderia cometer um engano àquela altura. Reagiu com gravidade canhestra, afirmando que as suas indicações eram sempre as mais confiáveis, afinal, tinha ele reputação a zelar (estudada inflexão de melindre) e, mínima que fosse, chance de erro jamais haveria.

Preocupado apenas com as indesejáveis chances de erro, desprezei o seu zelo à própria reputação – um claro embuste; via-se nos modos e aparência daquele pequeno vigarista. Soube depois que ele estava se recuperando de uma cirurgia, o que talvez, explicasse o seu jeito engraçado de andar, como o de um pato – ave das mais estúpidas, diga-se. Ou talvez fosse apenas mais um caso de genu varum (ou genu valgum?). De qualquer modo, fui discreto e não o deixei notar que achara cômico aquele seu gingado.

Abigail, o nome do informante que gingava como pato. Confesso que foi o primeiro barbeiro que conheci com um nome assim e, posso até estar enganado, creio que o último. Não tinha bom hálito, mas era extremamente cuidadoso com a higiene pessoal. A cada barba ou cabelo, usava um desodorante spray barato, diante do próprio cliente, exibindo virtudes, vantagens competitivas – como as sabia, bem ao seu modo.



Fui até o posto no dia e hora combinados. O sujeito estava me esperando. Reconheci pelos detalhes da roupa, antecipados pelo informante. Conversava com o gerente bonachão. O sujeito parecia o scholar modernoso da temporada, o novo darling dos cadernos culturais e campi, que transita com desenvoltura, ou melhor, saltita entre os dois mundos, produzindo sibilos, entrecortados por silêncios eloquentes, e era, o sujeito, tão afetado quanto o ser quase-ubíquo. Pude observar a gesticulação cênica e o vasto repertório de modulações, algumas bem extravagantes.

Fiz um imperceptível aceno com a cabeça e ele se despediu do bonachão empreendedor com um aperto de mãos de elaborada coreografia, à maneira de pares em uma confraria secreta, notável especialmente pela valorização de pantomimas e simulacros.

– Não tenho muito tempo – disse-lhe sem mesuras. – Mostre-me a mercadoria.

O sujeito ajeitou meticulosamente um chapéu imaginário sobre o crânio assimétrico e deu início ao que me pareceu uma tola ostentação de atributos, e tudo que pude ver foi uma sucessão constrangedora de esgares, espasmos e grunhidos.

– É o bastante. – disse eu, com indisfarçável enfado. – Qual é a sua formação?

– Mestrado em Tonsura Proto-românica e Doutorado em Vertigem na Sociedade de Corte.

– Lamento, mas o que você acaba de demonstrar não atende às minhas expectativas. Tenho de ir agora. Passar bem.

– Espere! Abigail não disse que posso oferecer atendimento diferenciado? Na verdade, não vendo produtos; isso é tão reles, acredite. O que faço melhor é desenvolver soluções idiossincráticas. Diga-me, qual é a sua necessidade?

– Preciso de trejeitos. Vários deles e de excelente linhagem.

O sujeito olhou em torno, como quem toma precauções contra inimigos insidiosos. Ainda fitando alguma ameaça invisível, murmurou:

– Você pode me acompanhar até um local mais discreto?

– Acho que não. O que você tem em mente?

– Apenas gostaria de demonstrar algumas habilidades.

– Do que se trata?

– Bem, você verá, quando for oportuno. Só posso lhe assegurar que é algo incomum.

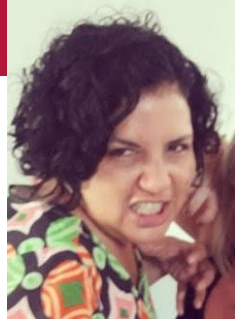
– Ainda assim, devo declinar de tão honroso convite. Tenho de ir agora.



O sujeito foi tomado por ira súbita. Sapateava, ensandecido, e esmurrava o próprio tórax, enquanto emitia gritos agudos e prolongados. Dizia coisas incompreensíveis, mas parecia estar rogando pragas e fazendo ameaças. Pude identificar algumas frases em outros idiomas, inclusive latim, como “genus irritabile vatum”, o que me levou a crer que estava diante de uma grave conversão histérica.

de: Zé Henrique Meireles
para: Elda Moura

OS DIAS INSPIRAM CAUTELA



Elda Moura, irritada com um dos gatos da casa que, sem aviso, repetia interminavelmente "não há razão para melindres", vestiu uma bermuda cargo, a larga camisa USTOP xadrez, calçou a lambreta gasta e desceu, em pleno lockdown, para comprar cigarros Derby e cervejas Glacial. Foi quando, a caminho do mercadinho, fim de tarde, vento gélido soprando na cidade deserta, estacou, assombrada, diante de si mesma.

Mas, logo em seguida, retomou o passo ligeiro habitual. Prudente, sempre evitava estranhos. E aquela mulher não lhe parecera confiável, apesar – ou, precisamente, por isso mesmo – da fisionomia familiar.

Viu o esgar sórdido naquele rosto que era o seu, embora de outra. No seu, a careta hedionda era contida não se sabe como.

– Não te conheço – disse para si mesma, já à distância.

A outra permaneceu impassível, não fosse um olho trêmulo e o outro parado.

O frio tornava a vida ainda mais insuportável. E tantos perigos podem ter as ruas.

- Maldito poodle de Guarús! - praguejou entredentes. Entrou pisando firme no mercadinho, às gargalhadas.

O rapaz do caixa, com semblante melancólico, pensou: "Meu Deus, essa mulher doida novamente?".

de: Zé Henrique Meireles
para: Marcelle Louback

QUERERSE DE LEJOS (amor em tempos de quarentena)



Ele vinha de lonjuras, distâncias tão grandes, extremas.

Por prodígios inescrutáveis, talvez da solidão e do gim (há meses em quarentena, com barbas de profeta atormentado e sede sem fim), chegou, furtivo, à remota floresta que apenas supunha em delírios.

Provou do aroma bom e quente:

– Esta selva selvaggia e aspra e forte.

Ela riu, prendendo-o entre coxas firmes:

– Lasciate ogne speranza, voi ch'intrate!

Com reverente método e frívolo deleite, dedicou-se às medidas de hábito.

Soube, então, que deveria entrar.

Desejou, ali, abandonar a alma em danações eternas.

Foi durante o inferno da pandemia, época de mortes breves, distantes e líquidas.

de: Aristides Arthur Soffiati Netto**INUSITADOS ZUMBIS**

Passado o momento agudo da pandemia causada pelo Covid-19, pessoas que perderam parentes por falta de atendimento adequado em todo o Brasil, resolveram criar uma associação para pleitear indenizações dos governos federal, estaduais e municipais. O núcleo original era pequeno, mas, à medida que a Associação de Familiares de Mortos Mal-Atendidos foi ganhando visibilidade nas emissoras de TV e nas redes sociais, o número de associados foi aumentando.

Eles se cotizaram para contratar um grupo pequeno de advogados que defendessem seus interesses na justiça. A maioria argumentava que seus parentes mortos foram mal atendidos. Praticamente todos sustentaram que seus mortos não se entregam até o último momento. Que eles queriam muito viver, entre idosos, adultos e crianças. Homens e mulheres. Brancos, negros e orientais. Índios e pobres. Empregados e desempregados.

Entre eles, apareceu uma velha senhora negra que falava com sotaque. Era uma haitiana que migrou para o Brasil por falta de condições sociais e econômicas no seu país. Ela havia perdido seu pai e seu filho durante a pandemia. Agora, estava sozinha e desempregada no Brasil. Seus poucos parentes ficaram no Haiti.

Essa mulher, de nome Jendayi, dizia ser praticante de magia negra. Dizia conhecer o futuro e ter ligação com os mortos. Para ela, a vida e a morte são faces da mesma moeda. Dizendo conhecer o futuro, ela insistiu por diversas vezes, nas reuniões do grupo, que os advogados queriam apenas pegar dinheiro dos associados e que eles jamais seriam indenizados pelos governos.

No princípio, as pessoas entenderam que ela era uma oportunista ou desconectada do mundo pelas perdas que sofreu. No entanto, o andamento dos processos começou a mostrar que ela tinha razão. Os advogados protelavam e faziam acordos. Os advogados dos governos temporizavam. Numa reunião, alguns associados perguntaram o que ela faria. A resposta foi imediata: em vez de sustentar advogados parasitas, financiar uma viagem ao Haiti para as lideranças do movimento, pois lá ela mostraria seu poder.



A proposta foi aceita. Quatro pessoas foram escolhidas para acompanhar Jendayi a sua terra natal. Plena de alegria, a haitiana levantou nos outros a suspeita de que apenas queria rever sua terra. Todos se enganaram quando ela os levou ao cemitério em que estavam sepultados seus antepassados. Em transe e fazendo invocações com a voz engrolada, ela trouxe das profundezas da terra e das trevas uma entidade macabra. Ambos conversaram numa língua ininteligível.

Voltaram. O mesmo grupo que acompanhou Jendayi ao Haiti, seguiu-a por todo o Brasil na sua peregrinação por cemitérios. Em cada um, ela repetia o transe e pronunciava palavras estranhas. Os mortos pela Covid-19 começavam a sair de seus caixões a galgar a superfície. Estava quase tudo resolvido. Os mortos voltaram aos seus entes queridos. Só que todos eles eram mortos-vivos. Eram zumbis. Todos eles morreriam duas vezes.



Alexandroefedrina - Substância psicoativa, alucinógena e balangandã encontrada nas lentes de câmeras de vídeo e em camisas do América. Nome científico: Bhaixistus Piadazinternus Acumulus.

Alfredando - Expressão utilizada num dito popular muito difundido nas rádios campistas. É alfredando que se recebe.

Álvaronil - Exclamação expletiva bradada ao cair de um banquinho em programa de televisão. Também é usada sempre que lembram do episódio.

Aquinoar - Sair batido, tal qual leite no liquidificador.

Arrudeio - Fazer uso de arroubos vocabulares no afã, com o intento e no intuito de, quem há de saber?, convencer outrem acerca da ilibada incontestabilidade de seu point of view. Ver jotapêrsuadir.

Cace o Pé Xoto - Distico não-datado encontrado na entrada do distrito de Mucufo, no formato de balãozinho de história em quadrinhos.

Florêncio - Fenômeno arbóreo que acontece em todas as primaveras no bar do Eranes. É possível acompanhar pelo Instagram.

Jorgeando - Expressão insignificante que não quer dizer nada. O mesmo que Arrocha, que não quer dizer nada para a música.

Landim dim dom - Apertar campainhas na Internet - só para ver o que acontece - e evadir-se, aquinoando. Ver aquinoar.

Lionel Moita - Cosplay verde-lamparão daquele outro Lionel, que não é o Messi. Canta versões em forró na Baixada da Égua.

Marcellendo Low Back - Cair de costas após uma leitura de alto impacto.

Mar Lúcio - Recurso hídrico alimentado pela ibitioca entre Mar Supial e Mar Tarrocha, formando assim a barafunda conhecida como Marrapá. Ver Mar Romeno.

Medeirante - Som que ecoa no batuque do pau-brasil com o Baobá, que faz retumbar um canto, um grito, um Eparrey.

Menezear - Mover a cabeça zécandidamente diante dos estapafúrdios que vê, ouve e lê de seus amigos, não deixando margem para saber se o gesto é de tristeza, comiseração ou desdém.

Moura na filosofia - Há duas interpretações para essa expressão. A primeira relaciona-se com lutar na Cavalhada de Santo Amaro contra os Cristãos. A segunda também, mas torce pelo Fluminense.

Pluhar - Trocadilho inevitável em um show de Sandy e Júnior: "vamu pluhar! vamuuuuuuu pluhaaaaar!>



Rosnaldar - Ato de falar palavrão para si mesmo, auto-xingar-se; Rosnar como um catiço, num fenômeno de autoflagelação.

Salesiana - Brisa que acompanha o carro da pamonha, muito comum no baixo Pelinca ou em Farol de São Tomé. Ou seria Grussaí? Ver Salete.

Soltou de Alencar - Gíria criada nos anos 70 e muito usada pelos jovens do Flamboyant para definir um estupor interrompido apenas pela passagem do carro da pamonha.

Xexéolento - Adjetivo que designa algo ou alguém que causa asco, repugnância, esgares e ranger de dentes em ignorantes e ignominiosos, com efeito demorado.

Wellingtomando - Ato de beber desgraçadamente e contar vantagens sobre tal; Organizar live de boteco para fazer comercial de cachaça e torresmo.

Wesley da Selva - Preceito solene surgido no tempo em que tudo aqui era mato e um pessoal chegou para botar fogo.

Zénriquecer - Escrever em pratos e cozinhar textos em fogo brando, com erudição, ora pro nobis e foie gras.



O FANTASIAR LITERÁRIO SOBRE O JÁ FANTASIADO DO VIVER

Na quarentena, sou bem menos divertido do que pareço e mais rabugento do que se possa imaginar. Quando, em nome do grupo, Marcelle Louback me fez o convite para o posfácio, inicialmente, não entendi muito bem a natureza do projeto. Ao ouvir dela um resumo, devo confessar que pensei: “Gezuis, tudo parece tão infinitamente chato. Imagina! Será um grupo entediado de ‘classe média sofre’, na wibe ócio criativo, a escrever sobre os seus amigos na pandemia”?

Se for...

Socorro, haja álcool gel para passar!

Pois bem, acabei aceitando a tarefa porque, além de gentil, o convite veio de Marcelle - talentosa, inteligente, admirável e de uma educação que faz você se sentir como alguém saído de um bueiro pré-civilizatório. Por conta de meu excesso de distração, demorei a entrar em contato com o material. Na realidade, os textos foram enviados para um zap antigo que eu já não usava mais. Quando tive acesso às criações, estava na estrada, indo em direção a Vitória, pensando que a viagem poderia demorar e eu tinha zilhões de coisas para fazer.

Então, comecei a ler.

Continuei a ler.

Não parei de ler.

E a viagem voou na viagem da leitura.

Fui para longe demais.

Textos despreziosos sobre a ficção do real, conduzidos por uma constelação criativa de artistas, jornalistas, escritores, influenciadores digitais, biriteiros, notívagos, músicos etc. E, como num road movie surpreendente, mesmo conhecendo a maioria dos remetentes e destinatários, viajei de coroa ao lado de Marcio de Aquino que não era Márcio de Aquino, Rodrigo Florêncio que não era Rodrigo Florêncio, Vitor Menezes que não era Vitor Menezes.

E quem eram, afinal?

Eram Márcio de Aquino, Rodrigo Florêncio e Vitor Menezes da fantasia fantasiada do outro.

E sem Carnaval.

Abster-se, afastar-se da carne.



Fantasiar.

Há uma recorrência na psicanálise de base freudiana em que a fantasia é compreendida como uma mediação entre a realidade psíquica e o laço social. De certo modo, como somos, por excelência, neuróticos, afogados na falta, acabamos por nos aproximar dos outros conduzidos pela lente especular da fantasia.

Assim, criar ficção sobre os nossos amigos nada mais é que o fantasiar literário sobre o já fantasiado do viver.

Eu, na condição de leitor, conhecido de alguns dos envolvidos no projeto, fantasei sobre a fantasia do fantasiado para acompanhar o encontro de Márcio de Aquino com "Eleonor" Rigiby, tomar Ypioca com Rodrigo Florêncio, conversar com o Vladimir Herzog e Samuel Wainer de Vítor Menezes, me descobrir ateu crédulo na companhia de Adriano Moura, presenciar o encontro de Marcelle com Rodrigo Cambará, embarcar no Denker com Wellington Cordeiro e descobrir com Xexéo que no fundo de toda falta, no terrível algoritmo do vírus, entre o dito e o não dito, há uma verdade da qual ninguém pode escapar:

All you need is love.

Já pode sair?

